

QUEM VAI GANHAR O CORAÇÃO DELA?



A COROA

livro 5 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

SEGUINTE





# A COROA

livro 5 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

Tradução  
CRISTIAN CLEMENTE

**SEGUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

*Para Guyden e Zuzu, os melhores personagens que já criei.*



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas

conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão.

— Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. —



Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede

nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considereei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavalheiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Seleccionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esperei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

*Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre esteve à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.*

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.



— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo

sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé. — Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram

esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Trago notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio

mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet. — Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver

ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grosseiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. — Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelos tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que



soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo.  
— Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal.

Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer.

Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como

vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Selecionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



ENTREI NA BANHEIRA E LOGO NOTEI que não havia lavanda nem sais nem qualquer espuma de banho. Eloise era discreta e ligeira, mas não era Neena. Suspirei. Não importava; pelo menos aquele era um espaço onde eu podia enfim parar de fingir que sabia o que estava fazendo. Abracei os joelhos contra o peito, finalmente livre para chorar.

O que eu ia fazer? Ahren já não estava mais ali para me orientar, e me preocupava a ideia de que eu podia cometer um erro atrás do outro sem ele. E por que ele ainda não tinha ligado? Por que não pegou o primeiro voo para casa?

O que eu ia fazer se tirassem os tubos da garganta da minha mãe e ela não conseguisse mais respirar por conta própria? De repente me dei conta de que, embora eu jamais tivesse pensado em casamento e filhos de maneira concreta e pessoal, sempre imaginei que ela dançaria em meu casamento e faria meu primogênito dormir. E se ela não estivesse presente para fazer isso?

Como eu assumiria o lugar do meu pai? Um dia só já tinha me cansado até os ossos. Eu era incapaz de me imaginar fazendo aquilo todos os dias pelas semanas seguintes, muito menos pelos anos que eu teria pela frente quando assumisse o trono.

E como eu escolheria um marido? Quem era a melhor opção? Quem teria mais aprovação do público? Aliás, essa pergunta era justa? Era a pergunta certa a fazer nesse caso?

Sequei os olhos com a palma da mão como uma criança e desejei voltar a um

tempo feliz em que eu ignorava a quantidade de coisas ruins que podiam acontecer num único dia.

Eu tinha poder e nenhuma ideia de como usá-lo. Era uma governante que não sabia liderar. Uma gêmea sem meu irmão. Uma filha de pais ausentes. Tinha meia dúzia de pretendentes e não sabia direito como me apaixonar.

A tensão que comprimia meu peito era suficiente para sufocar qualquer um. Esfreguei o peito dolorido, me perguntando se o problema de minha mãe tinha começado dessa maneira. Me sentei ereta, espirrando água e tentando bloquear essa ideia.

*Você está bem. Ela está bem. Você só precisa seguir em frente.*

Me vesti e estava quase pronta para dormir quando ouvi uma batida tímida na porta.

— Eady? — alguém chamou.

— Osten?

Ele espiou pela porta, com Kaden logo atrás. Corri até eles.

— Vocês estão bem?

— Estamos — Kaden garantiu. — Não estamos com medo nem nada do tipo.

— Nem um pouco — Osten acrescentou.

— Mas não ouvimos nenhuma notícia da mamãe e pensamos que talvez você soubesse de alguma coisa.

Dei um tapa na cabeça.

— Desculpem. Eu devia ter contado logo o que está acontecendo.

Fiquei muito irritada comigo mesma por ter acabado de passar vinte minutos na banheira em vez de usar esse tempo para encontrar meus irmãos.

— Ela está se recuperando — comecei, tentando escolher as palavras com cuidado. — Está sedada para poder sarar. Vocês conhecem a mamãe. Se estivesse acordada, ia querer correr atrás de nós para garantir que estivéssemos cumprindo nossas obrigações. Desse jeito, ela vai descansar o suficiente para estar saudável quando despertar.

— Ah — Osten ergueu os ombros, e percebi como aquilo tudo, por mais que me abalasse, era muito mais difícil para eles.

— E o Ahren? — Kaden perguntou, roendo a unha, coisa que nunca o vira

fazer.

— Nenhuma palavra ainda, mas tenho certeza de que é porque ele ainda está se adaptando. Afinal, é um homem casado agora.

A expressão de Kaden demonstrava sua insatisfação com a resposta.

— Você acha que ele vai voltar?

Respirei fundo.

— Não vamos nos preocupar com isso agora. Tenho certeza de que ele vai ligar logo e nos contar tudo. Por ora, tudo o que vocês precisam saber é que nosso irmão está feliz, que a mamãe vai ficar boa e que eu tenho tudo sob controle. Certo?

Os dois sorriram.

— Certo.

A expressão de Osten mudou de perfeitamente calma para completamente desesperada em segundos, e os lábios dele começaram a tremer.

— É culpa minha, não é?

— O que é culpa sua? — eu quis saber, já ajoelhada diante dele.

— A mamãe. É culpa minha. Ela sempre me dizia para ser um pouco mais comportado e depois passava a mão no cabelo como se estivesse exausta. É culpa minha. Eu deixei ela cansada demais.

— Pelo menos você não a incomodava tanto com coisas da escola — Kaden disse baixinho. — Eu sempre perturbava a mamãe para pedir livros e professores melhores, e ficava fazendo perguntas quando ela tinha outras coisas para fazer. Eu tomava todo o tempo dela.

Então todos se sentiam culpados. Perfeito.

— Osten, não pense isso. Nunca — insisti, puxando-o num abraço. — A mamãe é uma rainha. Quando muito, você é a parte menos estressante da vida dela. Sim, é difícil ser mãe, mas ela sempre podia vir correndo para nós se precisasse rir um pouco. E quem é o mais engraçado de nós quatro?

— Eu — a voz de Osten saiu fraca, mas ele chegou a sorrir um pouco enquanto esfregava o nariz.

— Exato. E Kaden, você acha que a mamãe prefere que você faça vinte perguntas a ela ou que continue vivendo com as respostas erradas?

Ele mordeu a unha um pouco mais enquanto pensava na resposta.

— Ela prefere que eu faça perguntas.

— Viu só? E vamos ser sinceros: somos uma turma bem complicada, né? — Osten riu e o rosto de Kaden se iluminou. — Mas não importa o que a fazíamos passar, ela aceitava de bom grado. Ela com certeza preferia me forçar a aprender caligrafia do que nunca ter tido uma filha. Ela preferia ser a sua enciclopédia ambulante do que não estar próxima de nós. Ela preferia implorar para você ficar quieto do que ter tido apenas três filhos. Nada disso é culpa nossa — garanti.

Esperei os dois me darem as costas e saírem correndo, para tentar superar o fato de que tinham exposto essa minúscula rachadura na armadura deles. Mas eles não se moveram. Suspirei, ciente do que queriam e disposta a perder um pouco do meu tão necessário sono por causa deles.

— Vocês querem dormir aqui?

Osten voou para a minha cama.

— Sim!

Balancei a cabeça. O que eu ia fazer com aqueles garotos? Me arrastei para a cama. Kaden apoiou o corpo contra minhas costas enquanto Osten descansava a cabeça no travesseiro do outro lado. Reparei que a luz do banheiro estava acesa, mas deixei. Precisávamos de um pouco de luz no momento.

— Não é o mesmo sem o Ahren — Kaden disse baixinho.

Osten chegou mais perto, se aconchegando.

— É. Não é normal. Falta alguma coisa.

— Eu sei. Mas não se preocupem. Vamos achar um novo normal. Vocês vão ver.

De algum jeito, por eles, eu faria isso acontecer.



— BOM DIA, ALTEZA.

— Bom dia — respondi ao mordomo. — Café forte, por favor, e o que o chef tiver preparado para a Elite está bom para mim.

— Claro.

Ele voltou com panquecas de mirtilo, linguiça e um ovo cozido cortado ao meio. Comi devagar enquanto corria os olhos pelos jornais. Havia notícias sobre o mau tempo numa seção e um pouco de especulação sobre com quem eu me casaria em outra, mas no geral a nação inteira parecia ter perdido a vontade de fazer qualquer coisa além de se preocupar com a minha mãe. Ainda bem. Depois da carta de Ahren, eu estava convicta de que o país se revoltaria quando eu fosse nomeada regente. Parte de mim ainda estava preocupada com a possibilidade de eu ser massacrada pelo ódio do povo ao menor indício de fracasso.

— Bom dia hoje! — alguém saudou. Não *alguém*. Eu reconheceria o cumprimento de Henri mesmo debaixo d'água.

Levantei a cabeça para sorrir e acenar para ele e para Erik. Eu meio que adorava o fato de Henri ser impermeável à tristeza que pairava sobre o palácio. E Erik parecia a âncora que o trazia de volta para a terra, com calma e delicadeza, independente do que acontecesse ao redor dele.

Osten e Kaden entraram com Kile, um ao lado do outro. Kile tentava fazer meus irmãos rirem — dava para notar pelos gestos —, enquanto os dois, por sua vez, davam sorrisinhos pouco entusiasmados. Ean apareceu com Hale e Fox. Foi



uma surpresa agradável vê-lo finalmente interagir com outros pretendentes. Gunner seguia-os como que abandonado. Eu decidira mantê-lo na Elite porque não conseguia esquecer do quanto o seu poema tinha me feito rir. Mas, fora isso, eu mal o conhecia. Precisava me esforçar mais com ele, com todos.

Meus irmãos sentaram nos lugares de sempre, mais quietos do que o habitual. O vazio da mesa da nossa família me causava uma pontada de dor. Esse tipo de tristeza, silenciosa e solitária, é capaz de tomar conta tão rápido que às vezes nem notamos. Dava para ver que ela se abatia sobre meus irmãos naquele momento, pela maneira como estavam de cabeça baixa sem nem se dar conta.

— Osten?

Meu irmão levantou o olhar para mim, e notei os olhos da Elite sobre nós.

— Você lembra — prossegui — daquela vez que a mãe fez panqueca para a gente?

Kaden começou a rir e virou para os outros para contar a história.

— Ela costumava cozinhar bastante quando era jovem e, de vez em quando, fazia comida para nós, só por diversão. A última vez que tentou foi há uns quatro anos, talvez.

Abri um sorriso e complementei:

— Ela sabia que estava enferrujada, mas queria fazer panquecas de mirtilo. O problema era que ela queria formar estrelas, flores e carinhas com os mirtilos. Mas deixou a massa tanto tempo na frigideira para aquecer as frutinhas que, na hora de virar, estava tudo queimado.

Osten riu.

— Eu lembro, sim! Das panquecas crocantes!

Ouvi risadas da Elite.

— Mas você foi tão chata naquele dia. Não quis provar nenhuma! — Kaden acusou.

Confirmei com a cabeça, envergonhada.

— Foi instinto de sobrevivência.

— Elas estavam bem gostosas, na verdade. Duras, mas boas — Osten deu uma mordida numa das panquecas de seu prato. — Estas são fracas perto delas.

Ouvi uma risada alta e vi Fox sacudindo a cabeça.

— Meu pai é um péssimo cozinheiro também — falou, projetando a voz. — Fazemos bastante churrasco e ele sempre diz que deixa tudo “bem tostadinho” — completou, pondo aspas nas duas últimas palavras com os dedos.

— Mas na verdade fica tudo queimado, né? — Gunner perguntou.

— Exatamente.

— Tem um prato... — Erik começou, tímido. Fiquei surpresa de vê-lo querer participar da conversa. Quando dei por mim, já estava debruçada sobre a mesa, concentrada. — ... que meu pai e minha mãe costumam fazer um para o outro e é frito. Na última vez que meu pai foi fazer, saiu da cozinha e deixou a comida no fogo. Foi tanta fumaceira que os dois tiveram que mudar de quarto por dois dias enquanto arejavam a casa.

— Vocês têm quarto de hóspedes? — Kile quis saber.

Erik negou com a cabeça.

— Não. Então a sala virou meu quarto. O que era ótimo quando minha mãe acordava às seis e resolvia fazer faxina.

Gunner concordou entre risos.

— Por que os pais sempre fazem isso? E sempre naquele único dia que você pode dormir até mais tarde.

Apertei os olhos, confusa.

— Mas vocês não podem simplesmente pedir para eles não fazerem isso?

Fox riu alto.

— Talvez a senhorita possa, Alteza.

Eu tinha plena consciência de que aquilo tinha sido uma provocação, mas também sabia que era tudo brincadeira.

Hale entrou no papo:

— Por falar nisso, mais alguém aqui está preocupado em perder e não conseguir se acostumar quando voltar para a casa, depois de ter vivido deste jeito? — ele perguntou, apontando a mesa e a sala.

— Eu não — Kile respondeu na lata, e todos os garotos explodiram numa gargalhada.

A sala de jantar se encheu de conversas e de histórias, cada uma trazendo uma nova lembrança de alguém. O papo ficou tão alto e as gargalhadas tão

estrondosas que ninguém notou a criada solitária que passou pelo meio da sala. Ela fez uma reverência e aproximou o rosto do meu.

— Sua mãe acordou.

Uma enxurrada de emoções tomou conta de mim, uma dúzia de sentimentos, todos praticamente indistinguíveis a não ser pela sensação comum de alegria.

— Obrigada! — Saí da sala em disparada, receosa demais para esperar Kaden e Osten.

Voei pelo corredor e invadi a ala hospitalar. Só me detive ao chegar ao quarto onde ela estava, para me preparar. Enquanto abria a porta bem devagar, ouvi o som do monitor cardíaco, ainda registrando cada batimento, e percebi que o ritmo acelerou ligeiramente quando nossos olhos se encontraram.

— Mãe? — sussurrei.

Meu pai olhou por cima do ombro, sorrindo, embora seus olhos estivessem vermelhos e marejados.

— Eadlyn — minha mãe sussurrou ao estender a mão.

Fui até ela. As lágrimas embaçavam tanto a minha visão que mal conseguia distinguir minha mãe.

— Oi, mãe. Como você está?

Enlacei os dedos nos dela, tentando não apertar muito.

— Sinto um pouco de dor — ela disse, o que significava que devia doer pra caramba.

— Bom, vá com calma na recuperação, certo? Nada de pressa.

— Como você está?

Endireitei o corpo na esperança de convencê-la.

— Tudo sob controle, e Kaden e Osten estão ótimos. Tenho certeza de que já estão vindo. E tenho um encontro hoje à noite.

— Muito bom, Eady — meu pai interveio, radiante, e em seguida se voltou para ela de novo. — Viu, querida? Nem precisam de mim lá fora. Posso ficar aqui com você.

— E Ahren? — minha mãe perguntou, respirando fundo.

Fiquei arrasada. Assim que abri a boca para dizer que não tínhamos notícias dele, meu pai falou:

— Ele ligou hoje de manhã.

Fiquei pasma.

— Ah é?

— Ele quer vir logo, mas disse que houve umas complicações, e se enrolou um pouco para explicar. Pediu para dizer que te ama.

Por um momento esperei que aquelas palavras fossem para mim, mas meu pai falava diretamente para minha mãe.

— Quero meu filho aqui — minha mãe disse com a voz fraca.

— Eu sei, querida. Só mais um pouco — meu pai consolou, acariciando a mão dela.

— Mamãe?

Osten entrou no quarto, e dava para ver em seu rosto que ele mal conseguia conter a empolgação. Kaden segurava as lágrimas e se mantinha de cabeça erguida, como se chorar fosse algo muito inferior para ele.

— Oi, queridos — minha mãe falou, fazendo força para abrir um sorriso largo para os dois. Quando Osten se inclinou para abraçá-la, ela fez uma cara de dor, mas não deixou escapar nem um barulhinho sequer.

— A gente se comportou muito bem — ele garantiu.

Minha mãe sorriu.

— Pois podem parar já com isso.

Demos risada.

— Oi, mãe — Kaden cumprimentou antes de dar um beijo na bochecha dela, ainda com medo de tocá-la.

Minha mãe ergueu a mão para segurar o rosto dele. Parecia ficar mais forte a cada segundo simplesmente por nos ver ali. Comecei a imaginar o que ela faria se Ahren estive junto. Pularia da cama?

— Quero que saibam que estou bem — ela falou. Seu peito arfava intensamente, mas o sorriso não vacilava. — Acho que posso subir amanhã.

Meu pai concordou ligeiramente com a cabeça.

— Se não houver incidentes até o fim do dia, sua mãe pode se recuperar no quarto dela.

— Que ótimo — Kaden comentou, mais animado depois da notícia. — Então

você está a meio caminho de voltar ao normal.

Eu não queria acabar com a esperança dele nem de Osten. Kaden costumava ser muito esperto, sempre percebendo a verdade por trás de qualquer dissimulação, mas não havia como negar que ele desejava muito que aquelas palavras fossem verdade.

— Exatamente — minha mãe concordou.

— Muito bem, pessoal — meu pai disse. — Agora que já viram a mamãe, quero que voltem para os estudos. Ainda temos um país para governar.

— Eadlyn nos deu folga hoje — Osten protestou.

Sorri, culpada. Sair da cama pela manhã tinha sido minha única ordem. Eles precisavam se divertir.

Minha mãe soltou um riso fraco mas gostoso de ouvir.

— Que rainha generosa.

— Ainda não sou rainha — protestei, grata pelo fato de a rainha de verdade estar viva, falando e sorrindo.

— Não importa — meu pai disse. — Sua mãe precisa descansar. Vocês podem vê-la de novo antes de dormir.

A ideia amoleceu os garotos, que saíram acenando para nossa mãe.

Beijei a testa dela.

— Eu te amo.

— Minha menina — ela disse, tocando meu cabelo com seus dedos frágeis. — Também te amo.

Aquelas palavras foram o primeiro marco do meu dia, e eu seria capaz de chegar até o fim dele sabendo que Kile Woodwork seria o último.

Ao sair da ala hospitalar, encontrei outra Woodwork.

— Madame Marlee? — chamei.

Ela levantou os olhos do banco onde estava sentada, torcendo um lençinho; o rosto vermelho de tanto chorar.

— Está tudo bem?

Ela sorriu.

— Mais do que bem. Tinha tanto medo de ela não voltar, e... para ser sincera não sei o que faria sem ela. Estar aqui com a sua mãe é a minha vida.

Sentei e dei um abraço na amiga mais querida da minha mãe, e ela me apertou como se eu fosse sua filha. Parte de mim estava triste, porque eu sabia que ela não estava sendo dramática. As cicatrizes em suas mãos revelavam sua longa trajetória: de competidora valorosa a traidora maldita, e então a dama fiel. Quando ela conversava com a minha mãe sobre o passado, alguns detalhes não ficavam claros, mas nunca insisti porque não era da minha conta. Às vezes, porém, eu ficava preocupada que madame Marlee ainda sentisse que o perdão dos meus pais devia ser pago com a total devoção dela e do marido.

— Disseram que você e seus irmãos tinham vindo visitá-la. Queria vê-la também, mas não quero interromper o tempo de vocês.

— Mas você não viu os garotos saírem? Já terminamos. Vá logo antes que ela volte a dormir. Sei que ela ia gostar de te ver.

Ela secou as bochechas de novo.

— Como estou?

Comecei a rir.

— Definitivamente abatida — eu disse, apertando o braço dela. — Entre. Será que você conseguiria vir aqui e ver como os dois estão de vez em quando? Sei que não vou conseguir descer o tanto que gostaria.

— Não se preocupe. Vou mandar notícias sempre que puder.

— Obrigada, madame Marlee.

Depois de um último abraço, ela entrou na ala hospitalar. Soltei um suspiro na tentativa de desfrutar daquele breve momento de calma. Pelo menos por enquanto, tudo estava no caminho certo.



KILE PÔS A MÃO NA MINHA CINTURA e me conduziu pelo jardim. A lua estava baixa e cheia, projetando sombras apesar da noite.

— Você foi espetacular hoje de manhã — ele disse, balançando a cabeça. — Estávamos todos preocupados com a sua mãe, e é muito estranho não ter Ahren por perto. E Kaden? Nunca vi o garoto tão... aturdido.

— É péssimo. E ele geralmente é o mais equilibrado.

— Não se preocupe demais. Faz sentido que ele esteja abalado agora.

Me aproximei ainda mais de Kile.

— Eu sei. Só é difícil ver isso acontecer com alguém que em geral não se abala.

— Por isso o café da manhã foi ótimo. Eu achava que ia ser uma refeição triste e que não daria para conversar sobre o que estava acontecendo, nem sobre qualquer outra coisa, aliás. Foi incrível. Não se esqueça dessa sua habilidade — ele disse, com o dedo apontado para mim.

— Que habilidade? Distração? — questionei, rindo.

— Não — ele respondeu, procurando as palavras. — Está mais para a capacidade de deixar a situação mais leve. Quer dizer, você já fez isso antes. Nas festas ou no *Jornal Oficial*. Você muda o clima. Nem todo mundo é capaz disso.

Caminhamos até a beira do jardim, onde o terreno se abria num espaço enorme e plano antes de a floresta começar.

— Obrigada. Isso significa muito para mim. Estava preocupada.

— Não há nada de errado em se preocupar.

— É mais do que a situação da minha mãe — comecei, mas logo parei. Pus as mãos no quadril, pensando em quanto eu deveria dividir com ele. — Ahren me deixou uma carta. Você sabia que o povo está insatisfeito com a monarquia? Comigo, especificamente. E agora basicamente estou no comando e, para ser sincera, não sei se vão me apoiar. Já jogaram comida em mim uma vez. Li tantos artigos horríveis a meu respeito... E se quiserem se livrar de mim?

— E se quiserem? — Kile brincou. — Opções não faltam. Podíamos virar uma ditadura, aí o povo entraria na linha. Uma república federativa, monarquia constitucional... Ah, teocracia, talvez! Podíamos entregar tudo nas mãos da igreja.

— Kile, estou falando sério! E se me depuserem?

Ele tomou meu rosto nas mãos e assegurou:

— Eadlyn, isso não vai acontecer.

— Mas já aconteceu antes! Foi assim que meus avós morreram. Entraram na casa deles e mataram os dois. E todo mundo idolatrava minha vó! — Já sentia meus olhos marejarem. Argh, como eu estava chorona naqueles últimos dias! Sequei as lágrimas, esbarrando nos dedos dele.

— Me escute. Aquilo foi coisa de um grupo radical. O movimento se desfez, e o povo lá fora está ocupado demais vivendo a própria vida para perder tempo atrapalhando a sua.

— Não posso apostar minhas fichas nisso — murmurei. — Sempre tive certeza de algumas coisas, e quase todas desmoronaram nas últimas semanas.

— Você... — Ele fez uma pausa, olhando bem nos meus olhos. — Você está precisando parar de pensar um pouco?

Engoli em seco enquanto processava a proposta. Nós dois ali, a sós naquela noite escura e silenciosa... Lembrava muito a noite do nosso primeiro beijo. Só que dessa vez ninguém nos observava, ninguém ia estampar nossa foto nos jornais. Nossos pais estavam longe, e nenhum guarda seguia nossos passos. Para mim, isso queria dizer que, por apenas um momento, não havia nada que me impedisse de ter o que queria.

— Eu faria qualquer coisa que você me pedisse, Eadlyn — ele sussurrou.



Balancei a cabeça.

— Mas não posso pedir.

Ele apertou os olhos, confuso.

— Por que não? O que eu fiz de errado?

— Não, seu idiota — repliquei, me afastando. — Pelo jeito... — Bufe. — Pelo jeito você fez alguma coisa certa. Não posso beijar você como se não fosse nada, porque não é como se você não significasse nada.

Olhei para o chão, ficando cada vez mais irritada.

— É tudo culpa sua, aliás! — acusei, lançando um olhar fulminante para Kile enquanto andava de um lado para o outro. — Eu estava muito bem sem gostar de você. Estava muito bem sem gostar de ninguém.

Antes de continuar, cobri o rosto com as mãos.

— E agora estou no meio desse furacão e tão perdida que nem consigo pensar direito. Sinto algo por você e não sei o que fazer com isso. — Quando juntei coragem suficiente para olhar para ele de novo, encontrei um sorriso malicioso. — Pelo amor de Deus, não faça essa cara de convencido.

— Desculpe — ele disse, ainda sorrindo.

— Você faz ideia de como é assustador dizer tudo isso?

Ele chegou mais perto.

— Quase tão assustador quanto ouvir tudo isso.

— Estou falando sério, Kile.

— Eu também! Em primeiro lugar, é estranho pensar no que tudo isso quer dizer. Porque você vem com um título e um trono e uma vida inteira planejada pela frente. Pra mim é insano tentar digerir isso. Em segundo lugar, mais do que qualquer outra pessoa aqui, sei que você esconde o jogo. Uma confissão como essa deve ter sido *dolorosa*.

Concordei com a cabeça.

— Não é que eu esteja com raiva de gostar de você... mas meio que estou.

Ele riu.

— É compreensível.

— Mas preciso saber, agora, antes de darmos qualquer outro passo: você sente alguma coisa parecida por mim? Uma faísca minúscula que seja? Porque, do

contrário, vou ter que fazer alguns planos.

— E se eu sentir?

Levantei os braços e os deixei cair novamente.

— Ainda vou ter que fazer planos, mas diferentes.

Ele soltou um suspiro pesado.

— Eu também sinto algo por você. E não teria me dado conta disso se não fosse pelos projetos que fiz ultimamente.

— Hum... Era pra ser romântico?

Ele riu.

— Não, de verdade, até que é. Geralmente eu me empolgo com projetos de arranha-céus e abrigos para moradores de rua, coisas que vão ficar na memória ou que podem ajudar as pessoas. Mas outro dia me peguei projetando uma casa de verão para você, uma versão em miniatura de um palácio ou talvez uma casa num vinhedo. Hoje de manhã tive a ideia de uma casa de praia.

Fiquei boquiaberta.

— Eu sempre quis uma casa de praia!

— Não que daria pra gente usar se você governasse o mundo e tudo mais.

— É uma ideia fofa mesmo assim.

Ele deu de ombros.

— Parece que nos últimos tempos tudo o que eu quero fazer é para você.

— Isso quer dizer muito. Sei o quanto seu trabalho é importante para você.

— Não é bem meu trabalho. É só uma coisa que eu gosto.

— Pois bem, então. E se, por enquanto, a gente encarasse nosso relacionamento desse mesmo jeito? A gente gosta um do outro, sabe disso, e agora vamos ver o que acontece.

— Justo. Não quero te desencorajar de jeito nenhum, mas acho que é cedo demais para chamar isso de amor.

— Com certeza! — concordei. — Cedo demais para uma coisa tão grande.

— Tão complicada.

— Tão assustadora.

Ele riu.

— No mesmo nível de perder o trono?

— Dá pelo menos empate!

— Certo. Tudo bem, então — ele disse sem deixar de sorrir, talvez também pensando em como era improvável gostarmos um do outro. — E agora?

— Eu continuo com a Seleção, acho. Não quero te magoar, mas preciso seguir em frente. Preciso ter certeza.

Ele concordou.

— Eu não ia querer se você não tivesse.

— Obrigada, senhor.

Permanecemos ali, parados, ouvindo apenas o vento na grama.

Ele limpou a garganta.

— Acho que precisamos de comida.

— Desde que eu não tenha que cozinhar.

Ele passou o braço pelo meu ombro e viramos para voltar ao palácio. Parecia um gesto de namorado.

— Mas nos saímos tão bem na última vez.

— Só aprendi sobre manteiga.

— Então aprendeu tudo.

Na manhã seguinte, fui direto para a ala hospitalar, desesperada para ver o rosto da minha mãe. Mesmo que ela estivesse dormindo, eu só precisava de uma confirmação de que ela estava viva e se recuperando. Mas quando abri a porta, ela estava sentada, bem desperta... e meu pai dormia. Sorrindo, ela levou um dedo à boca. Com a outra mão, traçava linhas delicadas no cabelo do meu pai, que estava deitado esparramado, metade na cadeira e metade na cama, um braço debaixo da cabeça e o outro no colo dela.

Em silêncio, fui até o outro lado da cama para dar um beijo na bochecha da minha mãe.

— Eu acordo a noite toda — ela cochichou, apertando de leve a minha mão. — Esse monte de tubos e fios me incomoda. E toda vez ele está acordado, me observando. Ver seu pai dormir faz bem pra mim.

— Pra mim também. Ele andava meio acabado.

Ela sorriu.

— Ah, já vi pior. Mas ele vai superar isso também.

— Os médicos já vieram ver como você está hoje?

Ela fez que não.

— Pedi para virem depois que ele descansar um pouco. Volto para o quarto depois.

Claro. Claro que a mulher que tinha acabado de ter um infarto podia adiar a mudança para um lugar mais confortável para que o marido pudesse tirar um cochilo. Sério, mesmo que eu encontrasse alguém, como se compararia a isso?

— Como você está? Estão te ajudando? — minha mãe perguntou sem parar de fazer cafuné no meu pai.

— Demiti Coddly. Acho que não contei pra você ontem.

Ela ficou imóvel, me encarando.

— O quê? Por quê?

— Ah, nada grave. Ele só queria começar uma guerra.

Ela cobriu a boca, tentando não rir do modo casual com que discuti a questão. Um segundo depois ela parou de rir totalmente e levou as duas mãos ao peito.

— Mãe? — perguntei alto demais, e meu pai levantou a cabeça no ato.

— Querida? O que houve?

Minha mãe balançou a cabeça.

— Só os pontos. Tudo bem.

Meu pai voltou a se ajeitar na cadeira; já não queria saber de dormir. Minha mãe tentou retomar a conversa, fazendo de tudo para tirar o foco de si mesma.

— E a Seleção? Como vão as coisas?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Hum, vai bem, acho. Não tenho conseguido passar muito tempo com os garotos, mas vou trabalhar nisso. Principalmente porque logo vai ter *Jornal*.

— Sabe, querida, ninguém vai te culpar se você cancelar a Seleção. Você passou por muita coisa na última semana e agora é regente. Não sei se deveria tentar equilibrar as duas coisas.

— Os garotos são ótimos — meu pai comentou —, mas se estão tirando demais o seu foco...

Suspirei.

— Acho que podemos parar de ignorar o fato de que eu não sou o membro mais amado da família. Pelo menos não para o público em geral. Vocês dizem que ninguém vai me culpar, mas tenho certeza que vão. — Minha mãe e meu pai trocaram olhares. Pareciam querer refutar o que tinha dito, mas ao mesmo tempo não queriam mentir. — Se quero ser rainha um dia, preciso conquistar o povo.

— E você acha que encontrar um marido é a melhor maneira de conseguir isso? — minha mãe perguntou desconfiada.

— Acho. Tudo gira em torno da imagem que fazem de mim. Acham que sou fria demais. A maneira mais certa de refutar isso é me casar. Acham que sou masculina demais. A maneira mais certa de refutar isso é aparecer vestida de noiva.

— Não sei. Ainda tenho dúvidas sobre continuar a Seleção.

— Será que preciso lembrar que a ideia foi sua?

Ela soltou um suspiro.

— Ouça sua filha — meu pai disse. — Ela é uma garota esperta. Puxou isso de mim.

— E você não quer dormir mais um pouco, querido? — ela perguntou seca.

— Não. Estou me sentindo renovado — ele respondeu. Não sei se disse isso para continuar a conversa ou se sentia necessidade de ficar de olho na minha mãe. De um jeito ou de outro, era evidente que estava mentindo.

— Pai, parece que a morte em pessoa deu um soco na sua cara.

— Você deve ter puxado isso de mim também.

— Pai!

Ele riu e minha mãe também, de novo pressionando o próprio peito.

— Olha só! Suas piadas péssimas agora são um risco de morte. Você precisa parar com isso.

Ele e minha mãe trocaram sorrisos.

— Vá fazer o que tem que fazer, Eadlyn — ela disse. — Vamos te dar todo apoio que pudermos.

— Obrigada. Vocês dois, por favor, vão descansar.

— Ai, como ela é mandona — minha mãe lamentou.

Meu pai concordou com a cabeça.

— Eu sei. Quem ela pensa que é?

Lancei um último olhar para eles. Meu pai piscou para mim. Já não me importava quem bateria de frente comigo naquele dia. Ao menos eu tinha meus pais.

Me despedi e subi as escadas até o escritório. Fiquei chocada ao encontrar um belo buquê de flores na minha mesa.

— Alguém acha que você está se saindo muito bem no trabalho, hein? — Neena comentou.

— Ou acha que vou morrer de estresse e queria ser o primeiro a mandar flores — brinquei, sem querer admitir o quanto tinha ficado feliz com a surpresa.

— Anime-se. Você tem sido ótima — Neena disse, mas sem olhar para mim. Ela olhava fixo para o cartão.

Puxei-o para perto do peito em meio às reclamações dela e o ergui o suficiente para que apenas eu conseguisse ler.

Você parecia meio triste quando nos despedimos no outro dia. Queria que o dia de hoje começasse mais feliz. Estou aqui para o que precisar.

Marid

Sorri e passei o cartão para Neena, que suspirou antes de voltar a olhar o buquê enorme.

— Quem mandou isso? — o general Leger perguntou ao cruzar a porta.

— Marid Illéa — respondi.

— Ouvi dizer que ele fez uma visita. Só veio trazer presentes ou precisava de alguma coisa? — o general quis saber, a voz tingida de ceticismo.

— Por incrível que pareça, veio para conferir se eu não precisava de algo. Se ofereceu para me dar uma mão com o público. Sabe bem mais sobre a vida das pessoas no período pós-castas do que eu.

O general Leger passou para o meu lado da mesa e olhou fixamente para o arranjo extravagante.

— Não sei. As coisas não terminaram muito bem entre a sua família e a dele.

— Eu lembro. Vivamente. Mas pode ser bom aprender um pouco agora e me

preparar para quando chegar a minha vez.

O general sorriu para mim, com o rosto mais ameno.

— Sua vez já chegou, Alteza. Tenha cuidado antes de decidir confiar em alguém, certo?

— Sim, senhor.

Neena ainda agia meio deslumbrada.

— Alguém precisa dizer a Mark para se esforçar mais. Acabei de receber uma promoção gigante. Cadê as minhas flores?

— Talvez ele planeje entregar pessoalmente. Muito mais romântico — eu disse.

— Pfff! Do jeito que ele trabalha? — ela questionou, cética. — Se todos no palácio morressem e eu por algum motivo virasse rainha, ainda assim ele não conseguiria uma folga. Está sempre tão ocupado.

Embora Neena tentasse fazer piada, dava para perceber seu incômodo.

— Mas ele ama o trabalho, não é?

— Ah, sim, ele gosta da pesquisa. Só é difícil porque ele está longe e sempre trabalhando muito.

Não sabia mais o que dizer sobre o assunto, então reconduzi a conversa para o presente que tinha acabado de ganhar.

— Essas flores são um pouco demais, você não acha?

— Acho perfeitas.

Balancei a cabeça.

— Em todo caso, devem ser levadas para outro lugar.

— A senhorita não quer olhar para elas? — Neena questionou quando foi pegar um vaso.

— Não. Preciso de espaço na mesa.

Ela deu de ombros e levantou o arranjo com cuidado para levá-lo à sala de estar. Sentei à mesa e tentei me concentrar. Eu precisava de foco se quisesse conquistar meu povo. E era isso que eu precisava fazer — era isso que Ahren tinha dito.

— Espere! — minha voz saiu um pouco mais alta do que eu pretendia, e Neena tomou um susto. — Traga o arranjo de volta.

Ela fez uma careta, mas devolveu as flores mesmo assim.

— O que fez a senhorita mudar de ideia?

Levantei o olhar para o buquê e corri os dedos por algumas pétalas que pendiam mais embaixo.

— Acabo de lembrar que posso ser líder e ainda gostar de flores.





PERTO DA HORA DO JANTAR, eu receava cair no sono em cima do prato. Talvez ninguém se importasse se eu não comparecesse. As refeições vinham sendo silenciosas, a não ser que eu me esforçasse pelo contrário. Mas quando descí as escadas e vi minha avó materna batendo num guarda com a bolsa, tive certeza de que a noite seria tudo menos chata.

— Não venha me dizer que não posso chegar numa hora dessas! — ela berrou enquanto sacudia o punho enrugado. Mordi o lábio para conter o riso.

— Mas eu não disse isso, madame — o guarda argumentou com a voz tensa. — Só falei que estava ficando tarde.

— A rainha vai querer me ver!

A vó Singer era uma criatura temível. Se eclodisse uma guerra durante o meu reinado, meu plano seria mandá-la para a frente de batalha. Ela voltaria para casa segurando o inimigo pela orelha em uma semana.

Fui até o saguão.

— Vó!

No ato ela deu as costas para o guarda e me encarou, se desmanchando na mais carinhosa das expressões.

— Ah, aí está minha preciosa. A TV não te faz justiça. Você é tão linda!

Me inclinei para que ela pudesse beijar minhas duas bochechas.

— Obrigada... acho.

— Cadê a sua mãe? Fazia tempo que eu queria vir, mas May insistia para eu

não me meter.

— Está bem melhor agora. Posso levar a senhora até ela, mas não prefere comer e se recuperar da viagem antes? — perguntei, indicando a sala de jantar.

Minha vó chegou a morar no palácio quando eu era mais nova, mas, depois de minha mãe passar anos tentando cuidar dela, a velha Singer não aguentou e um belo dia foi embora. A “longa viagem” que fazia até o palácio consistia, na verdade, em atravessar a cidade em uma hora, mas, pela reação da minha avó, parecia a travessia de Illéa de ponta a ponta.

— Isso sim seria maravilhoso — ela disse antes de vir ficar ao meu lado. — Viu? É assim que se trata os idosos. Com respeito — ela acrescentou, lançando um olhar cortante para o pobre guarda, que permanecia estupefato, com a bolsa dela nas mãos.

— Obrigada, soldado Farrow. Por favor, leve a bolsa para a suíte de hóspedes com vista para os jardins no terceiro andar.

Ele fez uma reverência e saiu enquanto nós duas nos dirigíamos para a sala de jantar. Alguns dos garotos já estavam lá e arquearam as sobrancelhas ao ver a mãe da rainha. Fox logo se aproximou para se apresentar.

— Sra. Singer, é um prazer conhecê-la — disse com a mão estendida.

— Veja, este aqui é bonito, Eady. Olhe o rosto dele — minha vó comentou agarrando o queixo do rapaz, que ria por entre os dedos dela.

— É sim, vó. Eu sei. É um dos motivos para ele ainda estar aqui — eu disse. Murmurei um pedido de desculpas, mas Fox balançou a cabeça, radiante com a aprovação da minha vó.

Gunner, Hale e Henri vieram todos juntos para conhecê-la, e aproveitei a oportunidade para cochichar com Erik.

— Algum compromisso amanhã?

Ele fez uma cara confusa.

— Acho que não. Por quê?

— Estou planejando uma coisinha com Henri.

— Ah — ele disse, balançando a cabeça como se minha resposta fosse óbvia.

— Não, estamos livres.

— Ótimo. Não comente — insisti.

— Claro que não.

— Quê? — minha vó berrou. — Fale de novo.

Erik deu um pulo e se curvou diante dela.

— Perdão, senhora. O sr. Henri nasceu na Noruécia e só fala finlandês. Sou o intérprete dele. Ele diz que está encantado por conhecê-la.

— Ah, certo, certo. — Minha vó tomou a mão de Henri. — É UM PRAZER CONHECER VOCÊ TAMBÉM!

Levei-a até a mesa da minha família.

— Ele não é surdo, vó.

Ela deu de ombros, como se isso bastasse como explicação.

— A senhora tem falado com o tio Gerad?

— Gerad quer vir para cá, mas está trabalhando num projeto de prazo bem curto. Você sabe que nunca entendo uma palavra do que ele diz. — Minha vó agitou as mãos no ar, como se enxotasse as palavras complicadas que meu tio usou. — Tive notícias de Kota também. Não sabe se deve passar aqui ou não. Sua mãe e ele até tentaram ao longo dos anos, mas os dois parecem incapazes de manter a educação um com o outro. Mas ele melhorou. Acho que foi a esposa.

Fomos para o outro lado da mesa, e ela se sentou no meu lugar. Embora fosse temporário, eu achava muito estranho sentar no lugar do meu pai. Tanta coisa tinha sido confiada a mim e, mesmo assim, minha sensação era de ter roubado alguma coisa dele.

— A tia Leah dá mesmo a impressão de que sabe acalmar os outros — concordei. — Acho que isso é importante, um complementar o outro.

Os mordomos logo se apressaram em trazer um pouco de sopa para minha avó, pois conheciam a paciência curta dela. Sorrindo, observei-a começar a comer.

— Funcionou para mim e seu avô. Para os seus pais também.

Ao ouvir isso, ignorei meu prato e apoiei o queixo na mão.

— Como era o vovô?

— Um homem bom. Muito bom. Sempre queria fazer a coisa certa. Demorava mais para se irritar do que eu e não desanimava. Gostaria que você o tivesse conhecido.

— Eu também.

Deixei minha vó comer e me peguei correndo os olhos pela sala. Kile era o contrário de mim por ser humilde em aspectos que eu era orgulhosa. Henri era o contrário de mim por ver alegria onde eu só enxergava desafio. Ean, Fox, Gunner... Cada um tinha uma característica que era oposta na minha personalidade.

— A francesinha é assim para Ahren? — minha vó perguntou, sem se esforçar para esconder o desgosto.

Pensei um pouco antes de responder.

— Na verdade, não. É como se fossem duas metades do mesmo coração em corpos diferentes — comecei, e meus olhos lacrimejaram. Estava tão cansada e com tanta saudade dele. — Não sou nem capaz de começar a descrever o quanto ele a ama.

Minha vó resmungou.

— O suficiente para sair de casa.

Suspirei devagar.

— Exatamente, vó. Ele sofria tanto longe dela que foi capaz de suportar a dor de abandonar a família, a casa e o país, sem nem saber como seria recebido, apenas para estar com ela.

Ela notou a tristeza na minha voz e pôs a mão sobre a minha.

— Está tudo bem, querida?

— Claro. Só estou um pouco cansada. Preciso descansar — respondi, já me recompondo. Bem nessa hora Kaden e Osten entraram correndo e me deram a desculpa perfeita para escapar. — Os meninos vão levar a senhora até a minha mãe.

A vó Singer gritou de alegria.

— Meus meninos!

Enquanto ela estava distraída, me afastei e me aproximei de Henri discretamente pela lateral da sala.

Toquei o ombro dele, que levantou os olhos do prato com seu sorriso permanente no rosto.

— Olá hoje!

Soltei uma risada.

— Você gostaria de almoçar comigo amanhã?

Esperei Erik entrar em ação, mas Henri ergueu o braço, pedindo tempo para se concentrar.

— Amanhã, almoçar? — perguntou.

— Sim.

— Bom, bom! Sim!

Abri um sorriso.

— Nos vemos, então.

Deixei a sala, olhando rápido por cima do ombro para ver Henri agarrado ao ombro de Erik, extasiado com o convite. Também parecia muito contente por ter tido uma interação sem precisar de intérprete. Erik concordava com Henri, feliz pelo amigo... mas eu já tinha visto ele abrir sorrisos mais brilhantes antes.

Olhei o relógio. Meia-noite e dez. Se eu conseguisse dormir naquele exato momento, teria umas cinco horas de sono.

Dez minutos depois, ficou claro que isso não ia acontecer. Eu costumava desligar a mente no fim do dia com muita facilidade, mas naquele momento parecia que todas as tarefas que tinha deixado pela metade me acompanhavam, pouco importando se eu estava ou não bem descansada para lidar com elas.

Vesti o roupão, passei os dedos pelo cabelo e fui descalça para o corredor. Talvez, se eu fosse ao escritório, conseguiria trabalhar um pouco e acalmar meu cérebro. Voltaria para o quarto depois. Mas, antes disso, eu precisava de café.

Era tarde demais para alguma criada ainda estar trabalhando, então desci rumo à cozinha, que parecia nunca estar totalmente vazia. Com certeza alguém poderia me ajudar. Assim que cheguei ao segundo andar, contornei a escada e dei um pulo para trás. Levei um susto com a figura que vinha bem na minha direção.

— Ah! — Erik exclamou ao perceber de repente que havia alguém no caminho.

Apertei um pouco mais o roupão, embora já estivesse completamente coberta, e joguei o cabelo para trás, na esperança de parecer menos surpresa do que estava.

Ele recuou, sem saber o que fazer, e então se curvou do nada. O movimento foi tão apressado, tão malfeito, que não contive o riso.

Ele mesmo achou um pouco de graça e balançou a cabeça diante das trapalhadas. Ele também estava de pijama — calça de listras azuis e uma camisa simples de algodão — e circulava descalço pelo palácio.

— Mas o que você faz acordado a uma hora dessas? — perguntei.

— Henri tem estudado inglês mais a sério desde que você anunciou a Elite. E queria estar superpreparado para o encontro de amanhã. Paramos faz alguns minutos, e eu ia na cozinha pegar um chá com mel. Dizem que mel ajuda a dormir bem — ele explicou com a voz baixa e apressada, como se estivesse preocupado em não me chatear.

— É mesmo? Vou experimentar amanhã. Na verdade eu ia na cozinha pegar café.

— Alteza, sei que você é uma mulher muito inteligente, então lamento dizer que café não vai te ajudar a dormir. Nem um pouco.

Comecei a rir baixo.

— Não vai, eu sei. É que eu queria trabalhar um pouco. Não estava conseguindo dormir, então achei melhor tentar fazer alguma coisa útil.

— Estou certo de que você sempre faz coisas úteis. Até dormindo.

Abaixei a cabeça, contornei o balaústre e ele me seguiu escada abaixo. Eu só conseguia pensar em como ele pareceu monótono no primeiro dia, uma sombra de pessoa. Agora eu sabia que a simplicidade era um escudo que escondia um garoto inteligente, pensativo e engraçado. Embora eu ainda não entendesse o motivo dessa reclusão, sabia que ele era muito mais do que mostrava aos outros.

— Como Henri está se saindo? Nas aulas de inglês?

Ele deu de ombros e pôs as mãos atrás das costas.

— Bem. Não maravilhoso. O que eu te disse antes continua sendo verdade: vai demorar bastante para vocês se comunicarem por conta própria. Mas ele gosta tanto de você que está se esforçando ainda mais. — Erik baixou a cabeça, como se avaliasse os resultados mentalmente. — Perdão, eu devia ter perguntado antes. Como estão seus pais? Ouvi falar que sua mãe está acordada e se recuperando.

— Ela está, obrigada. Ela deveria ter voltado para o quarto hoje, mas tinha uma coisa estranha nos níveis de oxigenação dela, então os médicos preferiram deixá-la na ala hospitalar mais uma noite por precaução. E meu pai continua dormindo numa cama improvisada ao lado dela.

Erik abriu um sorriso largo.

— A ideia de “na saúde e na doença” fica bem mais palpável quando a vemos bem na nossa frente.

Concordei com a cabeça.

— Pra ser sincera, às vezes até me intimida ver os dois. Parece impossível conseguir uma relação que seja pelo menos próxima da que eles têm.

Ele sorriu.

— Não dá pra saber tudo sobre o relacionamento dos outros, nem mesmo o dos nossos pais. Às vezes principalmente o dos nossos pais — ele acrescentou, como se tivesse pensado isso antes, talvez sobre a própria família. — Eu garanto que, pelo menos uma vez, ele deve ter dado um presente horrível de Natal para a sua mãe e recebido em troca um dia de silêncio.

— Pouco provável.

Erik não se abalou.

— Você precisa aceitar a ideia de imperfeição, mesmo naquilo que considera mais perfeito. Seu irmão fugiu com uma garota, se casou no meio de um turbilhão e pode estar descobrindo, neste exato momento, que ela ronca tão alto que ele não consegue dormir.

Cobri a boca, mas não rápido o bastante para abafar a gargalhada que escapou. Imaginar a cena do coitado do Ahren apertando os travesseiros contra os ouvidos me pegou desprevenida.

— É bem possível — ele acrescentou, parecendo satisfeito por ter me feito rir.

— Você acabou de arruinar a imagem que eu tinha da Camille! Como vou ficar séria na próxima vez que a vir?

— Não fique séria — ele disse apenas. — Simplesmente ria. A imagem que você tem de todas as pessoas provavelmente não corresponde à realidade em algum aspecto.

Balancei a cabeça e suspirei.

— Você tem razão. O que dificulta ainda mais tudo que faço — confessei.

— Como a Seleção?

— Há momentos em que acho mais fácil lidar com uma sala cheia de políticos do que com seis garotos. Para cada coisa que aprendi até agora, devo ter deixado passar umas doze.

— Está confiando seriamente na sua intuição, então?

— Com certeza.

— Bem, sua intuição acertou na mosca no caso de Henri. Ele é tão bom quanto parece. Mas você deve ter percebido isso, já que o manteve no grupo final — ele disse, e reparei que havia algo esquisito na voz dele, como se estivesse decepcionado por admitir aquilo.

Cruzei as mãos e só então percebi que já tínhamos passado bastante da cozinha. Bom, eu ainda poderia voltar lá para pegar um café depois se ainda quisesse.

— Tem sido bem difícil enfrentar toda essa situação. Não era para eu ter uma Seleção. Antigamente as princesas eram oferecidas em casamento para fortalecer relações internacionais, mas meus pais prometeram que jamais fariam isso comigo. Assim, me ver numa sala cheia de garotos e ter que escolher um deles para ser meu parceiro pelo resto da vida é... assustador. Meu ponto de partida são só algumas impressões e a esperança de que ninguém está me enganando.

Arrisquei um olhar atento para ele; seu rosto estava abatido.

— Deve ser muito assustador mesmo — ele comentou, devagar. — É surpreendente que tenha funcionado bem no passado. Não quero ser deselegante, mas de fato a Seleção parece meio injusta.

Concordei com a cabeça.

— Foi exatamente o que eu disse quando me apareceram com a ideia. Mas insistiram para eu tentar, então...

— Então... não foi ideia sua?

Gelei.

— Você não queria uma Seleção?

Senti aquele tipo de calafrio que desce pela espinha quando você é pego em flagrante numa mentira. E era assustador, porque a verdade já tinha sido sugerida



pelos jornais e espalhada por um monte de gente.

— Erik, isso precisa ficar entre nós — eu disse baixo; as palavras saíam mais como um pedido do que como uma ordem. — Eu confesso que, no começo, não queria nem saber de Seleção. Mas agora...

— Agora está apaixonada? — ele perguntou, curioso e melancólico ao mesmo tempo.

Soltei uma risada.

— Estou um monte de coisas. Encantada, assustada, desesperada, esperançosa. Seria legal poder acrescentar “apaixonada” à lista. — Pensei em Kile e na nossa conversa no jardim. *Amor* ainda era uma palavra forte demais para aquilo, e eu não achava apropriado contar para Erik nada do que tinha conversado com Kile. — Às vezes tenho a sensação de estar perto, mas neste exato momento a Seleção é uma tarefa que preciso concluir. Por uma série de razões. Por uma série de pessoas também.

— Espero muito que você seja uma delas.

— Sou — garanti. — Mas talvez não da maneira como as pessoas pensam.

Ele não respondeu. Apenas continuou a caminhar, refletindo sobre o que eu tinha dito.

— Você não pode contar nada disso a ninguém. Não acredito que falei essas coisas para você. Se a Seleção começar a parecer uma piada ou falsa em qualquer aspecto...

Erik me interrompeu com um gesto.

— Não precisa se preocupar comigo. Jamais trairia sua confiança. Imagino que não seja uma coisa fácil de obter, e eu odiaria desperdiçá-la.

Abri um sorriso.

— Bom, você definitivamente merece. Já guardou segredos para mim antes, me tirou do meio de uma briga e me trouxe uma flor quando não precisava fazer isso.

— Era só um dente-de-leão.

— Questão de perspectiva — eu o lembrei, e ele abriu um sorriso ao ouvir o mesmo argumento que tinha usado. — Só estou dizendo que você fez muito por mim sem ter qualquer obrigação. Conquistou minha confiança.

— Que bom — ele disse simplesmente. — Porque estou aqui para o que você precisar, sempre que precisar.

A sinceridade na voz dele era nítida a ponto de doer, o que quase me deixou paralisada. Os olhos de Erik eram claros e azuis, num contraste marcante com o cabelo escuro. Talvez por isso brilhassem tanto naquele momento.

— Mesmo? — perguntei, embora não tivesse motivo para duvidar das palavras dele.

— Claro — ele respondeu. — Você será minha governante. É um privilégio servi-la.

Limpei a garganta.

— É. Claro. Obrigada. É um consolo saber que existem pelo menos algumas pessoas que não preciso ralar para conquistar.

Erik abriu um sorriso bondoso, e me dei conta de que era uma vitória ter alguém como ele por perto.

— Agora com licença — eu disse, me afastando. — Realmente preciso tentar dormir.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro. Sei que devo estar à disposição de Henri, mas, por favor, me diga se houver mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-la.

Sorri, sem responder, e voltei para o quarto com a postura mais ereta que eu podia manter.



— NO *JORNAL* DESTA NOITE O FOCO SERÁ VOCÊ, Alteza — a srta. Brice avisou enquanto andava em círculos em frente à minha mesa. Era reconfortante observar seus passos elegantes enquanto ela pensava em cada mínimo detalhe. Meu pai agia assim às vezes. Me levava para dar uma caminhada com ele no jardim enquanto tentava resolver algum problema.

— Sei que não tenho muita experiência fazendo o *Jornal* sozinha, mas Gavril vai estar lá para ajudar. E já tenho uma ideia de como falar sobre meus avanços na Seleção.

— Ótimo. Já era hora de revelar alguma coisa mesmo — a srta. Brice provocou. — Por falar em Seleção, tem outra coisa. Mas ainda estou em dúvida se vale a pena falar sobre isso.

Olhei para ela, confusa.

— Bom — ela começou. — Marid Illéa foi a um programa de rádio ontem. Temos uma gravação se você quiser ouvir, mas basicamente ele deixou escapar que visitou o palácio e te mandou flores.

— E daí?

— E daí que perguntaram se o gesto significava alguma coisa.

Eu a encarei.

— Mas estou no meio da Seleção. Como...?

— Ele disse o mesmo, mas também falou que lamentava ter perdido contato e que a sua beleza e inteligência se tornaram mais notáveis do que já eram. — A

srta. Brice arqueou a sobrancelha, e senti uma leve palpitação.

— Ele disse isso?

Ela fez que sim.

— Por que estamos discutindo isso? — perguntei enquanto tentava respirar fundo.

— Você precisa estar ciente de que, na imprensa, agora existe uma ligação entre vocês dois. E esse fato pode acarretar duas coisas. Pode prejudicar sua Seleção, fazendo parecer que você não liga para ela. Ou...

— Mas como?

— Bom, se começarem a achar que você pode abandonar seus pretendentes por ele...

— Entendi. E a segunda opção?

— Mais um pretendente estaria disponível, se você não se opusesse.

Comecei a rir.

— Estou convicta de que as regras da Seleção são bem estritas. Não acho que eu poderia abandonar a competição para ficar com outra pessoa.

Ela deu de ombros.

— Ele é bem popular.

— Você está sugerindo que eu o leve em conta?

— Não. Estou sugerindo que tenha consciência de que a visita se tornou pública e que precisa ter cuidado ao interagir com ele. E com a Elite.

— Sem problemas. Mal tive contato com ele. Não quero fazer nada que desestabilize a Seleção. Eu mesma já fiz isso muitas vezes, mas agora quero que o povo saiba que ela é importante para mim. Não fiz nada para incentivar Marid e não acho que valha a pena mencionar isso no *Jornal*.

— De acordo.

— Ótimo. — Só comigo um ato generoso de educação era transformado em escândalo.

— Agora, não me leve a mal, mas o que vai vestir hoje à noite?

Corri os olhos pelo meu vestido.

— Não faço ideia. Mal tenho conseguido me vestir direito.

A srta. Brice examinou minha roupa.

— Vai parecer uma ofensa, mas acredite: não é minha intenção. Acho que você precisa subir um pouco o nível. Apesar de sempre ter escolhido e desenhado trajes bonitos, é hora de parar de brincar com a moda e passar a usá-la como ferramenta de sustentação para suas palavras.

Pensar em desfazer a imagem que construíra para mim mesma e transformá-la em algo para os outros era como levar uma facada. Ainda assim, concordei.

— Entendi. O que você tem em mente?

Ela cruzou os braços, pensativa.

— Você pode pegar um vestido da sua mãe emprestado?

Olhei para o relógio antes de responder.

— Se eu for lá agora, posso escolher alguma coisa. Mas Neena é a única pessoa capaz de ajustar o vestido rápido o bastante, e ela precisa terminar minha agenda para a semana que vem. E eu tenho um encontro na hora do almoço.

Ela juntou as mãos e suspirou.

— Ooooooun!

— Sério? Já não basta minha vó dizendo pro Fox que ele é bonito?

A srta. Brice começou a rir.

— Ela fez isso?

— Ninguém segura aquela mulher.

— Deve ser de família. Se apresse. Vai escolher um vestido.

— Muito bem. Chame Hale. Tenho certeza de que ele é tão talentoso quanto Neena; vamos descobrir se é rápido também. E você pode fazer uma lista de tópicos para mim esta noite? Estou com medo de me dar branco.

— Pode deixar.

Me apressei pelo corredor, com a esperança de que minha mãe ainda estivesse na ala hospitalar, porque eu ia me sentir péssima se incomodasse seu descanso para procurar um vestido no quarto dela. Não tinha dado nem dois passos quando vi Gunner à minha espera. Ele saltou do banco no ato e fez uma reverência.

— Oi. Tudo bem? — perguntei ao me aproximar.

— Tudo — ele disse. — Bom, exceto por eu estar prestes a fazer uma coisa tão incrivelmente idiota que consigo sentir as batidas do meu coração até na sola do

pé.

— Por favor, não faça. Já vi idiotices suficientes para a vida inteira.

Ele riu.

— Não, não é isso. Eu queria só... queria só pedir uma coisa.

Arqueei as sobrancelhas, avançando com cautela.

— Tudo bem. Você tem dois minutos.

Ele engoliu em seco.

— O.k. Certo. Então, é uma honra você ter me mantido entre os seis finalistas. Dá a sensação de que acertei alguma coisa, embora eu não faça a menor ideia do que seja.

Dei de ombros.

— Seu poema me fez rir. Rir é importante.

Ele sorriu.

— Concordo, mas isso meio que prova a minha tese — ele retomou, com as mãos meio trêmulas. — É que... é que chegar tão longe, sendo que você está tão ocupada e não tivemos nenhum momento a sós, me faz pensar em quais são as minhas chances reais.

— É uma pergunta justa. Só que não posso responder no momento. Tenho muita coisa em que pensar.

— Exatamente — ele respondeu entusiasmado. — Por isso vou pedir uma coisa ridícula. Posso te dar um beijo?

Dei um passo atrás.

— O quê?

— Só se você quiser. Mas acho que um beijo pode revelar muita coisa. Acho que bastaria para saber se vale a pena eu continuar atrás de você ou você atrás de mim.

Havia certa doçura no pedido dele, como se, apesar da foto do meu beijo em Kile ter sido estampada nos quatro cantos do país, ele não acreditasse que eu beijava qualquer um. E ele tinha aprendido o suficiente com o caso de Jack para agir com cautela. Só isso já me fez querer atender seu pedido. Mas arriscar e provavelmente perder um dos finalistas sem tentar conhecê-lo melhor? Parecia meio bobo.

— Você pode se tornar um príncipe. Ter mais dinheiro do que é capaz de gastar, ser tão famoso que mesmo quem não tem televisão reconheceria seu rosto. Está disposto a apostar tudo isso num beijo?

— Estou disposto a apostar a sua felicidade e a minha num beijo.

Respirei fundo, pensativa.

— Tudo bem — respondi, afinal.

— Sim?

— Sim.

Passada a surpresa, Gunner pôs a mão na minha cintura. Baixou o rosto até o meu, fazendo uma pausa para rir.

— Isso é meio surreal.

— Estou esperando, garoto.

Ele sorriu um pouco antes de nossos lábios se tocarem. Havia muitas coisas boas naquele beijo. A boca dele não era rígida, e ele não tentou enfiar a língua na minha garganta. Gunner também tinha um cheiro bom, embora não parecesse canela ou flores ou qualquer outra coisa que eu reconhecesse. No fim das contas, considereirei que não foi ruim.

Mas, pensando bem, o fato de eu conseguir fazer uma avaliação durante o beijo...

Gunner recuou, apertou os lábios e refletiu um pouco.

— Não, né? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Acho que não. Não que tenha sido ruim.

— Só não foi tão bom assim.

— Exatamente — ele confirmou, com a postura mais relaxada. — Muito obrigado pela experiência, mas acho que é hora de eu voltar para casa.

Eu sorri.

— Tem certeza? Você está mais do que convidado para ficar para o *Jornal* e voltar para casa de manhã.

— Não precisa — ele rejeitou com um sorriso tímido. — Acho que, se ficasse, tentaria me convencer a continuar. Você provavelmente é a garota mais bonita que vou conhecer na vida, mas... não acho que é a garota certa para mim. Seria

péssimo tentar me convencer de que talvez você seja, sendo que passei tanto tempo dizendo a mim mesmo que era improvável.

Estendi a mão.

— Respeito sua decisão. Desejo o melhor para você.

Gunner apertou minha mão.

— E eu para você, Alteza.

Assim que Gunner partiu rumo à escadaria, vi um mordomo acompanhando Hale até o quarto da minha mãe. Fiz um gesto para ele se aproximar, embora seus olhos estivessem fixos no pretendente descartado.

— O que Gunner estava fazendo aqui em cima? — ele perguntou.

— Uma escolha. Venha comigo. Preciso do seu talento.





SAÍ DO CLOSET DA MINHA MÃE vestida com nossa opção favorita. Apertava-o bem contra o peito para o tecido não escorregar.

— Obrigada por fazer isso — agradei assim que Hale se pôs a trabalhar, puxando costuras e ajustando-as com alfinetes.

— Está brincando? Estou ajudando a vestir a futura rainha. Estou no céu! — Ele continuou os ajustes, observando o caimento do tecido pelo espelho. — Claro, não é a mesma coisa que fazer um vestido do zero para você, mas vai ser um acréscimo impressionante para o meu currículo.

Ri um pouco.

— É que fico mal de fazer você perder a tarde por causa disso.

— Bom, às vezes é chato ficar no Salão dos Homens. Tenho certeza de que, se eu pedir, Kile vem aqui me fazer companhia enquanto trabalho. Ou Ean, talvez.

— Ean? — indaguei, chocada. — É difícil imaginá-lo fazendo companhia para alguém por livre e espontânea vontade.

Hale sorriu.

— É. Acho que ele finalmente está se acostumando com a gente. Às vezes conversa comigo e com Erik. Provavelmente porque ele não é parte da concorrência.

— Faz sentido. Ean parece ser do tipo que não está aqui para fazer amigos, mas acho que ninguém consegue aguentar a Seleção sozinho. É pesado demais. Sei que é tão difícil para vocês quanto para mim.

— Bom, com certeza somos a parte mais beneficiada do acordo — ele disse, piscando para o meu reflexo.

Inclinei a cabeça.

— Não sei. Quanto mais penso, mais triste fico por ter que mandar todos vocês embora, exceto um. Vou sentir falta de vocês aqui.

— Já pensou em formar um harém? — ele disse com a cara séria.

Dobrei o corpo de tanto rir e ganhei como recompensa uma espetada de alfinete na cintura.

— Ai!

— Desculpe! Eu não devia fazer piada com agulhas por perto.

Hale então veio para a minha frente. Continuei sem me mexer; apenas observei os olhos dele e reconheci o olhar analítico, ciente de que eu mesma empregava esse olhar com desenhos, projetos e às vezes até pessoas.

— Acho que precisamos deixar um pouco mais arrojado — ele comentou. — Tem certeza de que a rainha vai concordar com isso? Porque não vou poder desfazer algumas mudanças.

— Não se preocupe. Você tem total permissão para mexer no que julgar necessário.

— Isso faz com que eu me sinta muito importante.

— Bom, você é. Está me ajudando a parecer uma líder hoje à noite. Mil coisas são necessárias para dar essa impressão, então fico te devendo uma. Ou duas. Pelo menos duas.

— Está tudo bem?

Olhei para cima, sem perceber como tinha ficado séria.

— Está. É que às vezes tenho muita coisa para lidar. Estou tentando dar conta, só isso.

Ele tirou um alfinete da almofadinha que a criada havia deixado ali e me deu.

— Use isto da próxima vez que achar que as coisas estão desmoronando. Vai ajudar, prometo.

Peguei o alfinete devagar e em seguida comecei a girá-lo entre o indicador e o polegar. Pelo menos por um momento, acreditei que aquilo ajudaria de verdade.

Henri chegou bem na hora. Entrou na sala como se estivesse louco para cruzar a porta havia um tempão. Dispensando toda cerimônia, me tomou pelas mãos e beijou minha bochecha, o que me fez rir.

— Olá hoje!

Abri um sorriso.

— Olá, Henri.

Atrás de Henri, Erik fez uma reverência e cumprimentei-o acenando com a cabeça.

Tomei o braço de Henri e o conduzi até a mesa posta com dois pratos bem próximos e um terceiro um pouco mais afastado.

— Aqui — Henri disse ao puxar minha cadeia.

Assim que sentei, ele se apressou para o outro lado da mesa para sentar de frente para mim e... a conversa parou. Levantei a tampa do prato para que os dois soubessem que podiam fazer o mesmo e, depois de algumas garfadas silenciosas, tentei preencher o vácuo.

— Como vai sua família? — perguntei. — E sua irmã?

— *Miten on Annika?* — ele pediu para Erik confirmar. O intérprete fez que sim, e Henri voltou a me olhar, encantado. — Bem. Ela muito bem. Saudade.

Olhei com tristeza para ele e concordei:

— Entendo completamente. Você não faz ideia do quanto eu gostaria que Ahren estivesse aqui.

Henri permaneceu calmo, mas se inclinou para Erik, que murmurou a tradução da minha resposta o mais rápido possível.

— Sua mãe? Está bem? — Henri perguntou, se esforçando ao máximo.

— Está, ainda bem. Voltou para o quarto e está se recuperando.

Mais uma vez, Erik veio ao nosso resgate. Continuamos desse jeito por mais uns minutos e, por mais que Henri tivesse se esforçado para aprender inglês, estava tão perdido quanto eu. Odiava aquilo. Era impessoal demais. Uma coisa era precisar de intérprete para a visita de um alto dignitário, mas para alguém em casa todo dia? Era demais. Mesmo que a estadia de Henri no palácio fosse curta, eu queria muito ser capaz de conversar com ele, só com ele, pelo menos de vez em quando.

— Erik, como é a relação de Henri com os outros membros da Elite? Todos conversam com a sua ajuda?

Erik se ajeitou na cadeira enquanto pensava numa resposta.

— A maioria. Hale e Kile aprenderam algumas palavras.

— E os outros?

Ele apertou os lábios com cara de culpado, como se estivesse preocupado em não manchar a reputação dos demais.

— Gunner demonstra algum interesse, assim como Fox, mas nenhum dos dois parece querer encarar o desafio. Dá trabalho demais. E Ean vem conversar comigo, mas não tenta de verdade falar com Henri.

Deixei escapar um longo suspiro; vários pensamentos fervilhavam na minha cabeça.

— Você toparia nos dar uma aula de finlandês amanhã de manhã?

Erik arregalou os olhos.

— Sério?

— Com certeza. Parece meio injusto que Henri tenha que se esforçar sozinho.

Quando mencionei seu nome, Henri virou na minha direção na hora. Com certeza tinha acompanhado a conversa à sua maneira, mas eu estava empolgada para que ele soubesse logo exatamente o que estávamos planejando.

Erik falou rápido em finlandês, e os olhos de Henri brilharam.

— Eu falar, também? Eu falando? — perguntou, como se fosse haver uma festa em vez de uma aula.

— Claro — eu disse, e Henri permaneceu sentado, com as engrenagens da cabeça claramente em movimento.

— Acho que você acabou de fazer o dia dele — Erik comentou.

— Estou chateada por não ter pensado nisso antes. Vai facilitar para todo mundo.

— Espero que sim. Mas ainda vou focar nas aulas de inglês. Tenho esperança de evitar outras aparições no *Jornal*.

Fiz uma careta.

— Não foi tão ruim.

— Foi péssimo! — ele afirmou, balançando a cabeça, e em seguida apontou o

garfo para mim. — Minha mãe não para de falar nisso. “Você estava tão bonito! Por que não sorriu mais?” Juro, é de enlouquecer.

— Você está me culpando? — perguntei, fingindo indignação.

— Para sempre. A culpa será sempre sua! Não gosto de ser filmado — ele disse, estremeando. Fiquei feliz por ele não parecer irritado de verdade, embora desse para perceber que falava sério.

Comecei a rir, e ele baixou os olhos para o prato, envergonhado, mas sorrindo. Foi quando percebi Henri paralisado, me observando papear com seu intérprete quando o encontro era com ele.

— Sabe, Henri, talvez pudéssemos fazer uma imersão total na cultura norueguesa, e você podia ensinar todo mundo a fazer aquela sopa que você comentou.

Erik traduziu, e de novo Henri ficou exultante.

— *Kalakeitto!* — exclamou.

Havia coisas que eu estava curiosa para saber sobre Henri. Queria saber mais sobre sua família, especialmente sua irmã. E queria saber se ele estava tranquilo com a ideia de morar no palácio e trabalhar ao meu lado ou se o afligia a perspectiva de haver mais momentos como o desfile e que talvez ele tivesse que me proteger de multidões furiosas pelo resto da vida. Queria perguntar sobre aquele beijo na cozinha, se pensava muito sobre aquilo ou se achava que tinha sido uma decisão errada de uma ou das duas partes.

Mas eu não seria capaz de falar sobre nada daquilo enquanto não soubesse como me dirigir a ele sem ter que me dirigir a Erik também.



O VESTIDO ERA VERMELHO. Fazia anos que minha mãe não o usava, e esse era um dos motivos para eu tê-lo escolhido. Hale cortou as mangas de renda até a altura do cotovelo e retirou algumas camadas sob a saia para que não ficasse muito rodada. Ele estava certo quando disse que algumas alterações eram irreversíveis, mas teve tanto bom gosto que, mesmo que minha mãe quisesse o vestido de volta um dia, ficaria empolgada com as mudanças.

Eloise me ajudou com o cabelo, que ficou muito elegante com tranças se encontrando na parte de trás da cabeça para formar um coque despretensioso. Escolhi uma tiara de rubis, então eu parecia estar em chamas.

Ficou lindo, de verdade. Eu tinha certeza disso e estava grata a todos que trabalharam para me ajudar a criar a imagem de alguém a quem se podiam confiar as decisões do país. Eu parecia mais velha, mais do que me sentia, mas provavelmente mais próxima da idade cujo comportamento deveria adotar. Suspirando, aceitei o vestido e aquela nova imagem. Aquela era quem eu deveria ser por enquanto.

Eu ajeitava as costuras quando Josie veio falar comigo no estúdio.

— Que vestido maravilhoso — elogiou, incapaz de manter os dedos longe das camadas de cetim.

Continuei arrumando o caimento.

— É da minha mãe.

— Sinto muito por tudo que aconteceu — ela disse baixinho. — Acho que

ainda não tinha dito isso para você.

Engoli em seco.

— Obrigada, Josie. Significa muito para mim.

— Sabe, já que tudo anda tão sério, pode ser uma boa ideia fazer uma festa.

Bufei quase ao ponto de rir.

— Estou um pouco ocupada para isso. Talvez assim que as coisas se acalmarem.

— Eu posso planejar tudo! Falo com as criadas e podemos preparar tudo para daqui a uma semana.

Dei as costas para o espelho.

— Como eu disse, em outro momento, mas agora não.

Me afastei, tentando me concentrar, mas ela veio atrás, insistente.

— Mas por quê? Você não devia comemorar? Quer dizer, você é praticamente a rainha, então...

Me virei com tudo para ela, irada.

— *Não sou* a rainha. O título pertence à minha mãe, que quase *morreu*. O fato de você deixar esse detalhe de lado, como se fosse uma coisa mínima, praticamente anula os sentimentos que você acabou de expressar. O que exatamente você não entende, Josie? Você acha que este cargo só envolve vestidos e festas?

Ela parou na hora, pasma. Observei os olhos dela correrem pelo ambiente, conferindo se alguém observava a cena. Eu não queria humilhá-la. De certa forma, eu a compreendia. Houve um tempo em que nada me dava mais alegria do que começar a fazer uma lista de convidados, um tempo em que eu mesma achava que esse cargo só envolvia vestidos e festas...

Soltei um suspiro.

— Não quero te ofender. Mas não convém fazer uma festa com a minha mãe ainda em recuperação. Por favor, eu só te peço um pouco de compreensão esta noite, o que talvez seja pedir demais, dado o nosso histórico. Ainda assim, pela minha sanidade mental, apenas tente imaginar o que é estar no meu lugar.

Ela fechou a cara.

— Isso é tudo que eu sempre quis. Mas claro, você só se importa com isso

quando é conveniente.

Senti vontade de arrancar a cabeça dela. Que parte da minha vida ela considerava conveniente naquele momento? Mas eu tinha um programa com que me preocupar.

— Por favor — eu disse, chamando uma criada que estava de passagem. — Você poderia acompanhar a srta. Josie até o quarto? O comportamento dela esta noite está me atrapalhando, e tenho trabalho a fazer.

— Pois não, Alteza. — A criada se virou animada para Josie, sem se preocupar com nossas desavenças e pronta para fazer seu trabalho.

Josie bufou.

— Odeio você.

Apontei para a porta.

— Claro que odeia, e você pode fazer isso no seu quarto tão bem quanto aqui.

Sem esperar para conferir se ela tinha obedecido, fui até meu assento. Nunca tinha visto o estúdio arrumado daquele jeito: a Elite de um lado e uma cadeira solitária do outro.

Eu estava com os olhos fixos na cadeira triste e solitária quando Kile apareceu ao meu lado.

— O que houve com Josie?

Abri um sorriso e pisquei várias vezes para ele.

— Nada, querido. Só estava me fazendo questionar seriamente o quanto eu gostaria de tê-la como cunhada.

— Ainda é cedo demais.

Comecei a rir.

— Não, nós tivemos uma... discordância. E me sinto meio mal, porque eu a entendo. Só gostaria que *ela* me entendesse.

— Pode ser difícil para Josie. Ela só pensa em si mesma. Mudando de assunto, você viu Gunner?

Franzi a testa.

— Foi embora hoje à tarde. Ele não se despediu?

Kile fez que não com a cabeça.

Fui até os outros garotos, que se endireitaram nas cadeiras quando me



aproximei.

— Gunner se despediu de algum de vocês? — perguntei.

Todos balançaram a cabeça, confusos, menos Fox, que limpou a garganta antes de dizer:

— Ele passou no meu quarto para me ver. Gunner é um pouco sentimental, e não queria uma despedida longa. Só disse que não era certo continuar e que tinha a sua autorização para ir embora.

— E tinha. Nos despedimos, ficou tudo bem.

Fox fez que sim com a cabeça.

— Acho que ele pensou que ia voltar atrás se ficasse por aqui. Ele me pediu para avisar a todos que sentiria saudades. — Ele sorriu. — Cara legal.

— Era mesmo. Mas reflitam sobre a atitude dele — pedi, olhando bem para o rosto de cada um. — Isso tudo envolve o futuro de vocês também. Não fiquem se acharem que talvez não sejam capazes de lidar com tudo isso.

Kile concordou com a cabeça, pensativo de repente. Hale abriu um sorriso lindo. Ean permaneceu impassível como sempre, e Henri processava a tradução de Erik, parecendo confuso.

Com certeza eu passaria o resto da noite analisando excessivamente a expressão deles, mas, naquele momento, tínhamos um show para dar.

— Hale — sussurrei com o dedo apontado para o vestido. — Obrigada.

— Linda — ele disse só com os lábios, e tentei manter a postura. Queria fazer jus ao vestido naquela noite.

Câmeras ligadas, saudei o país da forma mais honesta que consegui:

— Vou começar pelas notícias que todos estão mais ansiosos para ouvir. Minha mãe passa bem. Neste exato momento, está se recuperando no quarto, com meu pai ao seu lado — disse, tentando parar de pensar na minha postura ou no que devia fazer com as mãos. Em vez disso, lembrei dos meus pais, que sem dúvida assistiam ao *Jornal* de pijama, com petiscos aprovados pelo médico logo ao lado. Sorri só de imaginar a cena. — Todos sabemos que a história de amor deles talvez seja a mais autêntica já contada. Embora não seja fácil assumir o

cargo de meu pai.

“Meu irmão, Ahren, agora príncipe-consorte da França, também é testemunha do poder do amor verdadeiro. Pelo que sei, está se adaptando muito bem ao novo papel e muito feliz por estar casado.” Voltei a esboçar um sorriso. “Nada disso me surpreende. A devoção dele à princesa Camille, apesar do tempo e da distância, permaneceu constante e forte, e só posso imaginar a felicidade dele com a oportunidade de estar ao lado dela em todos os momentos.

“No que diz respeito à situação geral do nosso país”, fiz uma pausa para olhar as anotações com o canto do olho, embora detestasse fazer isso, “parte das agitações que estávamos vivendo diminuiu ao longo das últimas semanas.” Em certo sentido, aquilo era a verdade mais absoluta, mas no que dizia respeito à minha própria agitação, meu nariz poderia ter crescido com aquelas palavras. “Se considerarmos todo o esforço que meu pai fez para defender a paz no exterior, a ideia de que talvez possamos alcançar tempos de paz em nosso próprio país me enche de alegria.”

Falei tudo que devia falar: a proposta de orçamento, o início iminente do projeto de perfuração do solo e a mudança no quadro de conselheiros, o que fez algumas pessoas no estúdio se contorcerem. Ao terminar, examinei a plateia à procura de algumas caras importantes. A srta. Brice acenou firme com a cabeça, assim como o general Leger. Vi minha avó mexendo os dedos, sem paciência para anúncios longos, provavelmente se segurando só para ouvir os garotos falarem. E, na beira do palco, Erik sorria para mim, encantado.

— Alteza — Gavril falou, curvando-se. — Permita-me dizer que, apesar das circunstâncias que a alçaram ao cargo, a senhorita faz um trabalho fantástico.

— Muito obrigada — agradei. Não sabia o quanto aquela afirmação era sincera, mas talvez fizesse outras pessoas pensarem o mesmo.

— Não posso deixar de perguntar: com esse ritmo de trabalho, a senhorita encontrou tempo para aquele grupo ali? — ele perguntou, com a cabeça apontada para a Elite.

— Um pouco.

— É mesmo? Algo que possa nos contar? — ele insistiu, mexendo as sobrancelhas, o que me fez lembrar de novo de como a personalidade dele era

diferente diante das câmeras e longe delas. Seu trabalho era entreter, e ele fazia isso maravilhosamente.

— Claro, mas só por diversão não vou citar nomes.

— Não vai citar nomes?

— Por exemplo, um dos membros da Elite nos deixou hoje — falei, embora se tratasse de uma informação que logo teria sido revelada de um jeito ou de outro.

— Gostaria de dizer que o pretendente partiu satisfeito e que tem minha amizade.

— Ah, entendi — Gavril comentou. — Gostei! Fale mais um pouco.

— Bom, hoje um dos pretendentes me deu um presente feito de um metal muito precioso.

— Vejam só! — Gavril exclamou enquanto olhava para minhas mãos, procurando, como qualquer pessoa faria, um anel.

Levantei as duas mãos para que o mundo todo visse.

— Não, não é de ouro. É de aço. Ele me deu um alfinete. Mas garanto que foi muito especial.

O público e a Elite começaram a rir. Eu esperava que a cena parecesse tão encantadora na tela como era na minha cabeça.

— Por favor, diga que tem pelo menos mais um episódio — Gavril suplicou.

— Mais um — cedi. — No começo da semana, um membro da Elite me disse que com certeza não estava apaixonado por mim, e eu lhe disse que sentia o mesmo.

Gavril arregalou os olhos.

— Por acaso esse rapaz foi embora?

— Não. E essa é a parte louca. Não estamos apaixonados, mas mesmo assim não queremos ficar longe um do outro. Então é isso — concluí, dando de ombros graciosamente, e sorri ao ouvir os suspiros e risos no estúdio.

— Embora eu tenha certeza de que boa parte do país ficará acordada até tarde na tentativa de adivinhar a quem a senhorita se refere, seria bom termos alguma informação mais sólida.

— Talvez seja melhor conversar com os garotos.

— Faremos exatamente isso. Posso fazer algumas perguntas a esses belos

jovens?

— Naturalmente — respondi com um sorriso, feliz por sair dos holofotes por um glorioso momento.

— Pois bem, vamos começar por aqui. Sr. Fox, como está?

— Muito bem, Gavril. Obrigado — o garoto respondeu endireitando-se na cadeira e abrindo um sorriso.

— As pessoas sabem que a princesa tem estado sob muita pressão e que seus dias estão abarrotados de tarefas, então o tempo a sós com ela é limitado — Gavril disse gentilmente.

— Sim, já era impressionante ver o quanto ela trabalhava antes, então vê-la assumir ainda mais responsabilidades nos últimos dias foi... inspirador.

Inclinei a cabeça para o lado e senti um calorzinho bom no coração. Inspirador? Que pensamento mais amável.

Gavril concordou com a cabeça.

— Levando tudo isso em consideração, você poderia nos contar um momento marcante que passou com a princesa?

Fox abriu um sorriso na hora.

— Acho que o momento mais significativo da nossa relação foi depois da briga, quando Burke foi mandado para casa. Ela veio conversar comigo e foi muito sincera a respeito do que esperava. E também me ouviu. Acho que esse é um lado dela que pouca gente tem o privilégio de conhecer. Não é que ela tenha disponibilidade para bater de porta em porta e dedicar uma hora de seu tempo a cada um... mas, quando ela está com uma pessoa, está por inteiro. Escuta de verdade.

Eu lembrava com carinho daquela noite com Fox, mas não tinha noção do quanto tinha significado para ele. Ele havia guardado aquele momento no fundo do coração.

Kile levantou a mão.

— Tenho que concordar com isso. Todos sabem que Ead... hã, que a princesa e eu começamos nossa amizade apenas recentemente. E nesse tempo ela deu atenção a várias das minhas preocupações e ambições.

— Por exemplo? — Gavril cutucou.

Kile deu de ombros.

— Assim, não é nada espetacular, mas sou apaixonado por arquitetura, e a princesa chegou a ver meus desenhos. — Ele levantou a mão de repente, como se tivesse acabado de se lembrar de uma coisa. — Confesso: tínhamos tomado vinho e tenho certeza de que ela achou um tédio, mas mesmo assim...

Todos começaram a rir, e sorri para Kile. Parecia fácil para ele estar diante das câmeras: sempre saía com frases ótimas, o que me fez ter certeza de que tinha sido bom contar a ele o que eu sentia.

Aproveitando o momento, Gavril passou reto por Henri e foi direto falar com Ean. Eu detestei que Henri tivesse sido excluído, mas parecia que Gavril tinha um plano.

— Sr. Ean, talvez você seja o mais calado do grupo. Por acaso tem algo a acrescentar?

O rosto de Ean expressava a mesma calma de sempre.

— Sou um homem de poucas palavras — ele concordou —, mas posso dizer que a princesa é incrivelmente ponderada. Embora restem apenas cinco de nós, nenhuma das eliminações foi leviana. Só de conhecer os outros cavalheiros posso ver o esforço da princesa para tomar a melhor decisão para si mesma e para seu povo. Uma coisa que as câmeras não puderam captar, por exemplo, foi o clima no Salão dos Homens na eliminação mais recente. Não havia nem um pingue de insatisfação no ar. Ela tem sido tão generosa conosco que é impossível se chatear. Todos os outros pretendentes partiram satisfeitos.

Gavril acenou com a cabeça.

— E como você avalia suas chances? Você está entre os cinco finalistas!

Ean, como sempre, continuou tranquilo.

— Estou à disposição da princesa. Ela é a melhor mulher que qualquer um de nós poderia desejar como companheira e, como tal, tem padrões muito elevados. Não se trata de avaliar as minhas chances, mas da preferência dela. Temos que esperar para ver.

Nunca tinha ouvido Ean falar tanto de uma vez só, mas me senti em dívida com ele na hora. Embora tivéssemos um acordo sobre a nossa relação, que era confessadamente não romântica, ele ainda via todos aqueles aspectos positivos

em mim. Ou ele era um ator incrível.

— Muito interessante. E você, sr. Hale? Pelo que me lembro, você foi o primeiro a ter um encontro a sós com a princesa. Como se sente agora?

— Sortudo — Hale respondeu carinhosamente. — Cresci vendo a princesa em desfiles, assistindo às aparições dela na televisão e vendo seu rosto nas revistas — ele começou, apontando para mim no outro lado do palco. — Ela é tão linda que até intimidada, e tem esse olhar que seria capaz de queimar uma pessoa se quisesse.

A frase doeu um pouco, mas era tão sincera que não consegui conter o sorriso.

— Mas tive a oportunidade de jantar com ela uma noite e a fiz rir tanto que ela até cuspiu a bebida.

— Hale!

Ele deu de ombros.

— Cedo ou tarde alguém ia descobrir. Melhor contar logo!

Cobri o rosto com as mãos só de pensar no que meus pais iam achar daquilo.

— O que quero dizer é que tudo o que falamos dela é verdade. Ela é durona, é uma líder e, sim, acho que seria capaz de soltar fogo pelos olhos se quisesse. — A plateia riu. — Mas ela também sabe ouvir, é muito dedicada e sabe dar risada. Tipo, rir de verdade. Não sei se todos vão poder ver esse lado, mas acho que tenho sorte por ter visto.

O segmento inteiro do programa foi um tributo tão glorioso às minhas melhores qualidades que quase comecei a achar que os garotos tinham ensaiado. Se fosse isso mesmo, eu devia muito à pessoa que teve a ideia.

Quando desligaram as câmeras, me aproximei de Gavril para agradecer.

— Obrigada. Você foi ótimo hoje.

— Sempre estive ao seu lado e sempre estarei — ele replicou, piscando para mim antes de se retirar.

Fiquei observando a plateia sair aos poucos e me senti orgulhosa. Eu tinha enfrentado tudo aquilo praticamente sozinha. A Elite tinha sido fantástica, mais gentil do que eu imaginava ou esperava. Meus pais iam ficar muito felizes.

— Muito bem — Kile passou o braço pelo meu ombro. — Seu primeiro *Jornal* por conta própria na história!

— Cheguei a considerar seriamente que ia ser um desastre, mas olha só! — disse, me inclinando para trás e abrindo os braços. — Ainda estou inteira.

Hale também veio e começou a rir.

— Você achou que as pessoas iam arrombar as portas do estúdio e te cortar em pedacinhos?

— Nunca se sabe!

Fox riu enquanto Ean permaneceu afastado, ainda com um sorriso no rosto. Eu me sentia tão agradecida. Se fosse capaz de elaborar em palavras, teria rasgado elogios por eles terem sido tão incríveis naquela noite.

— Vamos jantar? — Fox perguntou, e todos os garotos concordaram com a cabeça.

Ouvi Henri dizer a mesma palavra várias vezes muito empolgado, e imaginei que isso queria dizer que ele estava animado para comer. Formamos um grupinho e caminhamos juntos até a sala de jantar.



EU ME SENTIA MUITO BEM enquanto avançávamos pelas escadas e corredores. Estava envolta numa sensação de familiaridade e paz que, suspeitei, tinha muito a ver com o conforto proporcionado pela companhia dos garotos.

Isso durou até o exato instante em que atravessamos as portas da sala de jantar.

Meus pais ainda estavam no andar de cima, e minha vó tinha se recolhido para o quarto. Osten não se sentia bem naquela noite, Kaden foi lhe fazer companhia, e meu irmão gêmeo continuava a um oceano de distância.

Uma rápida olhada para a mesa principal vazia bastou para que eu quisesse sair correndo e me esconder.

— Alteza? — Erik perguntou, e quando me virei estava a centímetros de seu olhar preocupado. Algo em seus olhos me deixava mais calma, o que eu já tinha percebido desde a briga na cozinha. Eu o encarei e tive a sensação de enxergar através da alma daquele rapaz. Mesmo naquele momento, com tanta gente em volta, a simples presença daqueles olhos azuis claros como cristal desanuviou minha tristeza. — Está tudo bem? — ele quis saber, e notei pelo tom de voz que já tinha me perguntado uma vez mas eu não tinha ouvido.

— Está. Você poderia, por favor, pegar aquelas cadeiras e levar para o outro lado da mesa principal? Você também, Ean?

Os dois foram logo atender meu pedido.

— Hale? Fox? — continuei. — Vocês podem trazer os pratos e talheres para cá?



Também comecei a me mexer e peguei alguns talheres e copos antes de seguir para a mesa principal. Antes que os outros tivessem a chance de escolher seus lugares, assumi a cadeira do meu pai. Kile ficou de um lado e Hale, do outro. Fox, Henri, Erik e Ean sentaram de frente para nós. De repente, aquela mesa longa e imponente parecia própria para um jantar íntimo. Apenas meus garotos e eu.

Os mordomos nos serviam sem muita organização, despreparados para a nova e improvisada disposição dos assentos, mas logo conseguiram atender a todos. Henri, seguindo a mesma deixa do nosso encontro, foi o primeiro a começar a comer, e os outros seguiram seu exemplo.

— Então, espero que estejam todos prontos para amanhã — anunciei. — Erik e Henri vão nos dar uma aula de finlandês pela manhã.

— Sério? — Kile perguntou, empolgado. Erik corou um pouco e confirmou com a cabeça.

— O que vamos aprender? — Fox quis saber.

Erik levantou os olhos para o teto, como se ainda estivesse decidindo.

— Henri e eu conversamos, e acho que vamos pular as coisas normais de primeira aula, como o alfabeto. O mais útil na nossa situação é conversação básica, então o foco principal são perguntas simples como informar as horas.

— Legal! — Hale comentou. — Eu queria mesmo aprender mais. Ótima ideia, Erik.

O intérprete negou com a cabeça.

— Foi ideia da nossa futura rainha. O mérito é todo dela.

— Ei! — Kile exclamou, chamando minha atenção. — Podemos também tirar um tempo para falar sobre como você foi ótima no *Jornal* hoje? Sei que você já tinha feito uns anúncios antes e tal, mas encarar um noticiário inteiro sozinha não é pouca coisa.

— Além disso — Fox acrescentou —, que espetáculo a disposição dos assentos hoje! Para todos nós, exceto um, esta vai ser a única vez que vamos sentar na mesa principal do palácio. Inesquecível.

— Concordo — Ean acrescentou.

Embora Henri não acrescentasse muito à conversa, dava para notar que

também estava contente. Mas, claro, o mais surpreendente seria vê-lo irritado. Assim que Erik o deixou a par do assunto, ele ergueu o corpo e brindou:

— Por Eadlyn!

Os outros levantaram as bebidas e fizeram coro para brindar. Logo me vi piscando para conter as lágrimas de felicidade, incapaz de dizer uma só palavra. Nem mesmo “obrigada”, embora pudesse notar pela expressão deles que a minha gratidão estava subentendida.

Havia várias coisas boas para o país prestar atenção, mas com a eliminação em massa no começo da semana e a saída de Gunner antes do *Jornal*, mais uma vez parecia que eu estava afastando as pessoas. Pelo menos era isso que os jornais diziam. Era como se não tivessem escutado uma só palavra do que Ean tinha dito sobre o quanto eu era criteriosa para tomar qualquer decisão relacionada à Seleção. Toda uma edição ao vivo do *Jornal* tinha sido desmantelada por um punhado de manchetes.

Surpreendentemente, logo abaixo dessas reportagens aparecia o rosto de Marid estampado ao lado do meu, comentando que ele tinha perdido a chance já que o processo da Seleção já havia começado.

— Passe isso para cá — Neena insistiu, fazendo uma bola com os jornais e os arremessando na lixeira. — Parece que eles publicam menos notícias e mais fofocas hoje em dia.

— Sem dúvida — concordou a srta. Brice. — Se concentre menos no que essa gente diz e mais no que pode realizar.

Fiz que sim com a cabeça, ciente de que ela tinha razão. Ela me dava conselhos com os quais meu pai certamente concordaria e, apesar de nem sempre ser fácil, eu tendia a ouvi-la.

— Não sei direito se sou capaz de me concentrar no que posso fazer enquanto não conseguir manter a opinião pública sob controle. Qualquer coisa que eu propuser, ainda que seja algo que defenderiam se fosse iniciativa do meu pai ou da minha mãe, provavelmente vai enfrentar resistência. Preciso escolher um marido — afirmei, decidida. — Tenho certeza de que isso vai me ajudar com a

opinião pública. E vamos todas torcer para isso, porque eles definitivamente não gostam de mim.

— Eadlyn, isso não é...

— É verdade, srta. Brice. Sei disso melhor do que ninguém. Por acaso preciso lembrar do desfile?

A conselheira cruzou os braços.

— Muito bem, está certo. Você não é muito popular. E entendo que encontrar um parceiro poderia amenizar isso. Então é nisso que vamos nos concentrar hoje?

— Pelo menos nos próximos cinco minutos. Confio um pouco mais na minha cabeça do que no meu coração, então me ajudem. Falem.

Neena deu de ombros.

— Quem é o primeiro? Kile? O palácio inteiro torce por ele. Ele é lindo e inteligente e, céus, se não quiser ficar com ele, pode passar pra cá.

— Você já não tem namorado?

Ela suspirou.

— Odeio quando você tem razão.

Comecei a rir.

— Seria mentira dizer que não temos uma ligação. Já até disse isso para ele... mas não consigo avançar. Não sei bem por quê, mas não estou pronta para dizer que ele é a minha primeira opção.

— Muito bem — a srta. Brice replicou. — Quem mais?

— Hale. Ele tem uma postura ótima e jurou fazer algo de bom para mim todo dia. Ainda não falhou. E é fácil ficar perto dele. Esse é um dos motivos pelos quais também gosto de Fox.

— Fox é mais atraente que Hale — Neena disse. — Não quero ser superficial, mas esse tipo de coisa é importante para a opinião pública.

— Compreendo, mas a beleza é subjetiva. Você sabe que às vezes o que torna uma pessoa atraente é o jeito que ela faz você rir ou como ela parece ler a sua mente? Quero levar isso em conta também.

Neena abriu um sorriso.

— Então você prefere Hale a Fox?

Fiz que não com a cabeça.

— Não foi bem isso que quis dizer. Só acho que aparência não é tudo. Precisamos focar em outras qualidades.

— Por exemplo? — insistiu a srta. Brice.

— Por exemplo, o otimismo infinito de Henri. Não importa a circunstância, ele é um farol de alegria. E não duvido nem um pouco de seu afeto por mim.

Neena fez cara de tédio.

— Isso é bom, mas ele não fala sua língua. Não há como vocês dois terem uma conversa que vá além do superficial.

— É... Bom, é verdade. Mas ele é muito gentil e seria bom para mim. Erik falou que Henri é capaz de aprender, mas que vai levar um tempo. E ele tem estudado até meia-noite desde que avançou para a Elite. Quanto a mim, estou a caminho de uma aula de finlandês neste exato momento. Cada um pode fazer a sua parte, e Erik poderia ficar aqui pelo tempo que fosse necessário para que nos entendêssemos.

A srta. Brice negou com a cabeça.

— Isso é uma grande injustiça com Erik. Ele tem família, emprego. Não se inscreveu para ficar preso no palácio pelos próximos cinco anos. E se quiser encontrar uma parceira?

Quis rebater dizendo que ela estava errada, mas... não dava. Erik não sabia quanto tempo a Seleção ia durar quando aceitou vir, mas com certeza não veio pensando em morar no palácio até seu cliente ser fluente em inglês. E não seria justo da minha parte pedir para ele ficar.

— Ele ficaria. Tenho certeza — foi só o que eu disse.

Fez-se um silêncio em seguida, como se a srta. Brice soubesse que eu estava errada e refletisse a respeito de como me dizer aquilo. Em vez disso, suspirou.

— Quem falta? Ean? — ela perguntou.

— O caso de Ean é um pouco mais complexo, mas acreditem, ele é importante.

Neena franziu a testa.

— Então todos são favoritos?

Respirei fundo.

— Acho que sim. Não sei se isso significa que escolhi bem ou mal.

A srta. Brice caiu na gargalhada.

— Escolheu bem. De verdade. Talvez eu não entenda o apelo de Ean ou como as coisas funcionam com Henri, mas todos têm seus méritos. Acho que o necessário agora é intensificar o treinamento deles, começar a adestrá-los para o trono. Isso vai ajudar a destacar alguns, com certeza.

— Adestrar? Que sinistro!

— Não no mau sentido. Só estou dizendo que...

O que a conselheira ia dizer foi interrompido porque, sem avisar, minha vó escancarou a porta.

— A senhora precisa pedir permissão... — um guarda avisava com a voz abafada.

Ela continuou a caminhar na minha direção.

— Bom, minha menina, chegou a hora de eu ir embora.

— Mas já? — perguntei com um abraço.

— Nunca posso ficar muito tempo. Sua mãe está se recuperando de um ataque cardíaco, mas mesmo assim tem a audácia de ficar me dando ordens. Sei que ela é a rainha — minha vó concedeu, com as mãos erguidas em rendição —, mas eu sou a mãe dela. E mãe é mais importante do que rainha.

— Vou lembrar disso no futuro — comentei, rindo.

— Faça isso — minha vó recomendou, enquanto acariciava minha bochecha.  
— E se não for um incômodo, arranje um marido o mais rápido possível. Fico cada dia mais velha e queria conhecer pelo menos um bisneto antes de morrer.  
— Ela olhou fixamente para a minha barriga, agitando o dedo. — Não me decepcione.

— Tuuuudo bem, vó. Precisamos voltar ao trabalho aqui, então vá para casa e não se esqueça de avisar quando chegar.

— Pode deixar, querida.

Permaneci em silêncio, curtindo a insanidade que era a minha avó.

Neena se inclinou para mim e perguntou:

— Agora, qual dos cinco finalistas você acha que seria o mais empenhado para ter bebês? Vamos acrescentar esse item à lista?

Nem mesmo a minha cara mais feia bastou para repreendê-la.

— Não se esqueça de que posso chamar um pelotão de fuzilamento a qualquer momento.

— Pode chamar o pelotão que quiser; sua vó está do meu lado, então não preciso me preocupar.

Soltei o corpo na cadeira.

— Infelizmente, Neena, acho que você está certa.

— Não se sinta mal. No fundo ela tem boa intenção.

— Vou tentar lembrar disso. Tudo bem por enquanto? Tenho que ir aprender um pouco de finlandês.

— Desculpem, desculpem, desculpem! — exclamei ao entrar na biblioteca. Os garotos se animaram com a minha chegada, e me esgueirei até um assento vazio na mesa de Henri, Hale e Ean. — O dever me chamou.

Erik riu baixo e pôs uma pequena pilha de papéis diante de mim.

— Está desculpada. Não se preocupe. Não avançamos muito. Dê uma olhada na primeira página. Henri vai ajudá-la com a pronúncia enquanto eu vejo como os outros estão se saindo. Depois continuamos.

— Muito bem — falei ao pegar o papel, que nada mais era do que um xerox das anotações à mão de Erik com uma série de desenhos também à mão na margem. Abri um sorriso. A primeira tarefa do dia era aprender a contar até doze para podermos falar as horas. Aquela lição tão simples me deixou confusa de imediato. Só conseguia pensar que pareciam faltar vogais nas palavras, e que aquelas que se davam ao trabalho de aparecer estavam todas no lugar errado. — Certo — falei, olhando para a primeira palavra: *yksi*. — *Íksi*?

Henri riu e fez que não com a cabeça.

— Diz *iúu-ksi*.

— *Iúuksi*?

— Sim. Vai, vai — ele incentivou e, apesar de eu não estar nem um pouco perto da perfeição, era bom ter um torcedor. — Diz *kahk-si*.

— *Kahk-si... kaksi*.

— Bom, bom. Agora é *kolme*.

— *Kulmi* — ensaiei.

— Errrr... — ele disse, ainda tentando ser positivo. — *Kôll-mê*.

Tentei de novo, mas sabia que não estava acertando. Tinha fracassado já no número três. Sempre cavalheiro, Henri se inclinou mais para perto, disposto a gastar o tempo que fosse necessário.

— Diz ô. *Kôll-mê*.

— Ôô. Ôô — tentei.

Ele levantou as mãos e pôs de leve na minha bochecha para tentar mudar o formato da minha boca. Aquilo fez cócegas, e abri um sorriso, incapaz de produzir o som. Mas Henri continuou a segurar meu rosto mesmo assim. No instante seguinte, o humor sumiu dos olhos dele, e reconheci a expressão. Já tinha visto aquele olhar antes, na cozinha, quando ele transformara sua camisa num avental para mim.

Era um olhar tão atraente que esqueci completamente que havia pessoas em volta.

Até Erik soltar um livro sobre a mesa.

— Excelente — ele disse, e me afastei de Henri o mais rápido possível, rezando para que ninguém tivesse reparado no que quase havia acontecido.

— Parece que vocês estão se saindo muito bem com os números, então vamos começar a usá-los em frases. Aqui no quadro eu escrevi um exemplo. Mas como vocês com certeza notaram, a pronúncia é um pouco traiçoeira.

Os garotos riram; pareciam ter sofrido tanto quanto eu com os números... e também pareciam concentrados demais para ter notado o quase beijo. Fixei o olhar na lousa, tentando compreender a fonética daquelas palavras em vez de pensar no quanto Henri estava perto de mim.



O PRIMEIRO MOMENTO LIVRE que tive no dia foi o almoço, e sabia que precisava daquele tempo para minimizar os estragos. Enquanto todos foram para a sala de jantar depois da aula de finlandês, voltei ao escritório e peguei o cartão de Marid na gaveta da escrivaninha. Era óbvio que o papel era caro. Comecei a imaginar o que a família dele fazia para bancar uma coisa daquelas. Deviam ter se dado bem, qualquer que fosse o caminho que tivessem seguido.

Disquei o número, um pouco na esperança de que ele não atendesse.

— Alô?

— Alô, hum, Marid?

— Eadlyn, é você?

— Sim — hesitei, ajustando a roupa, ainda que ele não pudesse me ver. — Você pode falar?

— Claro. Como posso ajudar, Alteza?

— Só queria dizer que vi que a imprensa publicou especulações a nosso respeito outro dia.

— Ah, sim. Sinto muito por isso. Você sabe como eles são capazes de tirar uma situação do contexto.

— São mesmo — quase exclamei. — E, de verdade, queria pedir desculpas. Sei que a vida de uma pessoa que se aproxima de mim pode virar um turbilhão, e sinto muito por você estar passando por isso.

— Ah, deixe que falem — ele respondeu com uma risada. — Sério, não



precisa se desculpar. Mas já que estamos conversando, queria apresentar uma ideia.

— Pode dizer.

— Sei que você anda preocupada com a violência pós-castas e pensei que, talvez, uma espécie de audiência pública pudesse ajudar.

— Como assim?

— Você poderia escolher um grupo de pessoas de origens variadas para ir ao palácio e conversar diretamente com você. Seria uma oportunidade única para ouvir o povo e, se você convidasse a imprensa, também seria uma grande oportunidade para demonstrar como o palácio presta atenção nas pessoas.

Fiquei desnorteada.

— É mesmo uma ideia maravilhosa.

— Se quiser, posso cuidar da maior parte dos preparativos para você. Tenho contato com algumas famílias que costumavam ser Oito e com outras que tiveram dificuldade para abandonar o status de Dois. Talvez pudéssemos convidar umas doze pessoas, para você não ficar sobrecarregada.

— Marid, parece perfeito. Vou pedir para a minha dama de companhia entrar em contato com você. Ela se chama Neena Hallensway e é tão organizada quanto você parece ser. Ela cuida da minha agenda e seria a melhor pessoa para tratar de dias e horários.

— Excelente. Vou esperar o contato dela.

Houve um longo silêncio, e eu não sabia bem como encerrar a conversa.

— Obrigada — comecei. — Agora, mais do que nunca, preciso provar o quanto me importo com o povo. Quero que as pessoas saibam que, em alguns anos, posso me tornar uma líder como meu pai.

— Como podem duvidar disso é um mistério para mim.

Sorri, empolgada por ter mais um aliado em meu arsenal.

— Desculpe a pressa, mas preciso ir — falei.

— Sem problemas. Falamos de novo em breve.

— Claro. Tchau.

— Tchau.

Desliguei o telefone e sorri aliviada. Não tinha sido tão constrangedor quanto

eu temia. As palavras de Marid ainda ressoavam. “Deixe que falem.” Eu sabia que eles sempre falariam. Tomara que logo tivessem algo mais positivo para dizer.



— ESPERA, PARA QUE LADO ESSES CARAS ANDAM MESMO? — Hale perguntou antes de estender a mão para pegar dois *petits fours* e pôr no prato.

— Os bispos andam na diagonal. Mas não faria isso se fosse você.

Ele riu.

— Certo. E os castelinhos?

— Linhas retas: de um lado para outro ou para a frente e para trás.

Ele moveu uma torre e comeu outro peão meu.

— Sinceramente, jamais desconfiaria que você é fã de xadrez.

— Não sou. Ahren era e me obrigou a jogar com ele diariamente por meses. Até que o relacionamento com Camille ficou sério, e todo o tempo do xadrez virou tempo de escrever cartas.

Movi um bispo e ganhei o cavalo dele.

— Argh, nem vi isso — ele lamentou entre um biscoito e outro. — Fazia tempo que queria perguntar sobre Ahren, mas não sabia se você queria falar sobre isso.

Dei de ombros, pronta para dispensar o assunto, mas então lembrei a mim mesma que, se queria tentar ser feliz, precisava deixar as pessoas se aproximarem. Suspirando, contei a verdade:

— Sinto falta dele. É como se eu tivesse nascido com um melhor amigo junto, que agora sumiu. Também sou próxima de outras pessoas, como a minha dama de companhia, Neena. Acho que não tinha me dado conta de como sou apegada

a ela até a partida de Ahren. Mas isso me dá medo também. E se eu ficar tão próxima dela como era de Ahren, a ponto de ela ser a pessoa a quem recorro para tudo, mas alguma coisa acontecer e ela for embora?

Hale acenava com a cabeça enquanto ouvia, e notei que ele tentava conter um sorriso.

— Não tem graça! — reclamei, jogando um dos peões que tinha comido sobre ele.

Ele começou a gargalhar e desviou da peça.

— Não estou rindo por causa disso. É que... na última vez que conversamos assim, você saiu correndo. Você não está de tênis por baixo do vestido, está?

— Claro que não. Não ia combinar — provoqueei. — Mas, sério, eu devia ter confiado em você naquela vez, e agora confio. Desculpe a minha lerdeza. Se abrir com os outros não é uma das minhas qualidades.

— Sem pressa. Sou bem paciente.

Eu não conseguia mais suportar o olhar de Hale, então encarei o tabuleiro, observando a mão dele se mover sobre as casas.

— Quanto ao que você sente por Neena — Hale continuou —, ainda que ela tivesse que partir, isso não a tornaria menos sua amiga, assim como Ahren não é menos seu irmão agora. Talvez você tenha mais trabalho para manter contato, mas se os ama tanto quanto diz, vai valer a pena.

— Verdade — reconheci. — É que a distância não facilita muito. E fazer amigos é difícil para mim, já que não saio muito. Então meio que preciso conservar os que tenho.

Hale riu baixo, e não prestei atenção à jogada dele.

— Bom, quero deixar registrado que, mesmo se eu não for escolhido, você terá a minha amizade para sempre. Posso pegar o primeiro voo para Angeles sempre que precisar de mim.

Abri um sorriso.

— Uma coisa por dia.

Ele concordou com a cabeça.

— Todos os dias.

— Eu precisava muito ouvir isso. Obrigada. — Me ajeitei na cadeira e comecei

a planejar a próxima jogada. — E você? Quem é seu melhor amigo?

— Na verdade, passei por um interrogatório sobre isso faz umas semanas, logo depois que Burke foi embora. Meu melhor amigo é uma amiga, e pensaram que eu escrevia cartas para “a namorada da minha cidade”. Confesso que foi humilhante pedir para ela falar com um guarda por telefone para explicar que nunca, *jamaís*, tivemos qualquer envolvimento romântico.

Mordi o lábio, contente por ele conseguir enxergar o lado engraçado de uma situação como aquela.

— Sinto muito.

— Tudo bem. Carrie até que ficou empolgada com a situação.

— Bom, fico feliz por ela ter tirado de letra. — Limpei a garganta. — Mas agora tenho que perguntar. Você nunca teve nem uma quedinha por ela?

— Não! — ele rebateu, quase estremeando. — Carrie é como uma irmã para mim. Só pensar em beijá-la já parece muito errado.

Levei as mãos à frente do corpo, impressionada por ele ter ficado tão ofendido.

— Tudo bem. Já sei que não preciso me preocupar com Carrie!

— Desculpe — a irritação no rosto dele se transformou num sorriso tímido. — É que já me perguntaram isso um milhão de vezes. Outros amigos, nossos pais... É como se todo mundo quisesse que ficássemos juntos, e eu não sinto nada desse tipo por ela.

— Entendo. Às vezes parece que todo mundo quer que eu escolha Kile só porque crescemos juntos. Como se isso bastasse para garantir que você vai se apaixonar.

— Bom, a diferença é que você sente mesmo alguma coisa por ele. Qualquer um percebe — ele afirmou enquanto brincava com um dos peões fora do tabuleiro.

Baixei os olhos para o meu colo.

— Eu não devia ter falado sobre isso. Desculpe.

— Não, tudo bem. Acho que a única maneira de manter a sanidade durante o processo é lembrar que é você quem comanda. Você é quem decide o lugar de cada um. A única coisa que podemos fazer é ser nós mesmos.

— E que lugar você acha que tem?

Ele deu um sorrisinho.

— Não sei. Talvez o do meio?

Fiz que não com a cabeça.

— É melhor do que isso.

— É?

— É.

O sorriso dele vacilou um pouco.

— É meio maravilhoso, mas também assustador. A vitória aqui traz um monte de responsabilidades.

— Toneladas — confirmei.

— Acho que nunca parei de verdade para pensar nisso. Mas com você governando o país de fato, é meio... massacrante.

Encarei Hale, convicta de ter entendido alguma coisa errado.

— Você não está pensando em desistir, está?

— Não — ele disse, sem parar de girar o peão. — Só estou considerando a enormidade de tudo isso. Com certeza sua mãe teve momentos assim também.

Ele estava sendo seco de um jeito que não era normal; parecia esconder algo mais profundo do que sua frustração por causa de Carrie. Insisti, tentando não alterar o tom de voz, enquanto ele desviava o olhar.

— Eu entendi mal? Você sempre demonstrou tanto entusiasmo, a ponto de eu questionar sua sanidade. Está amarelando agora?

— Eu não disse que estava amarelando — ele rebateu. — Simplesmente manifestei uma preocupação. Você sempre manifesta as suas. Qual a diferença?

Havia muita verdade no que Hale tinha dito, mas era óbvio que eu pusera o dedo em alguma ferida. E, depois de ter me esforçado tanto para me abrir com ele, por que ele queria se fechar comigo? Embora eu não acreditasse que ele fosse do tipo que me testaria, comecei a me perguntar se ele não estava tentando avaliar minha paciência.

Abri e fechei as mãos embaixo da mesa, lembrando a mim mesma que eu confiava nele.

— Talvez seja melhor mudar de assunto — sugeri.

— De acordo.

Mas só houve silêncio depois disso.



A SALA ESTAVA PRONTA PARA RECEBER NOSSOS CONVIDADOS. Duas fileiras de assentos estavam dispostas como numa arquibancada, o que me lembrava a forma como os Selecionados sentavam no *Jornal*. Havia comida e bebida em alguns pontos do cômodo, um controle de segurança perto da porta e algumas câmeras circulando.

Atrás da equipe de produção estava a Elite, sentada contra a parede, e todos pareciam empolgados por poder acompanhar uma parte do meu trabalho. Fiquei feliz ao ver Kile e Erik com cadernos nas mãos (ainda que, no caso de Erik, fosse mais para ajudar Henri). Tinham vindo a trabalho.

— Você está linda — Marid garantiu, provavelmente depois de me ver ajeitando a gola.

— Tentei escolher um traje de trabalho sem parecer formal demais.

— E conseguiu. Só precisa se acalmar um pouco. Eles não estão aqui para atacar você; estão aqui para conversar. E a única coisa que você precisa fazer é ouvir.

Concordei com a cabeça.

— Posso fazer isso. — Respirei fundo. Nunca tínhamos feito uma coisa daquelas antes, e eu estava tão alegre quanto horrorizada. — Como você conheceu essas pessoas? São amigos?

— Não exatamente. Algumas ligaram para os programas de rádio que fiz antes, outras foram sugestão de conhecidos. É uma boa mistura de situações



econômicas e sociais, o que deve garantir uma discussão bem abrangente.

Processei a informação. Tratava-se simplesmente disso: uma discussão. Eu encararia pessoas que viviam de fato no nosso país e ouviria o que elas tinham a dizer. Não era uma multidão enorme; apenas algumas pessoas.

— Nós vamos conseguir, o.k.? — ele disse para me tranquilizar.

— Muito bem. — Tentei lembrar a mim mesma que aquela era uma coisa boa assim que os convidados começaram a entrar na sala.

Fui cumprimentar uma mulher que parecia ter gastado mais tempo com o cabelo do que eu, e seu marido, que, embora fosse bonito, poderia ter abusado um pouco menos do perfume.

— Alteza — a mulher saudou, curvando-se numa reverência. — Meu nome é Sharron Spinner, e este é meu marido, Don. — Ele também fez uma reverência ao ouvir seu nome. — Estamos muito contentes por estar aqui. É ótimo que o palácio invista um tempo para ouvir o povo.

Concordei.

— Já estava mais do que na hora. Por favor, sirvam-se e fiquem à vontade. Os produtores podem parar para entrevistá-los enquanto os outros se acomodam, mas vocês não são obrigados a falar com eles se não quiserem.

Sharron tocou o canto dos lábios para garantir que a maquiagem estava o mais impecável possível.

— Não nos incomodamos nem um pouco — ela disse. — Vamos, querido.

Não me contive e revirei os olhos. Os Spinner pareciam ansiosos demais para aparecer.

Atrás deles vieram os Barns e os Palter. Havia uma garota desacompanhada, Bree Marksman, e dois jovens, Joel e Blake, que se conheceram no saguão de entrada e já conversavam como se fossem amigos. Por fim, chegou um casal mais jovem que se apresentou como sr. e sra. Shell. Pareciam ter feito o máximo para conseguir roupas legais para a ocasião, mas sem sucesso.

— Brenton e Ally, certo? — perguntei, chamando-os para vir ao meu lado.

— Sim, Alteza. Obrigado pelo convite — Brenton respondeu com um sorriso, aparentando estar grato e envergonhado ao mesmo tempo. — Quer dizer que vamos conseguir nos mudar agora?

Parei na hora e encarei os dois. Ally engoliu em seco, numa tentativa clara de não criar muita expectativa.

— Mudar? — perguntei.

— É. Faz tempo que tentamos mudar de bairro lá em Zuni.

— Não é muito seguro — Ally acrescentou em voz baixa.

— Pensamos em formar uma família, mas não param de mudar os preços dos apartamentos.

— Temos amigos que conseguiram se mudar sem nenhum problema — Ally insistiu.

— Mas quando tentamos ir para a mesma região, o aluguel estava o dobro do que Nic e Ellen pagam.

— Os donos disseram que nossos amigos deviam ter informado o preço errado... Bom, não quero acusar ninguém, mas Nic era Três, e nós, Cinco.

— Nós só queremos morar num lugar seguro — Brenton acrescentou, levantando os ombros. — Mesmo que a senhorita não possa dar um jeito nisso, pensamos que encontrar a princesa talvez ajudasse.

— Alteza — a produtora chamou. — Desculpe interromper, mas vamos começar.

Ela então levou os Shell para seus lugares, e sentei diante de todos, sem saber ao certo como começar.

Ri um pouco para tentar quebrar a tensão.

— Como nunca fizemos algo assim antes, não temos um protocolo a seguir. Alguém tem alguma pergunta?

Um dos jovens — Blake, reconheci — ergueu a mão, e observei as câmeras mudarem de ângulo para focalizar seu rosto.

— Sim, Blake?

— Quando o rei vai voltar?

E, simples assim, me tornei insignificante.

— Não sei ao certo. Depende da recuperação completa da minha mãe.

— Mas ele vai voltar, certo?

Forcei um sorriso.

— Se, por algum motivo, ele não voltar, o país continuaria a avançar conforme

o planejado. Sempre fui a primeira na linha de sucessão e tenho os mesmos ideais do meu pai. Ele queria muito ver o fim das castas e, agora que elas acabaram, eu trabalharia ainda mais para suprimir as marcas que elas deixaram.

Lancei um olhar para Marid, que me deu um rápido sinal de positivo.

— Mas o negócio é o seguinte — Andrew Barns começou. — O palácio não tem feito nada para ajudar aqueles cujos pais eram Cinco ou Seis ou menos.

— Acho que ainda não conseguimos definir exatamente o que seria mais eficaz. Esse é um dos motivos para vocês estarem aqui hoje. Queremos ouvi-los — finalizei, as mãos cruzadas sobre o colo, tentando dar a impressão de estar no controle.

— Mas a monarquia é mesmo capaz de ouvir o povo? — Bree perguntou. — Já pensaram em passar o poder às massas? Não acham que existe a chance de fazermos um trabalho melhor do que o seu?

— Bom...

Sharron me cortou ao se voltar para Bree:

— Querida, você mal consegue se vestir. Como pode achar que seria capaz de governar um país?

— Me dê o direito ao voto! — Bree exigiu. — Isso já bastaria para mudar muita coisa.

O sr. Palter — Jamal — se inclinou para a frente.

— Você é jovem demais — começou, também se opondo a Bree. — Quero ver a mudança chegar até mim. Vivi a época das castas. Eu era Três e, de lá para cá, perdi muita coisa. Essa garotada não sabe de nada para contribuir com a discussão.

O outro rapaz solteiro levantou, irado.

— Só porque sou jovem não quer dizer que não preste atenção ou que não conheça gente que sofreu. Quero um país melhor para todos, não só para mim.

Tinham-se passado menos de cinco minutos, e a conversa inteira tinha virado um bate-boca. Várias pessoas mencionavam meu nome, mas nenhuma delas chegava a falar comigo.

Imaginei que a tentativa de vislumbrar uma ampla variedade de estilos de vida poderia acarretar conflito, mas desejei que Marid tivesse filtrado melhor as

peessoas. Mas, pensando bem, talvez ele tivesse feito isso, e ainda assim acabamos com pessoas que não davam a mínima para a minha presença. Eu tinha passado tanto tempo preocupada com a possibilidade de eles me odiarem que não parei para considerar a possibilidade de eu simplesmente ser irrelevante aos olhos deles.

— Poderiam levantar a mão antes de falar? — propus na tentativa de recuperar o controle. — Não consigo ouvir as ideias de vocês com todos falando ao mesmo tempo.

— Exijo direito ao voto! — Bree berrou, e os outros se calaram. Ela então me fulminou com o olhar. — Vocês não fazem ideia de como é a nossa vida de verdade. Olhe esta sala — ela apontou para as paredes e para a tapeçaria, combinadas com maestria, e para os pratos de porcelana e os copos cintilantes. — Como podemos confiar nas suas decisões se vocês estão tão distantes do povo? Vocês governam a nossa vida sem saber como é viver como a gente.

— Ela tem razão — disse Suzette Palter. — Vocês nunca passaram um dia no meio da sujeira ou tendo que fugir para sobreviver. É fácil decidir a vida dos outros quando não se está na pele deles.

Fiquei ali sentada, frente a frente com aqueles estranhos. Era responsável por eles. Mas como poderia ser? Como uma pessoa poderia garantir que toda e cada alma recebesse todas as oportunidades possíveis, tudo de que necessitasse? Não era possível. Mesmo assim, renunciar também não parecia ser a solução.

— Desculpem, mas tenho que interromper — Marid anunciou, surgindo das sombras. — A princesa é delicada demais para lembrar todos vocês quem ela realmente é, mas como amigo que se importa, não posso permitir que falem com ela desse jeito.

Ele me lembrou alguns dos meus tutores, que se aproximavam para ver o que eu estava fazendo e me deixavam envergonhada mesmo que eu achasse que não havia motivo.

— A princesa Eadlyn pode não ser sua soberana hoje, mas está destinada ao trono. Ganhou esse direito por causa de uma linhagem inteira de tradição e sacrifício. Vocês esquecem que podem escolher profissão, endereço, todo o seu futuro, enquanto ela tem o destino traçado desde o nascimento. E ela aceitou

esse peso de bom grado por vocês. Gritar pelo fato de ela ser jovem é injusto, pois todos sabemos que o pai dela tinha pouca experiência a mais quando subiu ao trono. A princesa Eadlyn estudou com afinco ao lado dele ao longo dos anos e já disse que pretende dar continuidade às ambições de Maxon. Digam-lhe como alcançar isso.

Bree esticou o pescoço.

— Eu já disse.

— Se a sua ideia é que nos tornemos uma democracia do dia para a noite, saiba que isso traria mais caos à sua vida do que você é capaz de imaginar — Marid insistiu.

— Mas se você quer votar — comecei —, talvez possamos conversar sobre como implementar eleições locais. É muito mais provável que os líderes mais próximos de vocês, aqueles que de fato vivenciam a sua região diariamente, possam cuidar das necessidades mais urgentes.

Bree não sorriu, mas relaxou um pouco a tensão nos ombros.

— Seria um começo.

— Muito bem — eu disse, reparando que Neena tomava notas feito louca. — Brenton, você comentou algo sobre moradia quando entrou. Pode falar mais do assunto?

Depois de quinze minutos, o grupo chegou à conclusão de que ninguém deveria ter o direito a uma casa negado com base na profissão ou na antiga casta, e que todos os valores deveriam ser anunciados para que não houvesse reajustes para barrar o acesso de certas pessoas.

— Não quero parecer esnobe — Sharron disse —, mas alguns de nós vivemos em regiões em que preferiríamos... que não morassem certas pessoas.

— Não deu certo — comentou um dos rapazes. — Você foi totalmente esnobe. Suspirei e pensei um pouco.

— Em primeiro lugar — comecei —, imagino que você more num bairro rico e que a mudança para lá demandaria uma quantidade considerável de dinheiro para começo de conversa. Em segundo lugar, você parte do princípio de que as pessoas com menos meios econômicos são péssimos vizinhos.

“O que você disse a meu respeito, Suzette, era verdade.” A mulher se animou

ao ouvir seu nome e sorriu por ter acertado, mesmo sem saber o quê. “Nunca morei fora do palácio. Mas, graças à Seleção, jovens de origens muito diferentes entraram na minha vida e me ensinaram muito. Alguns trabalhavam e estudavam ao mesmo tempo; outros sustentavam a família; outros tentam aprender inglês para ter mais oportunidades. Talvez tenham crescido com bem menos oportunidades do que eu, mas enriqueceram a minha vida de maneiras que nem posso começar a descrever. Sharron?”, perguntei afinal. “Isso não tem algum valor?”

Ela não respondeu.

— No fim das contas, sou incapaz de forçar vocês a tratar as pessoas como deveriam. Mas tenham consciência de que não importam as leis que eu aprovar, nenhuma terá muito efeito se vocês não assumirem a responsabilidade de serem bons com os outros cidadãos.

Vi Marid sorrir e tive certeza de que, apesar de não ter sido perfeita, tinha dado um grande passo. Me senti vitoriosa.

Quando a reunião acabou, eu estava prestes a desmoronar de tão tensa. Quase duas horas de conversa pareciam equivaler a uma semana de trabalho. Felizmente, a Elite pareceu compreender que eu estava exausta e se retirou com reverências educadas. Eles teriam bastante tempo para conversar entre si sobre o assunto mais tarde. Por ora, eu queria apenas me jogar num sofá.

Resmunguei para Marid:

— Tenho a sensação de que vão querer outra reunião como esta, mas me recuso enquanto não estiver completamente recuperada, o que pode levar anos.

Ele riu.

— Você foi ótima. Eles que dificultaram. Mas como foi a primeira vez, ninguém sabia como se comportar. Se você fizer de novo, vai ser bem mais fácil para as duas partes.

— Espero que sim — eu disse, esfregando as mãos. — Não paro de pensar em Bree, na intensidade dela.

— Intensidade? Não sei se usaria essa palavra para descrever — Marid disse com cara de tédio.

— É sério. A reunião parecia muito importante para ela — lamentei, pensando

em como ela parecia a ponto de chorar diversas vezes. — Estudei ciência política a vida inteira. Sei o que são repúblicas, monarquias constitucionais e democracias. Fico pensando se ela não tem razão. Talvez devêssemos...

— Pode parar por aí. Por acaso já esqueceu como ela parecia perturbada ao se dar conta de que as coisas não saíam do jeito que ela queria? Você quer mesmo que as escolhas do país sejam feitas por alguém como ela?

— Ela é uma voz entre milhões.

— Exatamente. Eu estudei política tanto tempo quanto você, e pelas abordagens mais variadas. Acredite em mim, é muito melhor manter o controle aqui.

Ele tomou as minhas mãos, com um sorriso tão confiante que resolvi parar de pensar naquilo.

— E você é muito capaz — ele retomou. — Não deixe um pequeno grupo de pessoas que não sabe expressar racionalmente a própria opinião derrubar a sua confiança.

Fiz que sim.

— Fiquei um pouco abalada, só isso.

— Claro que ficou. O público era difícil. Mas você pode digerir tudo isso com uma garrafa de vinho. Sei que vocês têm adegas excelentes aqui.

— Temos — respondi com um sorriso largo.

— Vamos, então. Vamos comemorar. Você acaba de fazer uma coisa maravilhosa pelo seu povo. Com certeza merece uma taça.



— BOM, NÃO FOI ÓTIMO — admiti. — Mas poderia ter sido bem pior.

— Falem para sua filha se valorizar um pouco mais — Marid insistiu.

Meus pais sorriram, e fiquei feliz por termos cruzado com eles no corredor. A voz do meu pai, mais do que qualquer outra, ia me ajudar a compreender o que eu tinha acabado de fazer e dizer.

— Nós tentamos, Marid, garanto a você — meu pai comentou. Ele tomou um gole de vinho e logo afastou a taça para se servir de uma xícara de chá, como minha mãe.

O médico tinha dito que uma bebida de vez em quando não faria mal, mas era óbvio que ela não estava a fim de arriscar, e não me surpreendeu meu pai acompanhá-la.

— Como vai a sua mãe? — minha mãe perguntou. Pela sua expressão, ela estava morrendo de vontade de saber.

Marid abriu um sorriso largo.

— Ela nunca diminui o ritmo. Está triste, claro, por não poder fazer coisas maiores, mas trabalha diligentemente para cuidar de quem está próximo de nós em Columbia. Até um bem pequeno é melhor do que nenhum.

— De acordo — minha mãe replicou. — Você poderia lhe dizer que penso nela sempre?

Ela olhou para meu pai, que permanecia indecifrável, mas Marid pareceu satisfeito.



— Vou dizer. E posso garantir que o mesmo vale para ela.

A conversa teve uma pausa, e todos se concentraram em suas bebidas por um momento. Por fim, meu pai nos salvou do silêncio.

— Então parece que um dos casais beirava a crueldade. Qual era mesmo o nome da mulher?

— Sharron — Marid e eu respondemos em coro.

— Ela veio com um propósito.

— Todos vieram — eu disse. — Mas era essa a ideia, certo? Todo mundo provavelmente tem uma ideia específica de como melhorar o próprio cotidiano. O ruim não era que tivessem essas ideias, mas como tentavam comunicá-las.

Minha mãe concordou com a cabeça.

— Deve haver um jeito de fazer algo assim sem toda a briga. Isso só atrasa o processo.

— Por um lado sim, mas por outro, contribui para a discussão — Marid alegou. — Quando voltaram a ter consciência de que falavam com a princesa, a conversa fluiu melhor.

— Estou certa de que tivemos mais pontos positivos do que negativos hoje — complementei.

Meu pai estava de cabeça baixa, os olhos fixos na mesa.

— Pai? Você não acha?

Ele levantou o olhar para mim e sorriu.

— Acho, querida, acho — disse. Em seguida, suspirou e endireitou a postura. — E lhe devo um agradecimento, Marid. Um gesto como esse com certeza não afeta apenas o palácio, mas todo o nosso país. Foi uma ideia muito boa.

— Vou repassar seu agradecimento ao meu pai, que me deu a ideia anos atrás.

— Então também lhe devo um pedido de desculpas — meu pai replicou com um sorriso enorme. Em seguida, batucou na mesa com os dedos como que para organizar os pensamentos. — Por favor, diga aos seus pais que eles não precisam continuar afastados. Só porque discordamos sobre os métodos, não quer dizer que...

Marid ergueu a mão.

— Não diga mais nada, Majestade. Meu pai já disse mais de uma vez que

passou da linha. Vou insistir para que ele entre em contato. Logo.

Meu pai sorriu.

— Eu ia gostar.

— Eu também — minha mãe emendou.

— E você é bem-vindo para visitar sempre que quiser — acrescentei. —  
Principalmente se tiver mais ideias para melhorar a relação com nosso povo.

Marid assumiu uma expressão triunfante.

— Ah, tenho várias.

Na manhã seguinte, fui quase a primeira a chegar ao escritório, antes de todo mundo, exceto o general Leger, que revirava meio sem jeito as gavetas da escrivaninha do meu pai.

— General? — perguntei, anunciando minha presença.

Ele fez uma breve reverência e voltou à procura.

— Desculpe. Seu pai quebrou os óculos e disse que tinha outros na escrivaninha. Mas não estou com sorte.

A voz dele estava rouca, e ele fechou a gaveta com tudo antes de correr os olhos pela estante atrás de si.

— General Leger?

— Ele disse que estariam aqui. Por acaso estão bem na minha frente e não estou vendo?

— General?

— *Uma* coisa, era tudo o que eu precisava fazer. Não sou capaz nem de encontrar os óculos do rei.

— General?

— Sim? — ele replicou sem me olhar.

— Está tudo bem?

— Claro — respondeu e continuou a procurar e procurar. Só parou quando pus de leve a mão no seu ombro.

— Você não mentiria para o meu pai. Por favor, não minta para mim.

Ele finalmente desviou os olhos da tarefa; estava atônito.

— Quando você ficou tão alta? — perguntou. — E tão eloquente? Parece que foi ontem que sua mãe entrou correndo na sala e nos chamou para ver seus primeiros passos — ele lembrou, com um leve sorriso. — Não sei se você sabe, mas Ahren quase veio primeiro. Mas já naquela época você não queria ficar atrás de ninguém.

— Você ainda não respondeu minha pergunta. Está tudo bem?

Ele fez que sim:

— Vai ficar. Nunca fui bom de aceitar a derrota, mesmo quando é a melhor opção. Na verdade, Lucy tem lidado com a situação melhor do que eu, mas não muito. — Ele franziu a testa. — Imagino que você saiba do que estou falando.

Suspirei.

— Sei. Mas bem pouco. Sinto vergonha de confessar que andei tão autocentrada que não percebi o quanto você sofria. Gostaria de ter sido mais sensível.

— Não se culpe. Não moramos no palácio, e a falta de filhos não é um assunto sobre o qual conversamos com facilidade. Além disso, não há nada que alguém possa fazer.

— Nada?

— Como eu disse, estamos tentando aceitar a derrota. No começo, pensávamos ter muito tempo e, quando buscamos ajuda, foi um fracasso atrás do outro. Lucy já não aguenta mais. — Ele se calou em seguida, engolindo em seco e abrindo um sorriso frágil. — Espero ter acertado com você. Como soldado, como amigo. Você é a pessoa que mais chega perto de uma filha para mim. Por isso quero ter essa certeza.

Quase comecei a chorar, lembrando que eu tinha dito que ele era como um pai reserva não fazia muito tempo.

— Você acertou. Claro que acertou. E não apenas comigo, mas com todas as crianças do palácio que ajudou a criar.

Ele franziu a testa.

— O sr. Woodwork quebrou a perna quando Kile estava aprendendo a andar de bicicleta. Lembro de você correndo atrás dele na brita da entrada do palácio, até ele finalmente conseguir se equilibrar.

O general Leger fez que sim, com uma sombra de sorriso no rosto.

— É verdade.

— E meus pais estavam na Nova Ásia quando Kaden perdeu o primeiro dente, lembra? Foi a madame Lucy que o ajudou a arrancar. E ela ensinou Josie a passar delineador. Lembra que ela passou semanas se gabando?

— Lembro de Marlee mandando a filha tirar aquilo — ele disse, mais animado.

— E você ensinou Ahren e Kaden a manejar o sabre. Kaden recentemente propôs um duelo, e a primeira coisa em que pensei foi que ele ganharia fácil graças a você.

O general apenas me observou por um tempo.

— Guardo todas essas lembranças no coração — ele disse afinal. — De verdade. Defenderia qualquer um de vocês até o último suspiro. Mesmo que não me pagassem para isso.

Achei graça.

— Eu sei. Por isso eu não confiaria a minha vida a mais ninguém — garanti, tocando a mão dele. — Por favor, tire um dia de folga. Ninguém vai nos invadir hoje e, se invadir, te chamo — acrescentei rápido quando notei que ele ia reclamar. — Passe um tempo com madame Lucy. Lembre-se de todo o bem que fizeram um ao outro, e faça com que ela lembre de tudo o que vocês fizeram por nós. Sei que não substitui nada, mas faça isso mesmo assim.

— Ainda não encontrei os óculos.

— Com certeza meu pai deixou na sala de estar. Eu cuido disso. Vá.

Ele apertou minha mão uma última vez antes de soltá-la e curvar-se numa reverência.

— Sim, Alteza.

Observei-o sair, apoiada contra a mesa, pensando nele, na madame Lucy e na vida dos dois juntos. Enfrentaram tantas tristezas, tantas decepções, e ainda assim ele aparecia todo dia para trabalhar. E madame Lucy também. Era estranho compará-los aos meus pais, cujas vidas pareciam perfeitamente em ordem.

Eu estava rodeada de exemplos de como o amor, o amor verdadeiro, era capaz de tornar uma pessoa mais forte diante das circunstâncias, ainda que fosse

necessário enfrentar a maior decepção da vida ou carregar o peso de um país nas costas.

De repente, não conseguia me lembrar por que eu tinha tanto medo daquilo.

Repassei mentalmente a minha lista de pretendentes, sentindo ao mesmo tempo curiosidade e medo. A doçura de Kile, o entusiasmo de Fox, a alegria de Henri... Tudo aquilo me atraía. Mas, além disso, havia algo belo e duradouro?

Eu ainda não sabia. Mas tentar descobrir não me parecia mais tão assustador.

Deixei aquele pensamento de lado por um tempo e fui até a sala de estar. Como esperado, os óculos do meu pai, abertos e de ponta-cabeça, estavam bem em cima de uma pilha de livros. Levei-os até o quarto dele, ainda pensando no futuro. Com cuidado para não acordar minha mãe, que podia estar dormindo, bati à porta de seu escritório pessoal.

— Sim? — ele perguntou.

Entrei e o encontrei na escrivaninha, apertando os olhos para ler alguns papéis.

— Achei — disse, mostrando os óculos, que rodava entre os dedos.

— Ah! Você salvou minha vida. Onde está Aspen? — ele perguntou, enquanto punha os óculos todo feliz.

— Disse a ele para tirar o dia de folga. Ele estava meio triste.

Meu pai levantou a cabeça com tudo.

— Estava? Não percebi.

— Estava. Acho que ele e a madame Lucy não estão num dia bom.

À menção do nome dela, meu pai pareceu compreender.

— Bom, agora me sinto péssimo por não ter dito nada — ele lamentou, recostando-se na cadeira e esfregando as têmporas.

— Você tem dormido bem? — perguntei, enquanto mexia num peso de papel.

Ele abriu um sorriso.

— Eu tento, querida. De verdade. Mas acordo com qualquer respiração diferente da sua mãe e acabo ficando de vigília por uma hora, até me acalmar o suficiente para voltar a dormir. Aquele infarto nos pegou de surpresa. Quando muito, o esperado era que tivesse acontecido comigo.

Concordei em silêncio. Várias vezes nos últimos tempos tinha observado meu pai, me perguntando se ele estava bem. Mas minha mãe? O estado dela passou

despercebido por todo mundo.

— Sua mãe só fala em aparecer no *Jornal* amanhã, como se quisesse mostrar que as coisas estão voltando ao normal. Como se eu já devesse voltar ao trabalho. E eu sei que, no instante em que eu voltar, ela também vai. Não acho que ela deva passar os dias sentada de braços cruzados, mas só de imaginar que ela vai retomar as funções de rainha, o dia inteiro, todos os dias... não sei como lidar. — Ele esfregou os olhos e me deu um sorriso sem emoção. — E a verdade é que tem sido bom fazer uma pausa, respirar um pouco. Acho que não me dei conta do quanto estava correndo até precisar parar. Não lembro da última vez que tive dez horas de sossego com a minha esposa — ele continuou, com os olhos nos meus. — Ela já está com umas ruguinhas de expressão.

— Bom — comentei com um sorriso —, você conta muitas piadas ruins, pai.

Ele concordou.

— O que posso fazer? Sou um homem de muitos talentos. Mas é quase insuportável: quando ela voltar a ser rainha, vou ter que voltar a ser rei. E não sei quando terei outra semana como esta, só nós dois.

— E se ela não voltasse?

Ele franziu a testa.

— O que você quer dizer?

— Bom...

Eu estava com a ideia na cabeça desde a assembleia do dia anterior. Provavelmente eu jamais seria capaz de ajudar todo o meu povo, mas poderia melhorar a vida de algumas pessoas. Esse pensamento me empolgava mais do que eu achava que seria possível. E, no pior dos casos, eu poderia ajudar meus pais, o que ultimamente parecia um feito monumental. Ainda assim, quando as palavras saíram da minha boca, tive certeza de que se tratava de uma insanidade completa:

— E se ela não fosse mais a rainha? E se a rainha fosse eu?

Meu pai ficou paralisado, incrédulo.

— Não quero ofender — gaguejei. — Sei que você é plenamente capaz de governar... mas você tem razão. A mamãe vai querer retomar todo os encargos. Se eu fosse rainha, ela teria que fazer outra coisa.

Ele arregalou os olhos, como se nunca tivesse cogitado a opção.

— E se ela não fosse mais a rainha e você não fosse mais o rei, quando ela já estiver recuperada, talvez vocês possam fazer outras coisas além de ficar em casa. Talvez pudessem viajar.

Ele piscou, atônito com a possibilidade.

— Podíamos fazer isso esta semana até. Posso pedir para fazerem um vestido de coroação, e a srta. Brice e Neena podiam organizar tudo, e você sabe que o general Leger cuidaria para que o evento todo fosse seguro. Você não precisaria se preocupar com nada.

Ele engoliu em seco e desviou o olhar.

— Por favor, pai, não leve como ofensa. Eu...

Ele ergueu a mão e eu me calei, impressionada por ver lágrimas nos olhos dele.

— Não estou ofendido — ele respondeu com a voz rouca e limpou a garganta em seguida. — É que estou orgulhoso demais de você.

Abri um sorriso.

— Então... vai me deixar subir ao trono?

— Você vai passar momentos difíceis — ele disse, sério. — O povo está inquieto.

— Eu sei. Isso não me assusta. Não  *muito*.

Rimos juntos.

— Você vai ser maravilhosa.

Dei de ombros:

— Não sou você. E com certeza não sou a mamãe. Mas sou capaz. Tenho ajuda, e ainda terei vocês dois. E com todas essas pessoas ao meu lado, provavelmente serei uma rainha mediana.

Ele balançou a cabeça.

— Você é muito mais do que mediana, Eadlyn. Talvez eu não tenha dito o bastante, mas você é uma jovem extraordinária. Brilhante, divertida, capacitada. Que privilégio será poder ser um dos seus súditos. — As palavras dele foram tão sinceras que me vi piscando para conter as lágrimas.

Só naquele momento me dei conta do quanto a opinião dele era importante para mim. Mas poderia ter percebido antes se tivesse parado para pensar em

quantos passos eu tinha dado por sugestão dele. Significava tudo para mim que ele aprovasse os passos que eu dava por conta própria.

Meu pai respirou fundo.

— Pois bem. — Ele levantou, foi para o outro lado da mesa e passou o anel de sinete do seu anelar para o meu dedo médio. Seus olhos, que estavam claros como eu não via havia dias, se fixaram bem no fundo dos meus.

— O anel fica muito bem em você.

Inclinei a cabeça e brinquei:

— Quase tudo fica.





QUANDO MINHA MÃE ADENTROU O ESTÚDIO na tarde de sexta, todos os presentes irromperam em aplausos. Ela levantou a mão e acenou para agradecer o apoio. Meu pai caminhava tão colado a ela que não dava para ver nem um ponto de luz entre os dois. Ela mancava um pouco por causa da veia que os médicos tinham removido da perna, mas era tão graciosa que só dava para perceber reparando bem. Ela tinha optado por um vestido de decote alto e, pela maneira como o ajeitava o tempo todo, percebi que estava nervosa por causa da cicatriz.

— Você está maravilhosa — elogiei, sincronizando meus passos com os dela e do meu pai para tentar distraí-los.

— Obrigada. Você também.

— Como se sente, pai? — perguntei, me inclinando por trás da minha mãe para tentar ver a expressão dele.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Metade aliviado, metade nervoso. Não por sua causa; você vai se sair bem. Só estou preocupado com a reação.

Notei que ele parecia mais descansado, e era perceptível que ver minha mãe toda arrumada de novo o deixava mais animado.

— Eu também. Mas sabíamos que este dia chegaria, cedo ou tarde. Prefiro que seja agora e que eu possa ajudar neste momento, quando é mais necessário.

Minha mãe deixou escapar um suspiro saudoso.

— Por fim, longe dos holofotes e de volta aos bastidores. Que falta eu sentia

disso.

— Mesmo assim, as pessoas vão continuar a nos observar, querida — meu pai disse. — Tente apenas manter a cabeça erguida hoje, e estarei bem ao seu lado se você precisar.

— Como sempre então?

Ele sorriu.

— Como sempre.

— Vejam, não está nos meus planos enxotar vocês nem nada assim, mas se insistirem em ser melosos desse jeito, vou mandá-los para uma casa de campo num piscar de olhos.

Minha mãe beijou a minha cabeça.

— Boa sorte hoje à noite.

Os dois caminharam até seus assentos enquanto eu cruzei o palco até onde estavam os garotos.

— Alteza — Ean disse, curvando-se numa reverência com um sorriso mais luminoso do que o normal.

— Olá, senhor.

— Como está esta noite?

— Bem, acho. O programa vai ser bem emocionante.

Ele se inclinou para mim e sussurrou:

— Sempre estou a fim de um pouco de emoção.

Ean cheirava a loção pós-barba e tabaco e, como sempre desde o momento em que nos conhecemos, havia um ar levemente hipnótico ao redor dele.

— Estou muito ocupada ultimamente, mas acho que deveríamos marcar um encontro logo.

Ele deu de ombros.

— Só se você quiser. Como eu disse, não é minha intenção exigir nada de você.

— Então você está bem à vontade?

— Estou — ele respondeu com um sorriso. — E, como sempre, estou ao seu dispor para qualquer situação em que possa precisar de mim.

Ele fez uma reverência e se posicionou ao lado de Hale, que cochichou algo

com ele. Vi que Ean respondeu balançando a cabeça. Hale parecia desconfortável, e me dei conta de que não tínhamos mais conversado desde aquele encontro desastroso. Eu não sabia ao certo se já estava disposta a tentar superar aquele abismo que se abrira entre nós.

— É tão bom ver a rainha de volta — Fox comentou.

Fiquei radiante.

— É mesmo. Ela vai falar um pouco sobre a saúde, depois virão as notícias de sempre, e por fim meu pai fará um grande anúncio. Vocês estão dispensados do programa esta noite.

— Ainda bem — Kile comemorou, se jogando no assento com um sorriso no rosto.

— Conheço bem a sensação — comentei, rindo. — Então só fiquem sentados exalando charme e beleza.

— Feito — Ean brincou, uma coisa que eu não o julgava capaz de fazer. Hale riu, assim como Henri, embora seu rosto mostrasse que ele não tinha entendido nada.

Dei meia-volta para ir para o outro lado, balançando a cabeça enquanto andava, quando senti um toque leve no pulso.

— Perdão, Alteza — Erik disse. — Gostaria de saber se posso sentar com a plateia, já que não haverá perguntas esta noite.

Seus olhos azuis refletiam com nitidez o brilho das luzes do estúdio.

— Está com medo de que eu te arraste para o meio do cenário se não se esconder?

Ele achou graça.

— Mais do que imagina.

— Não se preocupe. Você está seguro. Mas Henri vai precisar entender o anúncio do meu pai, então fique por perto.

Ele fez que sim.

— Ficarei. Você está bem? Parece um pouco nervosa.

— Estou. Muito — confessei.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Levei a mão ao ombro dele.

— Cruze os dedos. Vai ser uma noite interessante.

Assumi meu lugar ao lado da minha mãe, de frente para a pequena plateia. A roupa de Josie mais uma vez me deixou perplexa. Ela estava recoberta de tantos, mas tantos paetês, que quem a visse poderia pensar que ela ia participar do programa. Talvez fosse mesmo o plano dela: estar pronta caso acontecesse.

O general Leger costumava ficar de pé, mas naquela noite sentou ao lado de madame Lucy, que se reclinou sobre ele. Ele virou a cabeça de leve para lhe dar o mais delicado dos beijos na cabeça. Os dois não trocavam olhares nem palavras, mas eu podia notar que havia uma comunicação silenciosa e que os dois pareciam estar em seu próprio mundo.

Eu passaria horas observando-os, mas me distraí. Kaden gesticulava para mim feito louco, fazendo sinal de positivo com as duas mãos. Sorri e retribuí com um aceno.

— Se ele está empolgado com o que vai acontecer, imagine a empolgação de Ahren quando ouvir — minha mãe comentou, enquanto mexia mais uma vez no decote para ajustar as camadas.

— É — concordei desanimada, pensando que, se meu irmão não era capaz nem de me ligar para dizer como estava, talvez não ficasse nem um pouco empolgado.

Câmeras foram ligadas e o programa começou.

Minha mãe abriu o *Jornal* garantindo que estava quase boa:

— Estou cada vez melhor, graças ao trabalho dos nossos excelentes médicos e aos cuidados da minha família — afirmou. Eu sabia que aquela era a única notícia que realmente importaria aos telespectadores até o grande anúncio. Eu mesma mal conseguia prestar atenção às informações sobre as verbas e as relações internacionais; duvidava que o resto do país conseguisse.

Finalmente, meu pai subiu à tribuna no meio do palco. Olhando diretamente para a câmera, respirou fundo.

— Meu povo — começou, mas logo parou para olhar para minha mãe e para mim. Segurei a mão dela, preocupada com a possibilidade de ele mudar de ideia. Por mais medo que eu tivesse de assumir o papel dele, desistir agora seria um fracasso.

Ele continuou com os olhos fixos sobre nós duas por um instante; devagar, seus lábios desenharam um sorriso. Então ele voltou a encarar a câmera.

— Meu amado povo, venho diante de vocês hoje para pedir compreensão. Em vinte anos de reinado, fiz o melhor que pude para amenizar conflitos e problemas que por tanto tempo ameaçaram nossa paz. Construimos novas alianças, eliminamos práticas sociais arcaicas e fizemos tudo o que podíamos para dar a cada um de vocês maiores chances de alcançar a felicidade. Agora, suplico-lhes que façam o mesmo para mim.

“Com o recente sobressalto causado pela saúde da minha esposa, percebo ser incapaz de me concentrar no progresso do nosso país, e menos ainda na manutenção do que já conquistamos. Por isso, depois de pensar e deliberar muito, nossa família decidiu que minha filha, a princesa Eadlyn Schreave, subirá ao trono.”

Ele fez uma pausa para que as palavras pudessem ser digeridas e, naquele momento, ouvi o mais inesperado dos sons: aplausos.

Levantei o olhar e vi que eram os garotos. Batiam palmas para mim. Kile se levantou com um salto, maravilhado com a notícia, e Hale o imitou, enfiando os dedos na boca para assoviar. Depois que a Elite inteira levantou, me dei conta de que todos no estúdio faziam o mesmo. E não apenas madame Marlee ou o general Leger, mas também as maquiadoras e os assistentes, que garantiam que o programa fosse ao ar sem qualquer falha.

Meus lábios tremeram um pouco, completamente dominados por uma alegria instantânea. Isso fez minha confiança disparar. Talvez tivéssemos nos preocupado por nada.

Meu pai, animado com a reação, continuou quando o ruído diminuiu:

— Os planos para a coroação estão sendo traçados neste exato momento, e o evento acontecerá no fim da semana que vem. Depois de ter trabalhado com a princesa durante toda a vida dela, sei que nosso país não poderia ficar em melhores mãos. Também devo dizer que a iniciativa para assumir o cargo agora foi dela, a fim de que sua mãe e eu pudéssemos nos retirar do governo e levar uma vida tranquila de marido e mulher, uma vida que ainda não tivemos o privilégio de experimentar. Espero que vocês compartilhem da alegria dessa

notícia tão maravilhosa. Nossa família inteira agradece a vocês, povo de Illéa, pelo apoio constante que recebemos.

Assim que meu pai concluiu o discurso, as palmas e os assovios recomeçaram. Passei na frente dele no caminho até a tribuna. Ele ergueu a mão para me cumprimentar e bati de volta. Parei diante da tribuna sentindo um frio polar na barriga.

— Quero agradecer a todos no palácio pela ajuda e aconselhamento desde que me tornei regente, e dizer ao país inteiro que estou maravilhada por subir ao trono. Sou incapaz de expressar a alegria que me dá poder fazer algo pelos meus pais. — Aquela era a maior verdade de todas, e nem todo o nervosismo do mundo seria capaz de sufocá-la. — O fato de eu assumir o cargo de rainha implica que um dos cavalheiros aqui atrás não será apenas príncipe, mas príncipe-consorte, de imediato.

Olhei para eles por cima do ombro. Alguns, como Fox e Kile, pareciam extasiados, ao passo que Hale estava de cara fechada. Então aquela noite não tinha sido apenas um momento infeliz. Ele realmente tinha dúvidas. O que tinha acontecido? Como eu o havia perdido?

— Minha coroação iminente será uma das maiores comemorações que o palácio já viu. Por favor, procurem um Departamento de Serviços Provinciais para mais informações, pois uma família de cada província será convidada para vir ao palácio, com todas as despesas pagas, para aproveitar os festejos. — Isso tinha sido ideia minha, e eu tinha certeza de que Marid aprovaria. — E, naturalmente, pedimos o apoio de vocês à nossa família ao longo deste período de transição. Muito obrigada, Illéa. Boa noite!

Corri até os meus pais no exato segundo em que as câmeras foram desligadas.

— Dá para acreditar?

— Correu tudo tão bem! — minha mãe disse. — As palmas dos garotos, por iniciativa própria. Foi tão natural, e sei que isso animou as pessoas em casa.

— É um bom sinal — meu pai concordou. — E acho que o fato de seu escolhido se tornar imediatamente príncipe-consorte só acrescenta à Seleção.

— Como se tudo já não fosse muito louco — eu disse entre um suspiro e um sorriso, feliz demais para pensar que tudo aquilo era uma insanidade total.

Meu pai deu um beijo na minha testa.

— Você foi maravilhosa. — Em seguida virou para a minha mãe. — Quer descansar um pouco?

— Estou bem — ela respondeu com cara de tédio à medida que nos retirávamos do palco.

— Tem certeza? Podemos pedir para levarem o jantar no quarto.

— Se você fizer isso, joga o prato em você.

Comecei a rir. Cada vez fazia mais sentido que os dois tivessem brigado durante quase toda a Seleção deles.

Agora eu só precisava terminar a minha.



NA MANHÃ SEGUINTE, desci correndo para tomar café da manhã, segurando firme o jornal. Disparei por entre os guardas e a Elite e o posicionei bem na frente dos meus pais.

— Vejam! — mostrei com o dedo apontado para a manchete.

“O que eles sabem que nós não sabemos?”, era a pergunta. Abaixo, uma foto dos garotos de pé, comemorando durante o *Jornal*.

Meu pai pegou a publicação, pôs os óculos e leu o artigo em voz alta, embora não para que toda a sala de jantar ouvisse.

— “Quando pensamos na princesa Eadlyn Schreave, as primeiras palavras que vêm à mente talvez não sejam *simpática*, *efusiva* ou *amada*. Ela com certeza tem classe e beleza, e embora ninguém possa desmerecer sua inteligência, talvez existam motivos para questionar outras características suas, como sua devoção ao seu povo. Assim, temos que perguntar: o que aqueles jovens, filhos de Illéa de fato, sabem sobre ela que nós não sabemos?”

Minha mãe levantou os olhos para mim, sorrindo. Meu pai prosseguiu:

— “Os cinco cavalheiros remanescentes na Seleção se levantaram imediatamente para aplaudir a ascensão da princesa, mas devo admitir que no começo este jornalista não teve a mesma reação. Fiquei preocupado. Ela é jovem. Distante. Não mantém contato com o povo.”

O artigo continuava:

— “Mas se esses garotos, que eram todos, exceto um, estranhos para ela até



pouco tempo, decidiram comemorar de imediato, então nossa rainha deve ser mais do que apenas um rosto bonito. Recentemente a Elite a descreveu como ponderada e comprometida. Seriam qualidades que a princesa sempre teve, mas que apenas não apareciam na tela? Ela é uma verdadeira líder, preparada para se sacrificar por seu povo? A natureza de sua ascensão à coroa sugere que a resposta seja sim. O rei e a rainha ainda são jovens. Ainda são física e mentalmente capazes de continuar o reinado. Ver a princesa assumir antes do previsto para que os dois possam desfrutar de tempo juntos como casal demonstra não apenas seu amor pela família, mas sua dedicação ao trabalho.”

Os olhos de minha mãe já se enchiam de lágrimas.

— “Só o tempo dirá se essas hipóteses são verdadeiras, mas posso afirmar que, pelo menos por enquanto, recuperei minha fé na coroa.”

— Ah, querida! — minha mãe exclamou.

Meu pai me devolveu o jornal.

— Eady, isso é ótimo!

— É a opinião pública mais animadora em muito tempo — suspirei, satisfeita.

— Estou tentando não criar expectativas muito altas, mas isso facilita muito começar o trabalho hoje.

— Espero que você pegue leve esta manhã — minha mãe disse com um olhar incisivo. — Não quero que tenha um colapso antes mesmo de começar.

— Gostaria de dizer que planejei uma manhã tranquila, mas seria mentira — confessei. — Vou para uma aula de finlandês. Você faz ideia de como é difícil contar em finlandês?

Meu pai deu um gole no café.

— Há anos convivo com essa língua. Parabéns pelo esforço.

— Henri é muito fofo — minha mãe comentou. — Não esperava que você fosse seguir essa direção, mas ele com certeza pode fazê-la sorrir.

— Pfff... — meu pai desdenhou, olhando para minha mãe. — E você sabe alguma coisa sobre escolher marido? Da última vez que tentou, acabou enrolada comigo.

Ela sorriu e deu um tapinha no braço dele.

— Vocês dois estão num grude insuportável. — Dei meia-volta e segui em

direção à porta.

— Tenha um ótimo dia, querida — minha mãe desejou, e eu ergui a mão em resposta antes de parar diante de Henri.

— Humm. *Lähteä*?

Ele ficou radiante.

— Sim! Bom, bom! — Ele deixou o guardanapo sobre o prato e tomou meu braço.

— Esperem a gente! — Fox gritou, com Kile logo atrás. — Estou ansioso para a aula. Acho que fui bem da última vez.

— Erik é um professor muito encorajador. Você pode até soltar uma mistura de sons aleatórios que ele diz “bela tentativa” — Kile disse, rindo.

Concordei.

— Será que é coisa de norueco? O coitado do Henri foi condenado a me ajudar da última vez e teve que segurar meu rosto porque eu não conseguia acertar o formato da boca — contei, imitando os gestos daquele dia, e Henri sorriu. — Por acaso ele se incomodou? De jeito nenhum.

Um segundo depois de mencionar o assunto, lembrei que quase nos beijamos naquele momento. E, embora tenha ficado aliviada por ver que nem Fox nem Kile pareciam ter notado, fiquei meio chocada por não ter pensado mais naquele quase beijo.

Quando chegamos à biblioteca, Erik já estava lá, escrevendo na lousa.

— Bom dia, professor — cumprimentei ao me aproximar.

— Alteza. Ou devemos dizer “Majestade” agora?

— Ainda não! — exclamei. — Tenho calafrios só de pensar nisso.

— Bom, estou empolgado por você. Todos nós estamos. Quer dizer, todos *eles* estão — ele se corrigiu, indicando a Elite com a cabeça, inclusive Hale e Ean, que vinham logo atrás. — Não quis dizer como se eu fizesse parte do grupo. É que consigo ver a reação de todo mundo bem de perto.

— Não seja bobo. Você faz parte do bando. — Ri, correndo os olhos pela sala. — Às vezes parece mais um clubinho estranho do que uma competição.

— Você está certa. Mas isso não muda o fato de que é uma competição.

Seu tom sombrio me chamou atenção, mas ele evitou me olhar de volta. Em

vez disso, pegou um punhado de papéis e me entregou.

— E que sorte a minha poder dizer no futuro que ajudei a nova rainha a aprender finlandês! — Seus olhos brilhavam de orgulho.

Espiei os outros enquanto escolhiam seus assentos e então me aproximei um pouco mais de Erik para manter o que eu ia dizer só entre nós.

— Também vou sentir saudade de você. Quando tudo acabar. Você é tão importante para mim quanto os outros. Até mais do que alguns.

Ele negou com a cabeça.

— Você não deveria dizer isso. Não sou como eles.

— É exatamente como eles. Tão comum e tão nobre quanto eles, Eikko.

Ele ficou imóvel ao ouvir seu verdadeiro nome e, quase imperceptivelmente, seus lábios esboçaram um sorriso.

— Ei, Eady — Kile chamou. — Quer sentar comigo?

— Claro. — eu disse e fui até ele.

— Vamos começar revendo o que aprendemos semana passada — Erik começou. — Depois, vamos passar para algumas perguntas e respostas básicas. Sei que alguns de vocês já estavam estudando outras coisas, e ficarei feliz em ajudar com isso também. Por enquanto, vamos voltar aos números.

— Certo, lá vamos nós. *Yksi, kaksi, kolme, neljä, viisi* — Kile recitou orgulhoso.

— Como você fez isso? Que inveja.

— Prática. O quê, você não tem uma horinha livre para dedicar aos Algarismos finlandeses?

Comecei a rir.

— Estou até tomando banho na velocidade da luz esses dias. Sinto saudades de ter tempo. Mas vai valer a pena dar uma chance de respirar aos meus pais.

— Para mim é meio estranho dizer que estou orgulhoso de você, mas estou — ele disse, tentando em vão segurar um sorriso. — É como se isso me garantisse que não estou me apaixonando por um devaneio, que você é mesmo tão inteligente e generosa e determinada quanto comecei a achar que é.

— Ao contrário da Eadlyn de mais ou menos essa época no ano passado? — perguntei com maldade.

— Não me leve a mal. Ela era divertida. Sabia curtir, sabia cativar as pessoas. A de hoje sabe isso e mais umas cem coisas. E eu gosto dela. Mas você já sabe disso.

— Também gosto de você — sussurrei. Vislumbrei Erik se aproximando pelo canto do olho e voltei a encarar o papel. — O oito e o nove me confundem por serem parecidos mas muito diferentes ao mesmo tempo.

— O.k. Vamos ver esses dois de novo, então.

Erik se afastou, e me senti culpada por desperdiçar o tempo da aula, principalmente porque eu queria mesmo aprender finlandês.

— Por falar em gostar de você, sinto muito por não ter arranjado mais tempo para a gente.

Kile deu de ombros.

— Não se preocupe comigo, Eady. Ainda estou aqui — ele disse, apontando o papel na minha frente para que eu me concentrasse nas sílabas. Fiquei ali observando-o exagerar a articulação das palavras, e ao mesmo tempo me sentia muito grata pela língua e o tempo e todas as perspectivas diante de mim.

Abri a porta do escritório e encontrei a srta. Brice no telefone. Ela acenou para mim sem parar de falar:

— Sim... sim... daqui a uma semana. Obrigada! — Com isso, pôs o telefone no gancho. — Desculpe. A sua mesa é maior, e com a coroação na semana que vem, há muitos afazeres. As flores estão prontas, a igreja está reservada, temos três estilistas trabalhando em opções de vestido e, se você quiser que Neena supervisione alguma dessas coisas, ela com certeza ficaria encantada.

Observei atônita as pilhas de pastas sobre a mesa.

— Você fez tudo isso em um dia?

— Mais ou menos.

Fiz cara de cética, e ela abriu um sorriso antes de confessar a verdade:

— Tinha a sensação de que isso ia acontecer, então deixei algumas coisas encaminhadas só por precaução.

Balancei a cabeça.

— Você me conhece melhor do que eu mesma.

— Faz parte do meu trabalho. Mudando de assunto — ela acrescentou —, recebi uma ligação de Marid hoje de manhã. Ele agradeceu o convite para a família dele comparecer à coroação, mas não sabia ao certo se os pais seriam completamente bem-vindos.

— Conversei com meu pai. Ele sabia disso, não?

— Sabia.

Suspirei.

— Mas Marid vem?

— Vem. E depois que tudo isso passar e você já estiver instalada no trono, pode continuar tentando retomar o contato com eles, se quiser.

Fiz que sim com a cabeça.

— Se for possível reatar esse laço, vou reatar.

— Sábia decisão.

Respirei fundo, feliz com o elogio. Se quisesse sobreviver, precisaria me lembrar sempre de palavras bondosas como aquelas, como uma armadura.

— Estou pronta para o trabalho. Pode mandar.

— Na verdade, acho que o melhor que você poderia fazer para ocupar o tempo seria conversar com um dos garotos da Elite, marcar um encontro, algo assim.

— Eu estava com eles agora — argumentei. — Estão todos bem.

— Eu quis dizer um encontro a sós. Além dos detalhes da coroação, com os quais você não deveria sequer se incomodar, não há nada que não possa esperar até segunda. A sua vida profissional está avançando, e você mesma disse que ela caminha de mãos dadas com a sua vida pessoal.

Ela arqueou as sobrancelhas para mim.

— Tudo bem — cedi.

— Por que a tristeza? Os cinco não são todos favoritos?

— É complicado. Aquele com quem mais preciso conversar talvez nem queira falar comigo — suspirei. — Me deseje sorte.

— Você não precisa disso.



SENTADA, EU ESPERAVA HALE CHEGAR AO MEU QUARTO. Queria ter aquela conversa num lugar íntimo e confortável. Minhas mãos suavam, e de repente me dei conta de que logo só restariam os garotos que eu não queria mandar embora. Sabia que no final só haveria um, mas quase desejava que os outros também pudessem chamar o palácio de casa ou quem sabe prometer uma visita nos feriados.

Ergui a cabeça ao ouvir a batida na porta e fui abrir pessoalmente. Não queria Eloise por perto naquele momento.

Hale fez uma reverência.

— Alteza.

— Entre. Quer alguma coisa para comer, beber?

— Não, estou bem — ele disse, esfregando as mãos, aparentando tanto nervosismo quanto eu.

Sentei à mesa e ele fez o mesmo. Quando o silêncio se tornou insuportável, disparei:

— Você precisa me contar o que está acontecendo.

Ele engoliu em seco.

— Eu quero contar. Mas não sei o que vou fazer se você acabar me odiando.

Apesar do calor que fazia, senti um calafrio.

— Por que eu odiaria você, Hale? O que você fez?

— Não é o que eu fiz. É o que não consigo fazer.

— Que é...?

— Casar com você.

Embora eu esperasse aquilo, embora meu coração nunca tivesse chegado a ser dele por inteiro, ainda foi doloroso.

— Mas o que... — tive que parar para respirar. Meu maior medo se tornava realidade. Era impossível alguém me amar. Eu sabia. Ele só precisou de algumas semanas ao meu lado para perceber. — O que de repente te deixou tão convicto de que não pode casar comigo?

Ele fez uma pausa. Parecia angustiado. O fato de aparentar *não querer* me magoar era algum consolo.

— É que descobri que sinto algo por outra pessoa — ele respondeu afinal.

Pelo menos era mais fácil lidar com isso do que com a minha preocupação inicial.

— Carrie?

Ele negou com a cabeça.

— Ean.

Fiquei no mais absoluto silêncio. Ean? Tipo, *Ean*, “o” Ean?

Por aquela eu não esperava. Hale tinha sido tão carinhoso, tão romântico. Mas tudo a respeito de Ean passou a fazer sentido.

Na época das castas, era lei que as famílias assumissem a casta do marido. Por causa disso, só podia haver um chefe de família homem em cada domicílio. O mesmo valia para as mulheres: se não se casavam com um homem, não constituíam um lar considerado legítimo. Algumas pessoas moravam juntas sem se importar com casamento; chamavam o parceiro de colega de quarto, mas eram malvistas. Minha mãe me contou sobre um casal do mesmo sexo lá de Carolina, por exemplo, que tinha sido tão discriminado que precisou mudar de cidade.

Eu nunca tinha dado muita importância àquela história. A meu ver, com tanta gente sofrendo horrores naquela época, por que alguém deixaria de cuidar da própria vida para piorar a dos outros?

Independente disso, os casais de mesmo sexo tendiam a viver nas sombras, marginalizados, e ainda era assim. Isso tornava bem mais compreensível o fato de Ean se conformar com uma vida sem amor.

Mas Hale?

— Como... como vocês...?

— Começamos a conversar uma noite no Salão dos Homens. Eu não estava conseguindo dormir e decidi ir até lá para ler. Encontrei Ean escrevendo no diário. — Hale sorriu sozinho. — Pode até não parecer, mas na verdade ele é bem sensível. Em todo caso, apenas conversamos. Não faço ideia de como acabei sentado ao lado dele, mas aí ele me beijou e... entendi por que nunca tinha sentido nada por Carrie. Entendi por que, apesar de você ser a garota mais inteligente, divertida e corajosa que conheço, jamais conseguiria me casar com você.

Fechei os olhos e ponderei tudo aquilo. Fiquei completamente horrorizada porque a única coisa que me vinha à cabeça era como aquilo poderia me prejudicar. Deixei de lado o fato de que Hale teria que explicar a descoberta para sua família e para si mesmo, e que Ean talvez fosse obrigado a se assumir. O que a imprensa diria quando soubesse que não só um, mas *dois* dos meus pretendentes preferiam casar um com o outro do que comigo?

Às vezes eu era mesmo uma pessoa terrível.

— Sei que um relacionamento com outra pessoa na Seleção é considerado traição — Hale balbuciou. Franzi a testa, porque tinha esquecido completamente daquele detalhe. — Mas também sei que uma vida curta e honesta é melhor do que uma vida longa e mentirosa.

— Hale — censurei, me inclinando por cima da mesa para tomar a mão dele —, o que te faz pensar que eu seria capaz de punir você?

— Conheço as regras.

Suspirei.

— Passamos a vida atados a elas, não é?

Ele fez que sim.

— Talvez a gente possa fazer um acordo?

— Que tipo de acordo?

Retraí as mãos e as esfreguei.

— Se você me fizer o favor de ficar até a coroação e me deixar dispensar você e Ean com o intervalo de algumas semanas, ou talvez dias, podem sair do palácio



sem qualquer repercussão.

Hale me encarou incrédulo.

— Sêrio?

— Confesso: fico preocupada com as consequências de tudo isso. Mas se parecer que vocês dois se apaixonaram depois de terem sido eliminados, ninguém vai poder acusá-los de traição. E, desculpe, mas se a imprensa descobrir, vão acabar comigo por causa disso.

— Eu realmente não queria dificultar ainda mais a sua vida. Não estou apaixonado por você, mas te amo o bastante para dizer a verdade.

Levantei e cheguei mais perto dele. Ele fez o mesmo. Abracei-o e apoiei a cabeça em seu ombro.

— Eu sei. Também te amo. Não desejaria que você passasse a vida acorrentado a mim e infeliz.

— Posso fazer alguma coisa por você? Sair daqui com a sua bênção é mais do que eu esperava. Como posso ajudar?

Dei um passo para trás.

— Apenas seja um Selecionado exemplar por mais alguns dias. Tenho consciência de que é pedir muito, mas esperar até a coroação significaria demais para mim.

— Não é pedir muito, Eadlyn. É pedir quase nada.

Levei a mão à bochecha dele. Uma prova por dia.

— Mas me conta, ele é o cara da sua vida?

Hale riu, finalmente aliviado.

— Não sei. Quer dizer, nunca me senti assim antes.

Acenei com a cabeça.

— Já que Ean e eu não conversamos muito, talvez seja melhor você dizer a ele como a eliminação de vocês vai funcionar. Ele provavelmente vai para casa antes, já que para o público sempre foi um candidato menos cotado.

Dizer aquilo em voz alta me fez sentir uma leve pontada no coração. Ean não passava de um plano B; ainda assim, mesmo sabendo a verdade, eu não me alegrava com a ideia de vê-lo partir.

— Obrigado. Por tudo.

— Não há de quê.

Hale se aproximou e me deu outro abraço antes de ir embora correndo. Sorri sozinha, pensando que nós dois enfrentávamos situações parecidas: nos entregando ao futuro, sem garantias de um “felizes para sempre”. Ainda assim, dar esse passo enorme já significava alguma coisa, não?

Eu gostava de pensar que sim.

O dia tinha passado de maravilhoso a complicado muito rápido. No fim, eu já estava disposta a pular o jantar e cair direto na cama. Abri a porta do quarto tentando lembrar das melhores partes: o elogio da srta. Brice, dizendo que minha decisão era sábia. A imprensa positiva. O sorriso de Hale antes de sair do meu quarto.

— Sabe... — uma voz grave disse. — Acho que talvez eu seja o favorito da sua criada.

Kile estava estirado na minha cama com os braços cruzados confortavelmente atrás da cabeça.

Eu ri.

— E por que você diz isso?

— Porque foi fácil demais suborná-la.

— O mínimo que você poderia ter feito era tirar os sapatos.

Ele fez uma careta e tirou os sapatos com os pés. Então deu umas palmadas no espaço da cama ao seu lado.

Caí com tudo, de um jeito nada gracioso. Ele rolou para o meu lado e vi seus dedos de relance.

— Mas o que foi que você andou fazendo hoje? — perguntei.

— Passei a tarde desenhando com carvão — ele respondeu, virando as mãos enegrecidas. — Não se preocupe. Não vou sujar seus lençóis. Meus dedos só estão manchados.

— E que projeto você criou?

— Sei que talvez esteja passando dos limites, mas fiquei pensando na assembleia, e acho que seria útil fazer essas reuniões mais vezes. Rearranjei um

dos salões para que fosse uma sala do trono permanente, onde você poderia receber as pessoas, ouvir solicitações individuais e tratar delas uma a uma. Algo oficial, mas casual.

— Bem pensado.

Ele deu de ombros.

— Eu disse que não paro de fazer coisas para você.

O brilho nos olhos dele era tão infantil que por um momento esqueci que estávamos lidando com questões bem mais adultas.

— Também estava pensando que talvez valesse a pena criar uma estação de rádio — ele comentou.

— Argh, por quê? Os *Jornais* já são ruins o suficiente.

— Durante as minhas aulas em Fennley, meus amigos e eu ouvíamos muito rádio. Deixávamos ligado na cozinha ou enquanto trabalhávamos, e sempre que escutávamos alguma coisa interessante, começávamos a nossa própria discussão. Talvez fosse um bom jeito de entrar em contato com o povo. E não é tão ruim quanto ter uma câmera na cara.

— Interessante. Vou pensar nisso. — Toquei a ponta dos dedos sujos dele. — Trabalhou em mais alguma coisa?

Ele fez uma careta.

— Lembra daquelas habitações populares de que eu falei? Fiquei pensando se elas não poderiam ser adaptadas para ter dois andares, para famílias maiores. Mas, considerando os materiais que eu queria usar, não acho que é possível. O metal seria muito fino. Seria interessante construir uma de fato e testar. Um dia, quem sabe.

Olhei fixamente para ele.

— Sabia, Kile, que príncipes raramente sujam as mãos?

— Eu sei — ele respondeu com um sorriso. — São só coisas legais para pensar. — Ele mudou de posição na cama e o rumo da conversa com um movimento rápido.

— As notícias estavam boas hoje.

— É. Agora só preciso manter o embalo. Só não faço ideia de como fazer isso.

— Não precisa. Às vezes as coisas simplesmente acontecem.

— Realmente seria bom não precisar trabalhar *tanto* nisso. — Bocejei. Mesmo dias excelentes podiam ser cansativos.

— Quer que eu vá embora para você descansar um pouco?

— Não — eu disse, chegando mais perto e deitando de costas. — Você pode ficar aqui um pouco mais?

— Claro.

Ele segurou minha mão e fixamos os olhos na pintura intrincada do teto.

— Eadlyn?

— Hum?

— Está tudo bem?

— Sim. Tenho a sensação de que estaria melhor se eu pudesse ir mais devagar, mas tudo tem que ser agora, agora, agora.

— Você pode adiar a coroação. Continuar regente por mais um tempo. Dá quase na mesma.

— Eu sei, mas não é a mesma coisa. Meu pai ficou bem quando assumi como regente, mas só de marcar a data da coroação ele já ficou ainda melhor. Sei que é tudo psicológico, mas se isso o ajuda a dormir, também ajuda a cuidar da minha mãe, e portanto faz com que ela melhore...

— Entendo o que você quer dizer. E o que mais? Você não está apressando a Seleção, está?

— Não de propósito. Ela é que parece estar se afunilando por conta própria.

— Como assim?

Suspirei.

— Não posso contar agora. Talvez depois que tudo se acertar.

— Pode confiar em mim.

— Eu sei. — Encostei a cabeça no ombro dele. — Kile?

— Oi.

— Você lembra do nosso primeiro beijo?

— Como poderia esquecer? Saiu estampado na primeira página de todos os jornais.

— Não, não esse. O nosso *primeiro* primeiro beijo.

Depois de um milésimo de segundo de confusão, ele inspirou fundo.

— MEU DEUS.

Apenas comecei a gargalhar.

Quando eu tinha quatro anos e Kile, seis, nós dois brincávamos muito juntos. Não lembrava por que ele começara a odiar a vida no palácio ou quando a nossa antipatia se tornou mútua, mas naquele tempo Kile era como outro Ahren. Um dia nós três brincávamos de esconde-esconde, e Kile me achou. Só que em vez de correr para bater, ele abaixou e me deu um selinho.

Eu levantei, joguei Kile no chão e jurei que o mandaria para a forca se ele tentasse aquilo de novo.

— Que criança de quatro anos sabe fazer ameaça de morte? — ele provocou.

— Uma criança criada para isso, imagino.

— Espere um pouco. Essa conversa toda não é para me dizer que você vai me mandar para a forca, é? Se for, você é de uma frieza inacreditável.

— Não. — Eu ri. — Achei que você merecia um pedido de desculpas a esta altura.

— Tudo bem. É engraçado lembrar agora depois de tantos anos. Quando as pessoas me perguntam qual foi meu primeiro beijo, nunca respondo que foi esse. Falo que foi com a filha do primeiro-ministro saudita, mas na verdade esse foi o segundo.

— Por que você nunca responde que fui eu?

— Porque achava que você podia seguir adiante com a ideia da forca — ele brincou, o que me fez rir. — Acho que eu bloqueava essa lembrança. Não foi exatamente um primeiro beijo fantástico.

Comecei a rir de novo.

— Minha mãe me contou que o primeiro beijo do meu pai foi com ela, e que ela tentou pular fora.

— Sério?!

— Sério.

Kile começou a gargalhar.

— Você sabe como foi o de Ahren?

— Não — respondi, mas Kile ria tanto que eu já estava chorando antes de ele começar a história.

— Foi com uma das italianas, mas ele estava gripado e... — Kile foi obrigado a fazer uma pausa porque não conseguia parar de rir. — Seu irmão teve que espirrar no meio do beijo, então tinha meleca para todo lado.

— O quê?

— Eu não vi o beijo, mas presenciei o resultado. Só agarrei Ahren e saímos correndo.

Minha barriga começou a doer de tanto rir, e demorou um tempo para voltarmos ao normal. Quando finalmente nos acalmamos, me dei conta de uma coisa.

— Não conheço ninguém que teve um primeiro beijo bom de verdade.

Depois de um segundo, Kile comentou:

— Nem eu. Talvez os beijos especiais não sejam os primeiros. Talvez sejam os últimos.



PERMANECI PARADA ENQUANTO NEENA PRENDIA os alfinetes nas costas do meu vestido para a coroação. Era um arraso, tomara que caia com uma saia longa, todo dourado. O manto era meio pesado, mas eu só precisava usar na igreja. Eu tinha escolhido aquele entre três modelos, mas provavelmente não iria usá-lo se tivesse tido tempo para desenhar eu mesma. Porém, como todo mundo que me via com ele ficava encantado, tive que segurar a língua e agradecer.

— Você está linda, querida — minha mãe disse quando subi numa banqueta diante de espelhos enormes que levaram ao meu quarto especialmente para a prova.

— Obrigada, mãe. Você acha que se compara ao seu?

Ela riu baixo.

— Meu vestido de coroação também foi meu vestido de casamento, então não dá para comparar. O seu é perfeito para a ocasião.

Neena riu ao me ver tocar os bordados do corpete.

— Com certeza é o vestido mais pomposo que já usei na vida — comentei.

— E imagina só: você vai ter que subir o nível ainda mais quando for casar — Neena brincou.

Meu sorriso se desfez.

— Verdade. Vai ser um desafio, hein?

— Você está bem? — ela perguntou, olhando meu reflexo no espelho.

— Sim. Um pouco cansada, só isso.

— Não importa o que aconteça esta semana, você precisa descansar — minha mãe ordenou. — O sábado vai ser longo e você vai estar no centro de tudo.

— Sim, senhora. — Reparei que minha mãe não parava de mexer no colar. — Mãe, o que você teria feito se não tivesse casado com o papai? Se no final ele tivesse escolhido outra pessoa, por exemplo?

Ela balançou a cabeça.

— Ele quase escolheu. Você sabe do massacre.

Minha mãe engoliu em seco e se calou por um minuto. Mesmo depois de tanto tempo, ainda era difícil lembrar.

— Naquele dia, ele poderia ter seguido um caminho completamente diferente, o que significa que o meu caminho também seria diferente.

— Mas você ficaria bem?

— Com o tempo — ela respondeu devagar. — Não acho que nenhum de nós teria levado uma vida necessariamente ruim. Talvez só não fosse a melhor possível.

— Mas você não seria completamente infeliz pelo resto da vida?

Ela olhou bem para o meu rosto no espelho.

— Se você está preocupada porque vai decepcionar alguns de seus pretendentes, não deveria.

Pressionei as mãos contra a barriga para prender bem o vestido enquanto Neena trabalhava.

— Eu sei — admiti. — É que a esta altura a decisão está mais difícil do que eu tinha imaginado.

— Tudo vai ficar claro. Acredite em mim. E seu pai e eu vamos apoiar qualquer escolha que você fizer.

— Acho que finalmente está ajustado — Neena anunciou, dando um passo para trás para avaliar o resultado. — Se estiver satisfeita, pode tirar o vestido que eu peço para o portador levar de volta para Allmond.

Minha mãe mordiscou umas fatias de maçã.

— Não sei por que ele não deixa você costurar. Ele já confia em você para a prova.

Neena deu de ombros.



— Só cumpro ordens.

Uma batida leve na porta chamou nossa atenção.

— Pode entrar — Neena avisou, reassumindo a antiga função. Eu queria que ela pudesse cuidar da minha vida inteira no meu lugar. Tudo parecia tão mais fácil com ela por perto.

Um mordomo entrou e fez uma reverência.

— Perdoe-me, Alteza. Está havendo uma confusão com o terno de um dos cavalheiros.

— Qual?

— Erik, Alteza.

— O intérprete? — minha mãe perguntou.

— Sim, Majestade.

— Estou indo — eu disse, seguindo-o porta afora.

— Você não quer tirar o vestido? — Neena perguntou.

— É uma chance de andar com ele e praticar.

E foi mesmo um treino. O vestido era extremamente pesado e um pouco difícil de conduzir escada abaixo. Eu ia precisar de saltos mais robustos.

Ao me aproximar do quarto de Erik, ouvi o garoto implorar para que alguém mudasse de ideia.

— Não sou da Elite. É inadequado.

Abri a porta e me deparei com Erik vestindo um terno marcado com giz e com alfinetes na barra.

— Alteza — o alfaiate disse, curvando-se de imediato numa reverência.

Erik, porém, apenas me encarava, incapaz de desviar os olhos do vestido.

— Estamos com problemas para chegar a um acordo sobre o terno dele, Alteza — disse o alfaiate com o dedo apontado para a roupa.

Erik recuperou a compostura.

— Não quero confundir ninguém vestindo um terno igual ao da Elite.

— Mas você vai participar do cortejo e aparecer em milhares de fotos — o alfaiate insistiu. — Uniformidade é melhor.

Erik me olhou, suplicante.

Levei o dedo aos lábios, pensativa.

— Você poderia nos dar um momento, por favor?

O alfaiate fez outra reverência e saiu. Avancei pelo quarto e parei diante de Erik.

— Está bem elegante — eu disse afinal, com um sorriso malicioso.

— Está — ele admitiu. — Só não sei se é adequado.

— O quê? Se vestir bem por um dia?

— Não sou da Elite. Seria... confuso ficar lá com eles, parecendo um deles, e não poder... Não sou...

Pousei a mão no peito dele.

— O alfaiate tem razão. Você vai ter que se misturar. Um terno de cor diferente não ajudaria a passar despercebido...

Ele soltou um suspiro.

— Mas eu...

— E se a sua gravata fosse de uma cor um pouco diferente? — propus rápido.

— É a minha única opção?

— É. Além do mais, pense no quanto a sua mãe vai amar.

Ele revirou os olhos.

— Isso é muito injusto. Você venceu.

Aplaudi.

— Viu? Não foi tão difícil.

— Pra você foi fácil. É você quem dá as ordens.

— Não foi uma ordem. De jeito nenhum.

Foi a vez dele de abrir um sorriso malicioso.

— Claro que foi. Você nasceu para isso.

Eu não sabia se tinha sido uma crítica ou um elogio.

— O que você acha? — perguntei, abrindo os braços. — Quer dizer, precisa imaginar sem todos os alfinetes.

Ele fez uma pausa antes de responder:

— Você está maravilhosa, Eadlyn. Quando entrou no quarto, até esqueci o motivo da minha briga com o alfaiate.

Tive que fazer força para não corar.

— Achei que talvez fosse meio exagerado.

— Está perfeito. Entendo que é um pouco diferente do seu estilo habitual, mas se você pensar bem, seu visual do dia a dia não é o ideal para a coroação.

Virei para o espelho. Aquele único comentário melhorou tudo.

— Obrigada. Acho que eu estava analisando demais.

Ele veio para o meu lado. Era cômico ver aquelas roupas lindas, definitivamente entre as melhores que usaríamos na vida, riscadas de giz e cheias de alfinetes. Parecíamos bonecos.

— Analisar demais é um dos seus talentos.

Abri um sorriso amarelo, mas concordei com a cabeça. Ele tinha razão.

— Sei que não cabe a mim dizer o que você deve fazer — ele começou —, mas parece que você age melhor quando pensa menos. Confie nos seus instintos. Confie no seu coração.

— Eu tenho pavor do meu coração.

Não queria ter confessado em voz alta, mas havia algo nele que tornava aquele quarto e aquele momento propícios para que eu admitisse a verdade.

Erik sussurrou no meu ouvido:

— Não há nada a temer.

Então limpou a garganta e se voltou novamente para o espelho, a fim de ver nossos reflexos.

— Talvez você só precise de um pouco de sorte. Está vendo este anel? — ele perguntou, com o dedo mindinho erguido.

Observei o anel. Já tinha visto dezenas de vezes. Por que alguém que se diminuía o tempo todo e se recusava a vestir um terno usaria uma joia?

— É o anel de casamento da minha tataravó. A textura trançada é uma tradição da Noruécia. Você vê em todo lugar por lá. — Ele tirou o anel e o segurou entre dois dedos. — Este anel sobreviveu a tudo: guerras, fome, e até a mudança da minha família para Illéa. Devo dar para a mulher com quem me casar. Ordens da minha mãe.

Abri um sorriso, encantada com a empolgação dele. Imaginei se não havia alguém na cidade de Erik com a esperança de usá-lo algum dia.

— Mas parece que ele também traz muita sorte — ele continuou. — Acho que você precisa de um pouco agora.

Ele estendeu o anel para mim, mas neguei com a cabeça.

— Não posso aceitar! É uma herança de família.

— Sim, mas é uma herança da sorte. Levou várias pessoas a sua alma gêmea. E é só temporário. Até a Seleção chegar ao fim ou até Henri e eu irmos embora. O que acontecer primeiro.

Hesitante, pus o anel no dedo, notando que era muito delicado.

— Obrigada, Erik.

Encarei seus olhos azuis. Bastou um intenso segundo para meu coração, em que eu botava tão pouca fé, se manifestar. Enquanto assimilava aquele olhar penetrante e o cheiro gostoso da pele dele... meu coração batia descontrolado.

Sem pensar nas consequências e complicações, sem saber se os sentimentos de Erik eram semelhantes aos meus, me inclinei para perto. E entrei em êxtase ao perceber que ele não recuou. Estávamos tão próximos que eu sentia a respiração dele na minha boca.

— Chegamos a uma decisão? — o alfaiate perguntou, reaparecendo de repente. Pulei para trás.

— Sim. Por favor, pode terminar o terno, senhor.

Corri para o corredor sem olhar para trás. Com o coração disparado, entrei num quarto de hóspedes vazio e bati a porta.

Eu tinha sentido aquilo aumentar — aquele sentimento que se escondia dentro de mim já fazia algum tempo. Eu tinha enxergado Erik, a pessoa que jamais quis ser vista, e meu coração imperfeito, idiota, inútil ficava trazendo de volta seu nome. Apertei as mãos contra o peito, contra meu coração ainda disparado.

— Coração irresponsável! O que você foi fazer?

Antes eu me perguntava como seria possível, num passe de mágica, encontrar uma alma gêmea num grupo aleatório de rapazes.

Mas já não podia questionar mais nada.



OS DIAS QUE SE SEGUIRAM passaram em meio a um turbilhão de preparativos para a coroação. Me esforcei para passar mais tempo no escritório e fazer as refeições no quarto, mas mesmo assim não consegui evitar Erik completamente.

Tivemos que ir à igreja ensaiar o cortejo, do qual ele tinha sido obrigado a participar para completar o número de pessoas caminhando atrás de mim. E precisou ficar junto de Henri quando mostramos o Grande Salão à Elite, apresentando a melhor maneira de circular numa festa formal. E eu tive que aprovar o ajuste final de todos os ternos, o que deu para fazer sem olhar nos olhos dele, ainda que fosse muito mais difícil do que eu pensava.

A coroação seria um dos momentos mais importantes da minha vida e, ainda assim, eu só era capaz de pensar em como seria o beijo de Erik.

Eu estava ficando atrasada. E eu nunca me atrasava.

O problema era que meu cabelo não cacheava do jeito certo, uma costura arrebentou debaixo do meu braço e, apesar de ter escolhido sapatos decentes no começo da semana, passei a odiá-los quando experimentei com o vestido.

Eloise respirava fundo enquanto arrumava meu cabelo, fazendo testes com uma coroa falsa para garantir que o penteado ficaria o mais lindo possível quando o grande momento chegasse. Como Neena estava ocupada assegurando que todos estivessem vestidos e prontos, foi Hale quem veio correndo na última hora com linha e agulha para ajeitar os últimos detalhes do vestido.

— Obrigada — murmurei.

Ele deu o último ponto.

— Sempre que precisar. — Ele olhou para o relógio. — Mas você bem que podia ter me chamado antes.

— Mas a costura só arrebentou quando eu vesti!

Ele sorriu.

— Dei uma conferida em tudo e parece que esse era o único ponto fraco. Melhor ter acontecido agora do que no meio do evento.

Concordei:

— Quero tudo perfeito hoje. Pelo menos uma vez quero passar uma imagem bem composta, mas não a ponto de parecer odiar tudo e todos ao meu redor.

Hale riu.

— Bom, nesse caso, se a costura arrebentar de novo, se joga.

Eloise foi pegar uma coisa no banheiro e aproveitei a chance.

— Como está Ean? — perguntei baixinho.

— Bem. Pasma — Hale respondeu, quase empolgado. — Nós dois queremos ajudar você em tudo que pudermos. Você tornou nosso futuro possível, então te devemos uma.

— Só me ajude a sobreviver a este dia. Já vai ser bastante.

— Uma coisa por dia — ele lembrou.

Desci da banqueta e dei um abraço nele.

— Você tem sido incrível.

— Bom saber — ele disse, retribuindo o abraço. — Certo, vou pôr o paletó e descer. Avise se precisar de mim hoje.

Acenei com a cabeça. Eloise voltou para os ajustes finais e tentei não ficar tensa.

— Ele é simpático — ela comentou, ajeitando os últimos fios de cabelo fora do lugar.

— É sim.

— Pessoalmente, eu escolheria Kile — ela comentou com um sorrisinho.

— Eu sei! — Balancei a cabeça, inconformada. — Ainda não esqueci que você deixou ele entrar escondido no meu quarto.

Ela deu de ombros.

— Estou torcendo por ele. Faço o que posso!

Finalmente tudo estava pronto. Desci as escadas com a cauda do manto enrolada no braço. O saguão do palácio estava abarrotado de gente. De um lado, o general Leger beijava a mão da madame Lucy; Josie e Neena usavam vestidos azul-claros iguais, que combinariam perfeitamente quando elas segurassem o manto ao longo do corredor da igreja; e os cinco membros remanescentes da Elite formavam um círculo num canto, Erik com uma gravata azul um pouco mais clara do que a dos outros.

Mas só tive olhos para um garoto no meio da multidão. Ao chegar no meio da escadaria, vi meu irmão. Ele tinha vindo.

Corri pelo meio da multidão, abrindo caminho entre conselheiros e amigos até cair nos braços não de Ahren, mas de Camille.

— Ele está bem? — cochichei no ouvido dela.

— *Oui*, muito.

— E o seu povo está feliz? Aceitaram meu irmão?

— Como se ele tivesse nascido no nosso país.

Apertei ainda mais o abraço.

— Obrigada.

Soltei Camille e me virei para o idiota do meu irmão.

— Você fica bem melhor arrumada — ele provocou.

Eu não sabia se brincava de volta, se dava um soco nele, se gritava, se ria. Resolvi esmagá-lo num abraço.

— Desculpa — ele sussurrou. — Eu não devia ter partido daquele jeito. Não devia ter te deixado sozinha.

Balancei a cabeça.

— Você estava certo. Sinto tanta saudade que chega a doer, mas acho que era necessário você ir embora.

— Quis voltar assim que soube da mamãe. Mas não sabia se isso pioraria ou melhoraria a situação. Não sabia nem se seria justo aparecer, já que provavelmente a culpa era minha.

— Não seja ridículo. O que importa é que você está aqui agora.

Ele me abraçou mais um tempo enquanto a srta. Brice organizava todo mundo nos carros. Os conselheiros foram primeiro, com a Elite logo atrás. Ao passar, cada um dos garotos se curvou diante de mim, especialmente Erik. Agradei por ele não me olhar nos olhos. Impossível prever o que o estúpido do meu coração teria me obrigado a fazer se ele tivesse olhado.

Ainda assim, meu coração derreteu um pouco quando ele se retirou. Não parava de puxar as mangas do paletó, aparentando um desconforto terrível com o terno.

— Muito bem, próximo carro — a srta. Brice anunciou. — Todo mundo cujo sobrenome é Schreave. Inclusive o senhor, Monsieur Príncipe Francês.

— Sim, senhora. — Ahren tomou a mão de Camille.

— Eadlyn entra primeiro, seguida por Neena e Josie. O resto da família entra em seguida, e eu vou no carro logo atrás de vocês.

Meu pai se deteve.

— Brice, você deveria vir conosco.

— Com certeza — concordou minha mãe. — Há espaço na limusine, e você está tomando conta de tudo.

— Não sei se seria adequado — a conselheira disse.

Neena inclinou a cabeça e tentou botar uma dúvida na cabeça da srta. Brice:

— Tudo pode vir abaixo muito fácil num trajeto de dez minutos.

— Além disso, a probabilidade de alguém achar que Neena e eu somos irmãs é baixa — acrescentei. — Venha conosco.

A srta. Brice apertou os lábios, contrariada, mas cedeu:

— Tudo bem. Vamos.

Entramos na limusine, e meu vestido ocupou o espaço de três pessoas. Foram tantas gargalhadas e pisões de pé que começou a ficar engraçado. Respirei fundo. Só tinha que dizer algumas palavras, fazer uma promessa que já havia feito no coração. Olhei para a minha mãe no outro lado do carro. Ela piscou para mim. Era tudo de que eu precisava.

Josie e Neena me acompanharam pelo corredor da igreja, segurando o manto



para não arrastar no chão. Ao caminhar, olhei para o anel de sinete no meu dedo: o brasão de Illéa resplandecia no centro. Meu pai já tinha me confiado essa função. Já estava feliz pela maneira como eu a executava. A coroação só oficializaria tudo.

Olhei de relance para muitas pessoas, na esperança de transmitir minha gratidão. Ao chegar diante do presbitério, me ajoelhei no pequeno genuflexório e senti o vestido pesar atrás de mim. O bispo tomou a coroa cerimonial e a segurou acima da minha cabeça.

— Estás, Eadlyn Schreave, disposta a fazer o juramento?

— Estou.

— Juras defender as leis e a honra de Illéa por todos os dias da tua vida, governando teu povo segundo as tradições e costumes?

— Juro.

— E juras proteger os interesses de Illéa, tanto internos como externos?

— Juro.

— E juras usar teu poder e tua posição para levar a misericórdia e a justiça a todo o povo de Illéa?

— Juro.

Parecia adequado que as juras a um país fossem quatro, ao passo que a uma pessoa fosse apenas uma. Pronunciadas minhas palavras finais, o bispo pôs a coroa sobre a minha cabeça. Me virei de frente para o povo, e o manto ficou bem bonito enrolado aos meus pés como um gato. O bispo pôs o cetro na minha mão esquerda e o orbe na direita.

Houve uma forte batida de báculo no chão e as pessoas ao meu redor gritaram:

— Deus salve a rainha!

Senti uma emoção bem no fundo do peito, ciente de que aquelas palavras eram para mim.



— OSTEN, FAÇA O FAVOR DE LEVANTAR — minha mãe ordenou.

— Mas está tão calor — ele reclamou quando começamos a maratona de fotos. Meu pai passou para o meu outro lado e interveio:

— Tenho certeza que você consegue ficar direito por cinco minutos, filho. Ahren riu.

— Ah, que falta eu senti de todos vocês. Dei um tapinha nele.

— Estou tão contente por ninguém estar filmando — falei.

— O.k., o.k. Estamos prontos — meu pai avisou ao fotógrafo.

Ele e minha mãe posaram atrás de mim com os braços apoiados nas costas da minha cadeira. Osten e Ahren se ajoelharam um de cada lado, enquanto Kaden se manteve de pé com uma mão atrás das costas, quase me desafiando pelo posto de figura mais nobre da família naquele dia.

O fotógrafo tirou uma foto atrás da outra até ficar satisfeito.

— Quem é o próximo? — perguntou.

Todos permanecemos onde estávamos e puxamos Camille para junto de nós. Depois, para termos uma foto da família inteira, os membros da Elite se alternaram ao nosso lado.

Depois veio uma foto com os Leger, uma com cada membro do conselho, inclusive a srta. Brice, que dispensou a pose rígida e tradicional para me dar um abraço apertado.

— Estou tão orgulhosa! — ela não parava de dizer. — Tão, mas tão orgulhosa! Depois, claro, tivemos que tirar uma foto com a família Woodwork inteira.

Josie apareceu o mais rápido que pôde, se posicionando praticamente no centro do quadro, à frente de todos. Eu ainda balançava a cabeça quando madame Marlee veio me dar um abraço apertado.

— Estou tão feliz por você, querida. Você cresceu tão rápido.

Eu ri.

— Obrigada, madame Marlee. Estou feliz por vocês todos estarem aqui hoje.

O sr. Woodwork sorriu.

— Até parece que perderíamos um momento desses! Parabéns.

Ainda segurando minhas mãos, madame Marlee falou:

— Esses últimos meses, em que vimos você assumir cada vez mais responsabilidades e ficar tão próxima de Kile, foram maravilhosos.

— Para ser sincera, é difícil imaginar a vida sem ser próxima dele agora — respondi com um sorriso. — Não acredito que demorou tanto tempo para nos conhecermos de verdade.

— É engraçado como isso funciona — madame Marlee emendou. — Acho uma pena que você e Josie mal passem tempo juntas.

— O quê? — Josie disse, sempre capaz de ouvir seu nome, mesmo que fosse transmitido em código Morse em outro continente.

— Talvez seria bom vocês fazerem mais coisas juntas — madame Marlee sugeriu, olhando para nós duas, radiante de felicidade.

— É! A gente devia mesmo! — Josie estrilou.

— E eu adoraria — menti. — Mas agora que sou rainha, receio que meu tempo livre vai ser bem limitado.

Atrás de sua melhor amiga, minha mãe abriu um sorriso de quem entendia tudo. Ela percebeu exatamente o que eu queria fazer.

Madame Marlee franziu a testa.

— É verdade. Ah, já sei! Por que não deixa Josie te acompanhar por uns dias? Ela sempre demonstrou o maior interesse na vida de princesa. Agora pode estudar uma rainha!

— Isso seria *simplesmente fantástico*! — Josie agarrou minha mão e consegui

não recuar.

Com todos à espera de que eu falasse alguma coisa e minha mãe me avisando pelo olhar que, rainha ou não, era melhor eu não decepcionar a melhor amiga dela, não tive escolha:

— Claro. Josie pode me acompanhar. Vai ser... ótimo.

Josie voltou dançando para o seu lugar, e olhei para Kile, que fazia o máximo para não gargalhar com a situação em que eu tinha me metido. A expressão divertida dele me fez sorrir, e tive certeza de que eu pelo menos pareceria feliz nas fotos.

Por fim, chegou a hora dos retratos individuais com os membros da Elite. Permaneci onde estava com o vestido da coroação enquanto eles se alternavam ao meu lado.

Fox foi o primeiro, lindo no seu terno cinza-escuro.

— Muito bem, o que eu faço? — perguntou. — Na foto de família fiquei com os braços ao lado do corpo, mas acho que agora devia, não sei, segurar sua mão ou coisa assim.

O fotógrafo aprovou.

— Isso, está bom.

Fox tomou a minha mão, chegou mais perto e nós dois sorrimos para a rápida sucessão de cliques e flashes.

Ean veio em seguida em passo elegante, parecendo muito satisfeito.

— Estonteante, Eadlyn. Absolutamente estonteante.

— Obrigada. Você também não está nada mal.

— É verdade — ele disse, com um sorriso malicioso. — É bem verdade.

Ele se posicionou atrás de mim e disse baixinho:

— Ainda não tive oportunidade de te agradecer. Tanto pelo perdão como pela discrição.

— Eu e você sempre nos demos bem com o mínimo de comunicação. Eu sabia que você estava grato.

— Eu vinha me preparando para uma vida de frustrações — ele admitiu num tom que era o mais próximo do nervosismo que já tinha ouvido na voz dele. — Só de imaginar que qualquer outra coisa além disso é possível agora é quase

irreal para mim. Não sei bem como prosseguir.

— Apenas viva.

Ele sorriu para mim, beijou minha testa e passou para o lado.

Depois de Ean foi a vez de Kile, e ele veio correndo do fundo do cenário e me fez gritar quando me levantou e me girou no ar.

— Me põe no chão!

— Por quê? Porque você é a rainha? Vou precisar de um motivo melhor que esse.

Quando ele finalmente cedeu e encarou a câmera, tive certeza que nós dois sorriamos feito idiotas. As fotos saíam espetaculares.

— Quase morri tropeçando nesse manto — ele disse. — A moda pode ser fatal.

— Não diga isso a Hale — comentei.

— Não dizer o quê para mim? — Hale perguntou quando os dois trocaram de lugar.

— Que a moda pode ser fatal — Kile respondeu enquanto saía ajustando o terno.

— No caso da Eadlyn, é verdade. Você está de matar — ele disse ao me abraçar.

— Muito obrigada pela ajuda hoje de manhã. Tudo ficou no lugar.

— Claro que ficou. Você duvidava da minha habilidade? — ele provocou.

— Jamais.

Dei um passo para trás e tiramos algumas fotos com os rostos de frente, mas não via a hora de conferir as fotos em que nos abraçávamos.

Por fim chegou a vez de Henri, e só o sorriso dele bastou para fazer o longo dia parecer curto. Ele se deteve a uns passos de distância de mim e respirou fundo.

— Você está ser muito bonita. Estou feliz por você.

Minha mão voou até a boca, de tão tocada que fiquei.

— Henri. Obrigada! Muito obrigada!

Ele deu de ombros.

— Eu tentando.

— Está indo muito bem. De verdade.

Ele fez que sim com a cabeça, se aproximou e, com delicadeza, me virou de frente e deu a volta para ajeitar meu manto. Então passou para o outro lado, pôs as mãos na minha cintura e endireitou o corpo todo orgulhoso, bem perto de mim.

Era evidente que ele tinha pensado muito na impressão que queria causar com o retrato, e admirei aquilo. Quando o fotógrafo terminou, Henri começou a se afastar, mas logo parou.

— Humm, *entä* Erik? — perguntou com o dedo apontado para o amigo.

Kile ouviu e logo manifestou total apoio:

— É, ele passou por tudo isso também. Tem que participar.

Erik apenas balançou a cabeça.

— Não, estou bem. Está tudo bem.

— Vai lá, cara. É só uma foto — Kile insistiu e o empurrou, mas mesmo assim Erik não se mexeu.

Parte de mim temia a possibilidade de que todos em volta ouvissem meu coração explodindo caso ele se aproximasse. Mas por mais que eu tivesse me esforçado para evitá-lo nos últimos dias, foi um desafio me segurar e não correr em sua direção.

Fui até ele. Quando percebeu que eu me aproximava, seu olhar encontrou o meu. Num instante, tudo o que havia naquele lugar pareceu ganhar vida. Como se o brilho do sol tivesse uma melodia, e o som dos passos, uma textura que eu quase podia sentir com a ponta dos dedos à medida que as outras pessoas se movimentavam.

O mundo parecia ter despertado quando olhei para ele.

Parei diante de Erik, com a esperança de não parecer tão zonza quanto me sentia.

— Não é uma ordem. É um pedido.

Ele soltou um suspiro.

— O que é mil vezes pior.

Com um sorriso no rosto, ele pegou minha mão, mas antes que eu pudesse levá-lo para cima do palco, ele deu uma olhada para si mesmo. Estava apenas de colete e gravata, já que tinha tirado o paletó logo depois da cerimônia.

— Não estou vestido à altura agora — lamentou.

Suspirei e soltei os botões que prendiam o manto ao vestido. Eu mal tinha terminado quando Hale apareceu para segurá-lo com cuidado.

— Isso ajuda? — perguntei.

— Não — ele respondeu, engolindo em seco. — Mas se você quer muito a foto...

— Quero — repliquei, com a cabeça inclinada para o lado e piscadelas de brincadeira.

Ele riu, já consciente de que tinha sido derrotado.

— O que eu faço?

— Muito bem. — Abri um sorriso e cheguei mais perto. — Esta vai aqui. — Levei uma das mãos dele à minha cintura. — E esta outra, aqui — continuei, pondo a outra no meu ombro. Em seguida, posicionei uma mão no peito dele e passei a outra por trás de seu braço, num abraço descontraído. — Agora sorria para a câmera.

— Certo.

A mão sobre o peito dele me deixava sentir as batidas fortes do seu coração.

— Fica tranquilo — eu disse baixinho. — Finja que somos só você e eu.

— Não consigo.

— Então, sei lá, diga alguma coisa em finlandês.

Ele riu sozinho e murmurou:

— *Vain koska pyysit, hauska nainen.*

Embora eu fosse incapaz de entender o que ele tinha dito, sabia que nunca esqueceria aquele tom de voz. Mesmo sem levantar os olhos de novo, acho que consegui ouvir o sorriso dele, o que só fez o meu aumentar ainda mais. Eu precisava lembrar a mim mesma de respirar, de tanto que prestava atenção nele. No fundo eu tinha certeza de que aquelas palavras eram importantes, ainda que fosse incapaz de entender qualquer uma.

— Essa ficou boa — o fotógrafo comentou, e Erik me soltou quase que no ato.

— Viu? Foi tão ruim assim?

— Pensei que seria muito, muito mais difícil — ele confessou, e havia algo engraçado na voz dele, como se eu tivesse deixado escapar algum detalhe.

Eu conseguia escutar de novo a batida descompensada do meu coração besta. Engoli em seco, ignorei e virei na direção dos passos que ecoavam na entrada do salão.

— Marid — cumprimentei.

— Desculpe invadir, mas não me contive. Existe alguma chance de eu tirar um retrato oficial com a minha nova rainha? — Marid pediu.

— Claro — respondi com a mão estendida, e ele a tomou de bom grado.

— O país está eletrizado — ele me contou. — Não sei se você ficou sabendo das reportagens de hoje, mas a cobertura foi muito positiva.

— Não tive nem um segundo para parar e dar uma olhada — confessei, enquanto ele segurava minhas duas mãos com carinho e encarava a câmera.

— Não é preciso. Você tem pessoas a seu dispor para relatar tudo mais tarde. Mas fico feliz por ser o primeiro a informar que seu primeiro dia de reinado está indo muito bem.

Ele apertou minha mão e suspirei aliviada, pensando que talvez, enfim, tudo estava em ordem.





TOMEI CHAMPANHE E GARGALHEI ALTO e devo ter comido metade do meu peso em chocolate. Por apenas algumas horas, quis me acabar naquela opulência ridícula que nunca tinha valorizado. No dia seguinte eu tomaria muita água e botaria a cabeça no lugar. No dia seguinte me preocuparia com a manutenção da ordem no país. No dia seguinte pensaria em maridos.

Mas naquela noite? Naquela noite eu só queria curtir o momento perfeito e empolgante.

— Mais uma dança? — Ahren perguntou, me pegando no meio de um gole do que eu tinha jurado que seria a última taça. — Tenho que pegar o avião, mas queria me despedir.

Levantei e segurei a mão dele.

— Aceito qualquer despedida. Qualquer uma vai ser melhor do que a última.

— Ainda sinto muito por isso, mas você sabe por que eu não conseguiria me despedir.

Assumimos nossas posições e ele me girou pelo salão.

— Sei, sim — concordei. — Mas isso não facilitou nada. Adicione a isso tudo que está acontecendo aqui e vai ver que a vida tem sido bem difícil sem você por perto.

— Desculpa. Mas você está indo muito bem, melhor do que pensa, aposto.

— Veremos. Ainda preciso estabelecer meu governo, garantir que a mamãe e o papai vão pegar leve, e encontrar alguém para casar comigo.

Ele deu de ombros.

— Praticamente nada.

— Quase férias.

Ele riu. Ah, como senti falta do som daquela risada.

— Desculpa se a minha carta foi dura demais — ele disse. — A mamãe e o papai queriam proteger você, mas eu estava com medo de que você fosse prejudicada por não saber a verdade.

— Não foi fácil de ler, mas essa questão ressurgiu mais de uma vez. Eu devia ter percebido antes. Se não tivesse sido tão egocêntrica...

— Você queria se proteger — ele me interrompeu rápido. — Você está fazendo uma coisa inédita na história do país. Claro que encontrou jeitos de deixar as coisas mais fáceis.

Balancei a cabeça.

— O papai vive exausto. A mamãe nunca diminui o ritmo. Você estava apaixonado, e eu tentei te convencer a abandonar seu amor. Existe uma palavra para descrever o que eu sou, mas sou muito educada para pronunciá-la.

Ele gargalhou com o que eu disse, e percebi vários olhares recaírem sobre nós, sendo que o mais ostensivo era o de Camille. Eu queria ter raiva dela, a garota que fazia tudo que eu tentava fazer, mas dez vezes melhor; a garota que tinha roubado meu irmão gêmeo. Mas era evidente que ela estava feliz por nos ver juntos outra vez.

Eu ainda não entendia como ela tinha dominado tudo com tanta facilidade, como parecia conseguir ser uma líder e ser uma garota sem fazer esforço. Apesar do dia perfeito, eu me preocupava com a possibilidade de aquilo não durar.

— Ei — ele disse, ao notar a preocupação nos meus olhos. — Vai ficar tudo bem. Você vai sobreviver.

Mudei minha expressão, tentando recuperar a magia que parecia ter sentido nas veias apenas alguns momentos antes. Eu era a nova rainha. Não podia ficar triste justo naquele dia.

— Eu sei — disse. — Só não sei ao certo como.

A música chegou ao fim, e Ahren fez uma reverência profunda.

— Você precisa ir a Paris para o Ano-Novo.

— E você precisa voltar para o nosso próximo aniversário — insisti.

— E depois você tem que passar a lua de mel na França.

— Só se você vier para o casamento.

Ele estendeu a mão.

— Combinado.

Apertei a mão do meu querido irmão gêmeo, que me puxou para um abraço.

— Passei dias me sentindo mal, achando que você jamais me perdoaria por ter ido embora. O fato de você não estar nem um pouco zangada dificulta muito ir embora novamente.

— Você tem que ligar. E não só para os nossos pais. Tem que ligar pra mim também.

— Vou ligar.

— Amo você, Ahren.

— Amo você, Majestade.

Dei risada, e nós dois secamos os olhos.

— Por falar em casamento — ele começou —, alguma ideia de quem será o noivo?

Corremos os olhos pelo salão. Era fácil localizar os garotos da Elite, todos de ternos e gravatas refinados, tão lindos quanto qualquer convidado da realeza. Eu os observara a noite inteira, para analisar seu comportamento naquela situação e juntar a informação às pilhas que eu já tinha sobre eles.

Kile tinha sido atencioso com os convidados mais jovens, e Fox tinha apertado tantas mãos que o flagrei massageando os pulsos em determinado momento. Embora Ean e Hale estivessem fora do páreo, ouvi meio por cima que os dois deram declarações esplêndidas sobre o meu caráter à imprensa, bem acima de todas as minhas expectativas. E havia Henri. Ele tinha dado o seu melhor, com Erik sempre ao seu lado, ajudando nas conversas, mas quando o vi sentado, só observando os convivas, tive certeza de que tudo aquilo tinha sido muito difícil para ele.

— Já fiz e refiz essa pergunta. É difícil saber com certeza quem seria a escolha certa. Só quero fazer o melhor para todos.

— Inclusive você?

Apenas abri um sorriso, incapaz de responder.

— Se a minha partida prova alguma coisa — Ahren disse, sério —, é que você tem que ficar com a pessoa que ama, custe o que custar.

Amor. Eu achava que o amor era como uma roupa, incapaz de vestir duas pessoas do mesmo jeito. Ainda não sabia ao certo o que aquela palavra significava para mim, mas tinha a sensação de que chegaria a uma definição antes do que imaginava. Só restava saber se a definição me satisfaria.

— Vou dizer uma coisa, Eady: guerras, tratados e até países vão e vêm. Mas a sua vida é só sua, única e sagrada, e você deve passá-la com alguém que faz de cada segundo uma bênção.

Baixei os olhos para examinar meu vestido. Senti o peso da coroa sobre a minha cabeça. Sim, a minha vida era única e sagrada, mas desde o instante em que nasci — meros sete minutos antes do meu irmão —, ela pertenceu a todos menos a mim.

— Obrigada, Ahren. Vou lembrar disso.

— Por favor.

Apoiei a mão no ombro dele.

— Vá encontrar sua esposa. Faça uma boa viagem e avise quando aterrissar, certo?

Ele tirou minha mão do seu paletó e a beijou.

— Tchau, Eady.

— Tchau.

Embora eu estivesse ficando cansada, sabia que ainda não era hora de sair de fininho. *Uma última volta pelo salão*, disse a mim mesma. Para distribuir apertos de mão, dar uma ou duas entrevistas e me esgueirar para a porta lateral.

Tantos sorrisos e abraços, tantos desejos positivos e tantas promessas de entrar logo em contato. Aquilo tudo me dava energia com a mesma rapidez com que a sugava. No momento em que eu passava pelo canto onde Ean conversava com alguns ganhadores do sorteio para assistir à coroação, mais uma valsa começou a tocar.

— Ah, uma dança! — uma jovem suplicou. Eu pensei que ela queria que Ean dançasse com ela, mas ela o empurrou de leve na minha direção, e ele não se

mostrou nem um pouco triste de me acompanhar até a pista.

Depois de alguns giros, precisei perguntar:

— Há quanto tempo você gosta de Hale?

Ele sorriu.

— Desde o momento em que vi ele se preparando para te conhecer. Ele parecia tão feliz, a ponto de lembrar um personagem de desenho animado. Foi muito fofo.

— Fofo mesmo — concordei.

— Sinto muito por ter mentido para você. Meu plano era levar isso comigo para o túmulo.

— E agora?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Mas Hale é tão teimoso com essa história de ser sincero consigo mesmo que jamais tentaria usar outra pessoa como fachada para me esconder, que foi o que tentei fazer com você. Não é justo com ninguém.

— É difícil ser justo consigo mesmo às vezes, não é?

Ele fez que sim.

— Mas eu não compararia as nossas circunstâncias. No fim das contas, ninguém se importa comigo, e todo mudo se importa com você.

— Não seja bobo. Eu me importo com você. Já me importava com o arrogante metido que se apresentou no primeiro dia. — Ele riu ao recordar. Um pouco daquele verniz tinha se desgastado. Não completamente, mas eu sabia o quanto era difícil derrubar as próprias muralhas. — E também me importo com essa pessoa ansiosa e gentil diante de mim.

Ean não era do tipo que chorava. Não engoliu em seco nem piscou nem deu qualquer sinal típico, mas senti que, se em algum momento da vida ele esteve prestes a derramar lágrimas, tinha sido aquele.

— Estou muito feliz por ver você se tornar rainha. Obrigado, Majestade. Por tudo.

— Não há de quê.

A canção chegou ao fim, e nos afastamos com um aceno de cabeça.

— Tudo bem se eu for embora amanhã de manhã? — ele perguntou. —

Gostaria de passar um tempo com a minha família.

— Claro. Mantenha contato.

Ele concordou com a cabeça e atravessou o salão, pronto para iniciar sua nova vida.

E eu tinha conseguido. Tinha sobrevivido ao dia sem fazer nada humilhante, sem ouvir nenhum protesto, e ainda estava de pé. Era o fim, e eu podia fugir para a paz e a tranquilidade do meu quarto.

Então, quando estava prestes a abrir a porta lateral, vi Marid falando diante de uma câmera.

Ele olhou para mim e sua expressão se iluminou, gesticulando para que eu me juntasse à sua entrevista. Apesar de cada milímetro do meu corpo querer descansar, o sorriso de Marid era tão encantador que decidi ir até lá.



— AQUI ESTÁ ELA, A DAMA DO MOMENTO — ele disse, passando o braço ao meu redor e provocando risos na entrevistadora.

— Majestade, como está se sentindo? — ela perguntou com o microfone apontado para o meu rosto.

— Posso dizer que estou cansada? — brinquei. — Não, sério, o dia foi incrível e, apesar dos problemas no nosso país ultimamente, acredito muito que o dia de hoje levantará o ânimo de todos. E estou muito entusiasmada para trabalhar. Agradeço aos incríveis garotos da Seleção e aos amigos, como o sr. Illéa aqui, por me ajudarem a conhecer muito mais do meu povo. Tenho certeza de que seremos capazes de encontrar maneiras de ouvir as demandas da sociedade e atendê-las de maneira muito mais eficiente.

— A senhorita pode nos dar algumas indicações do que pretende fazer? — a repórter perguntou, ansiosa.

— Bom, penso que nossa assembleia, que foi ideia de Marid — comecei a responder, gesticulando para ele —, começou um pouco complicada, mas no final foi extremamente informativa. E o sr. Woodwork apresentou recentemente uma proposta interessante para que os cidadãos tenham um meio mais direto de entrar em contato com a coroa. Não posso falar muito sobre isso no momento, mas é uma ideia incrível.

— Por falar em propostas — a jovem prosseguiu, toda empolgada —, alguma de casamento?

Caí na gargalhada.

— Deixe passar minha primeira semana como rainha e então voltarei a me concentrar nesse assunto.

— Justo. E quanto ao senhor? Algum conselho para a nova rainha?

Virei de frente para Marid, que deu de ombros e baixou a cabeça.

— Só lhe desejo toda a sorte no reinado e na Seleção. O cara que ganhar o coração dela será mais sortudo do que pode imaginar.

Marid engoliu em seco, aparentando dificuldade para voltar a encarar a entrevistadora, que por sua vez concordou efusiva.

— Com certeza será.

Tomei Marid pelo braço e o puxei de canto, para que ninguém ouvisse.

— Não quero ser grosseira depois de toda a bondade que você demonstrou comigo, mas não convém se comportar dessa maneira.

— Que maneira? — ele quis saber.

— Como se você e eu pudéssemos ter tido algo mais caso a Seleção não tivesse acontecido. Pelo que sei, esta é a terceira vez que você sugere algo assim, mas não nos vemos há anos. Sou obrigada, pelo dever e pela honra, a me casar com um dos candidatos. Esse seu jeito de bancar o coitado apesar de jamais termos tido qualquer coisa é inaceitável. Precisa parar com isso imediatamente.

— E por que faria isso? — ele disse, num tom de voz mais traiçoeiro.

— Como é?

— Se a sua família tivesse prestado o mínimo de atenção ao povo, talvez você saberia que, no que diz respeito ao público, minha voz tem uma força incomparável. As pessoas me adoram. Você devia ver as pilhas de cartas de fãs que recebo. Nem todos consideram a linhagem dos Schreave válida.

Gelei, apavorada com a possibilidade de que algo daquilo pudesse ser verdade.

— Você me deve muito, Eadlyn. Eu cuidei para que você aparecesse bem nos jornais, elogiei você nas entrevistas e salvei aquela assembleia. *Eu*, não você.

— Eu poderia...

— Não, não poderia. E esse é o problema. Você não consegue cumprir o seu trabalho sozinha. É quase impossível, por isso o casamento é uma ideia maravilhosa. Só que você está procurando no lugar errado.



Eu estava atônita demais para falar.

— E sejamos sinceros: se esses garotos estivessem mesmo a fim de você, por acaso não estariam ao seu redor neste exato momento? Para quem vê de fora, todos estão indiferentes.

Meu choque se transformou em angústia. Olhei ao redor do salão. Marid estava certo. Ninguém da Elite parecia ter a menor consciência da minha presença.

— Por outro lado, se você se unir a mim, a linhagem Illéa-Schreave estará completamente assegurada. Ninguém ousaria questionar o seu direito ao trono se você fosse minha esposa.

O salão pareceu estremecer por um instante. Tive que me esforçar para manter a compostura enquanto ele continuava:

— E pode conferir os números se quiser, mas no quesito opinião pública minha taxa de aprovação é o dobro da sua. Eu poderia fazer você passar de “tolerada” para “adorada” do dia para a noite.

— Marid — eu disse, odiando que a minha voz soasse tão fraca —, isso não é possível.

— Claro que é. Você pode terminar a Seleção por conta própria, ou então eu espalho tantos boatos sobre nós que ninguém mais vai acreditar nela. No final, você vai parecer ainda mais insensível do que já pensam que é.

Endireitei as costas e jurei:

— Vou acabar com você.

— Pode tentar. Veja como logo o povo se volta contra você. — Ele beijou minha bochecha. — Você tem o meu número.

Marid foi embora, cumprimentando todos à sua passagem como se já fosse membro da família real. Enquanto os olhares pareciam acompanhá-lo, me esgueirei discretamente para fora do salão.

Eu era mesmo uma idiota. Tinha pensado que Hale gostava de mim, que Ean me apoiava, e me enganara redondamente. Havia errado ao confiar em Burke, em Jack e Baden. Estava convicta de que Marid tinha vindo me ajudar, e ele só queria o trono. Meus instintos tinham errado em todos os aspectos, e de repente as pessoas ao meu redor me pareceram todas falsas.

Será que tinha me enganado a respeito de mais alguém? Errava em confiar em

Neena e na srta. Brice? Será que Kile era o amigo que eu pensava? Eu podia confiar no que sentia e pensava em relação aos outros?

Encostei na parede, prestes a desatar a chorar. Eu era a rainha. Nenhuma pessoa era mais poderosa do que eu. E, no entanto, nunca tinha me sentido tão indefesa.

A porta se abriu e, antes que eu conseguisse me esconder mais, vi o rosto de Erik.

— Majestade, sinto muito. Eu só queria escapar da multidão. Lá dentro estava um pouco demais para mim.

Não respondi.

— Parece que foi um pouco demais para você também — ele acrescentou com cautela.

Cravei os olhos no chão.

— Majestade? — ele sussurrou. — Posso ajudar?

Encarei aqueles olhos de um azul selvagem e abandonei todas as preocupações na minha cabeça. Meu coração disse: *Corra*. Agarrei a mão dele e saí correndo.

Atravessei o corredor, lançando um olhar para trás para conferir que ninguém nos seguia.

Como eu esperava, o Salão das Mulheres estava vazio. Sem acender as luzes, puxei-o para perto da janela para que ao menos a luz da lua me ajudasse a enxergar.

— Sob o risco de fazer um papel de idiota ainda maior do que já fiz, quero te fazer uma pergunta e gostaria que você respondesse, por favor. E tem que ser uma resposta absolutamente sincera. Você tem permissão para ferir meus sentimentos, mas eu preciso saber a verdade.

Depois de um longo instante, ele fez que sim com a cabeça, embora sua expressão revelasse um pavor terrível do que poderia vir.

— Existe alguma chance de você sentir por mim o mesmo que sinto por você? Se você sente ao menos um milésimo dessa revolução que está acontecendo no meu coração, precisa me dizer.

Erik suspirou, aparentemente atônito e triste ao mesmo tempo.

— Majestade, eu...

— Não! — gritei, arrancando a coroa da cabeça e atirando-a do outro lado do salão. — Nada de Majestade. Eadlyn. Sou apenas Eadlyn.

Ele sorriu.

— Você é sempre apenas Eadlyn. E é sempre a rainha... É tudo para todos. E infinitamente mais para mim.

Pus a mão sobre o peito dele e pude sentir seu coração latejar no mesmo ritmo do meu. Ele de repente tomou consciência do meu desespero naquele momento e, sem dizer uma palavra, tomou meu queixo na mão e se inclinou para me beijar.

Cada momento que passamos juntos se embaralhou na minha cabeça. Seu comportamento constrangido quando nos conhecemos, e a minha bronca antes do desfile porque ele roía as unhas. A forma como ele me protegeu quando a briga começou na cozinha, o olhar que me lançou quando todos estavam rezando diante da ala hospitalar. E o mais impressionante: aquele momento no Salão das Mulheres quando Camille me perguntou em quem eu não parava de pensar, e tive que me esforçar muito para não dizer o nome dele em voz alta.

Tudo aquilo, cada segundo mágico e proibido pareceu me incendiar durante aquele beijo perigoso e comprometedor. Quando finalmente paramos, lágrimas escorriam pelo meu rosto, convicta de que a partida de Ahren e o medo de perder minha mãe não tinham sido nada perto dessa nova dor.

Ele balançou a cabeça, ainda me abraçando.

— Claro. Na única vez que me permito amar tem que ser alguém de outra estratosfera.

Cravei os dedos na camisa dele, no colete, furiosa por não poder ficar ali para sempre.

— Esta vai ser a primeira vez na vida que não vou poder ter o que quero de verdade. É tão cruel que aconteça justo com você.

Ele engoliu em seco.

— Então é impossível mesmo?

Fiquei de cara no chão. Eu não queria pronunciar aquelas palavras.

— Receio que sim. Agora mais do que nunca. Mal consigo elaborar todos os motivos, mas as coisas ficaram bem mais complicadas para mim.

— Você não me deve explicações. Eu já sabia. Cometi o erro de criar expectativas por um instante. Só isso.

— Sinto muito mesmo — sussurrei de cabeça baixa. — Se eu pudesse cancelar tudo, cancelaria. Mas uma atitude como essa seria considerada mais um erro no meio de tantas outras coisas idiotas e egoístas que eu já fiz.

Ele levantou meu queixo delicadamente.

— Por favor, não fale assim da mulher que eu amo.

Abri um sorriso fraco.

— Fui tão injusta com você. As dúvidas estavam me corroendo, mas talvez fosse melhor que você não soubesse de nada.

— Não — ele disse, de alguma maneira capaz de encontrar um consolo no meio da nossa agonia. — Não há vergonha em amar a quem se ama, e há muita honra em fazer o que é certo. Pena que essas duas coisas não coincidem para nós. Mas isso não diminui a importância deste momento para mim.

— Nem para mim.

Ele segurou minha mão com ternura, aparentemente chocado consigo mesmo por ter tido coragem para isso.

— Preciso voltar — ele disse. — Odiaria provocar um escândalo.

— Você tem razão — concordei, suspirando, ainda incapaz de deixá-lo partir. Endireitei o corpo e o abracei bem forte. — Ainda não estou comprometida com ninguém — sussurrei. — Não quer me encontrar amanhã à noite?

Dava para ver que todas as engrenagens da cabeça dele estavam girando. Também foi fácil notar o instante em que, apesar de tudo, ele decidiu parar de pensar e concordar com a cabeça.

— Eu te passo os detalhes depois. Pode ir agora. Vou daqui a alguns minutos.

Erik me deu um último beijo apressado e correu de volta para o corredor. Enquanto isso, peguei a coroa do chão e fui até o painel escondido atrás da estante de livros. Queria garantir que ninguém me encontrasse naquela noite.

Já não havia rebeldes em Illéa, não havia ameaças das quais fugir. Mas ainda havia dezenas de passagens secretas no palácio, e eu conhecia cada uma delas.



— BOM DIA, MAJESTADE — cumprimentou a srta. Brice quando entrei no escritório. Geralmente eu podia dormir até mais tarde aos domingos, mas não havia como passar meu primeiro dia de rainha na cama, especialmente depois do jeito como a noite passada tinha terminado.

Suspirei, ao mesmo tempo cansada e emocionada.

— Ouvi isso um milhão de vezes ontem, mas ainda é estranho responder por esse título.

— Você terá décadas para se acostumar — a conselheira emendou com um sorriso.

— Por falar nisso, precisamos conversar sobre a Seleção, o meu reinado e uma complicação inesperada.

— Complicação?

— Preciso saber uma coisa. Quão popular é Marid Illéa?

A srta. Brice deixou escapar um assovio.

— Ele construiu uma bela imagem ao longo dos últimos anos. Está sempre dando entrevistas no rádio, é bonito, membro de uma família muito conhecida, que muitas vezes aparece na mídia impressa também. Um monte de gente escuta o que ele fala. Sorte a nossa ele ter decidido aparecer agora, não é?

Antes que eu pudesse explicar o acontecido na noite anterior, ouvi a porta se abrir atrás de mim e Josie invadir a sala.

— Oi! Espero não estar atrasada! — ela exclamou.

Fechei os olhos, frustrada. Tinha esquecido completamente que ela começaria a me acompanhar naquele dia.

— Posso ajudar? — a srta. Brice perguntou.

— Ah, estou aqui para ajudar vocês — Josie anunciou. — Vou acompanhar Eadlyn hoje. Talvez por mais tempo, se tudo correr bem.

— Madame Marlee teve essa ideia ontem durante a sessão de fotos com a família — expliquei rápido.

A srta. Brice fez que sim com a cabeça e, bem nesse momento, Neena entrou na sala também. Embora eu não estivesse muito à vontade para falar sobre tudo aquilo na frente de Josie, aparentemente não tinha outra escolha.

— Muito bem — comecei devagar —, temos um problema. E ele se chama Marid Illéa.

— Sério? — Neena perguntou. — Ele pareceu tão prestativo até agora.

— Sim, essa era a imagem que ele queria passar. Mas na verdade, o real objetivo dele sempre foi ficar com a coroa. — Fiz uma pausa e engoli em seco, de novo com a sensação de ser uma idiota. — Ontem eu dei uma bronca nele por insinuar de novo para a imprensa que éramos mais do que amigos, e ele deixou claro que seu plano é insistir nessa linha até o público exigir que eu me case com ele.

A srta. Brice enfiou a cabeça entre as mãos.

— Eu sabia que ele era capaz de sabotar tudo. Eu sabia. Devíamos ter acabado com os boatos assim que surgiram.

Balancei a cabeça.

— Não é culpa sua. Você me deu a chance logo no começo, e eu não aproveitei. Só nunca imaginei que ele tentaria se infiltrar dessa maneira baixa para conseguir uma vaga permanente no palácio.

— Muito sorrateiro — a srta. Brice bufou de punhos cerrados. — Os pais dele jogavam pedras e invadiam o palácio. Tudo o que ele precisa fazer são alguns discursos na hora certa e conseguirá o que quer sem nem parecer agressivo.

— Exato. E eu estou... com medo. Se ele convencer as pessoas de que deve ser meu príncipe-consorte, elas vão partir para cima da monarquia. Faz tempo que estão a ponto de se revoltar, e agora que sou a rainha, não há barreiras

impedindo os que só se seguravam por consideração ao meu pai. Mas se cedermos, se ele foi capaz de mentir com tanta facilidade só para se aproximar de mim...

— O que não fará quando concluir que já não precisa mais da senhorita? — a srta. Brice questionou, séria.

Eu já tinha imaginado dezenas de desfechos diferentes. Ele diria que caí da escada, que adormeci no banho ou que meu coração herdou os problemas genéticos da família Singer. Eu não queria pensar em Marid como o próprio mal encarnado, mas tinha consciência de que estava em busca de poder e não tinha nenhuma consideração por mim.

Era possível que tudo fosse paranoia minha, eu sabia. Mas depois de deixar passar tanta coisa nos últimos meses, coisas que deveriam ter me obrigado a ser mais cautelosa, a falar, a agir, agora não era mais hora de achar que tudo se resolveria por conta própria.

— Então precisamos fazer ele ficar quieto. Como? — Neena perguntou.

— Por que vocês precisam fazer alguma coisa? — Josie perguntou. Nos voltamos para ela, que parou de sorrir sob o peso dos nossos olhares. — Quer dizer, você é a rainha. Podia simplesmente matar Marid se quisesse. Se ele fosse um traidor, certo?

— Se ele agisse como traidor, sim. Mas se ele só parecer apaixonado por mim e eu resolver enforcá-lo, como vai ficar minha imagem?

Josie franziu a testa.

— Péssima.

— Pior do que péssima. E a minha aprovação já está pela hora da morte sem isso. Não posso matar Marid. Não posso nem dizer publicamente que não tenho interesse nenhum por ele, não sem repercussões negativas.

— O que fazer então? — perguntou a srta. Brice.

— O que vou falar não sai desta sala. Entendido? — perguntei, com os olhos fixos em Josie na esperança de que ela compreendesse a importância de manter tudo aquilo em segredo. — Primeiro, vamos ignorar Marid. Ele não tem autorização para entrar no palácio e, se telefonar, ninguém fala com ele. Ele será completamente privado da minha presença daqui para a frente. Não podemos dar

à imprensa nem um cochicho para trabalhar em cima.

— De acordo — aprovou a srta. Brice.

— Segundo, tracei um mapa de como serão as próximas semanas na Seleção. Ean vai voltar para casa hoje de manhã. Conversamos ontem à noite e ele está pronto para partir. No começo da semana que vem é a vez de Hale.

Neena fez uma careta.

— Que pena ver Hale ir embora.

— Também acho. Mas é de comum acordo. Garanto que não há ressentimentos de nenhum dos lados.

— Isso torna as coisas mais fáceis — ela admitiu. — Só uma coisa: você não é obrigada a escolher em quatro dias assim que o número de pretendentes cair para três?

— Sim. A única maneira de ganhar a corrida contra Marid é escolher um marido o mais rápido possível. E não importa se eu estiver ou não muito apaixonada, meu casamento tem que parecer tão feliz quanto o dos meus pais. Até melhor que o deles, se possível. — Fiz uma pausa para respirar fundo. — Assim, logo que Hale partir, vamos esperar uns dias e eliminar Fox. Ele é simpático, mas não temos nenhuma química. Isso vai fazer de Kile e Henri os dois finalistas, e pretendo fazer uma transmissão ao vivo em duas semanas para anunciar meu noivo.

— Duas semanas! — Neena exclamou pasma. — Eadlyn!

— Vou precisar de ajuda com a repercussão disso — prossegui. — Verifiquei os números das últimas pesquisas. Já faz um tempo que Hale e Kile são os favoritos. Vou cuidar para que a partida de Hale seja considerada necessária, de modo que as pessoas aceitem a decisão dele. Só temos que aumentar a torcida de Henri. Dizer, por exemplo, que ele cozinha em asilos ou que a família dele descende da nobreza noruega. Mesmo que seja preciso forçar um pouco a realidade, vão em frente. Façam os dois chegarem à final com a aprovação de todos.

Todas se calaram por um instante.

— Mas você por acaso ama o Kile? — Josie perguntou. Pela primeira vez, seu rosto não tinha aquela expressão perdida ridícula, e consegui enxergar uma



preocupação verdadeira em seus olhos.

Pensei em Erik. Na certeza que ele tinha de que valia a pena. Na maneira como havia me tratado desde o começo. Na maneira como tinha me beijado.

No fato de que logo ele iria embora.

— Eu seria feliz com Kile.

Com certeza, houve líderes antes de mim que precisaram fazer sacrifícios muito maiores, mas Brice, Neena e Josie me olhavam como se eu estivesse prestes a marchar para a morte.

— Vocês vão me ajudar ou não? — quis saber.

— Vou ver o que descubro sobre Henri — a srta. Brice disse. — Acho melhor começar com a verdade.

— Eu também. E tenho certeza de que você vai descobrir alguma coisa sobre ele. Ele é tão fofo.

— Ele é — Neena concordou. — Assim como Kile. Sua situação poderia ser bem pior.

*Poderia, pensei. Mas também poderia ser bem melhor.*

— Façam o que for preciso para ajeitar as coisas. Vou passar o resto do dia trabalhando no quarto. Josie? — chamei e, com um salto, ela voltou a prestar atenção. — Você vai voltar amanhã ou já viu o bastante?

— Mais do que o bastante — ela disse, engolindo em seco.

— Nenhuma palavra, entendeu?

Ela concordou com a cabeça, mas eu mal podia suportar seu olhar. Ela parecia tão triste por mim, e eu era incapaz de suportar que ela, dentre todas as pessoas, tivesse pena de mim. Mas quando olhei para Neena e para a srta. Brice, vi que suas expressões eram tão ruins quanto a de Josie.

Levantei da cadeira, assumi a postura mais ereta que pude e saí da sala, pensando que, não importava o que acontecesse, eu ainda era a rainha.



— QUE LUGAR É ESTE? — Erik perguntou.

Eu tinha feito meu melhor para tornar o ambiente aconchegante; cheguei até a levar às escondidas um cesto cheio de velas e toalhas depois do almoço e outro cheio de comida quando todos saíram para jantar.

Erik falou que estava se sentindo mal, eu disse que precisava trabalhar e nos encontramos num lugar muito discreto no segundo andar. Uma das passagens que iam direto ao abrigo enorme ficava ao lado do antigo quarto da minha mãe, que ela usou durante sua Seleção. Às vezes ela ia até lá, como se fosse o lugar mais tranquilo do palácio para ela.

— Nos tempos em que os rebeldes eram uma ameaça, a família real costumava fugir para cá — contei a Erik à medida que avançávamos pela passagem. — Mas faz mais de uma década que ninguém usa, e agora o considero o segredo mais bem guardado do palácio.

— Em outras palavras, ninguém vai nos encontrar — Erik comentou, sorrindo.

— Não se não quisermos.

Ele respirou fundo.

— Me senti muito culpado hoje. Dividido entre a felicidade pelo seu convite e a culpa por nem estar entre as suas possíveis escolhas.

Comecei a tirar os pratos do cesto e arrumá-los sobre as toalhas.

— Eu sei — concordei. — Tenho amaldiçoado a Seleção do mesmo jeito que fiz quando meus pais a mencionaram pela primeira vez. E em seguida me

arrependo de todas as reclamações, porque se ela não tivesse começado...

Trocamos um longo olhar, que quebrei com um suspiro para continuar a ajeitar nosso piquenique à luz de velas.

— Sabia que não era para meu pai ter se casado com a minha mãe?

— Você está de brincadeira — ele disse, me ajudando a arrumar as coisas.

— Parece que meu avô tinha escolhido a dedo as competidoras e só trouxe três. Cinco para satisfazer as castas inferiores. Ele odiou a minha mãe desde o começo. Como se não bastasse, meus pais brigavam o tempo todo.

Dei de ombros, ainda surpresa com a história conturbada dos dois.

— Cresci pensando que eles tinham saído de um conto de fadas — continuei.

— No fim das contas, são iguais a todo mundo. E isso por algum motivo deixa o relacionamento deles ainda mais mágico.

Deixei as palavras no ar, pensando em tudo o que eu tinha descoberto recentemente.

— Eles ainda dançam juntinhos quando chove. Não faço ideia do motivo, mas sempre que o céu fica cinza, você encontra os dois juntos. — Abri um sorriso. — Lembro de uma vez em que ele invadiu o Salão das Mulheres, o que é totalmente inadequado. Você tem que ser convidado. Mas estava chovendo, e ele não queria esperar para raptar minha mãe. E uma vez ele a deixou encharcada no corredor, e ela só gargalhava sem parar. Na época ela ainda usava o cabelo solto, e nunca vou esquecer como parecia uma cachoeira vermelha. É como se eles sempre se encontrassem nessa situação, independente do que aconteça.

— Eu sei o que você quer dizer — Erik comentou com um sorriso largo, de olho na garrafa de vinho tinto que eu tinha trazido. — Meus pais se encontram no *omenalörtsy*.

Abracei os joelhos e ajeitei o vestido.

— O que é isso?

— Uma espécie de pastelzinho de maçã. Minha mãe fez uma fornada para o meu pai quando eles eram namorados, e a receita virou uma tradição deles. Aconteceu alguma coisa boa? *Omenalörtsy*. Fazem as pazes depois de uma briga? *Omenalörtsy*. Uma sexta-feira que foi maravilhosa e especial? *Omenalörtsy*.

— Como eles se conheceram?

— Vai soar estranho, mas por causa de parafusos e arruelas.

Franzi a testa.

— Então... eles são mecânicos?

— Não — ele respondeu, rindo baixo. — Meus pais se conhecem basicamente desde sempre. Cresceram na mesma cidadezinha da Noruecia. Um dia, quando tinham onze anos, uns caras na escola estavam mexendo com meu pai e jogaram os trabalhos dele na lama. Minha mãe era até menor do que ele, mas correu até lá, berrou com os garotos e tirou meu pai dali. Ele ficou envergonhado, mas ela ficou furiosa. Forçou meu pai a aceitar um acordo. Naquela mesma noite eles se encontraram numa rua deserta, correram até a casa de cada um dos valentões e roubaram os parafusos e as arruelas das bicicletas deles para obrigá-los a andar. Durante semanas, sempre que um dos valentões aparecia com a bicicleta consertada, meus pais roubavam os novos parafusos. Depois de um tempo, os caras desistiram das bicicletas e passaram a andar todo dia.

— Gostei da sua mãe — eu disse entre uma mordida e outra de pão.

— Ah, vocês duas se dariam muito bem. Ela adora comida e música e está sempre à procura de um bom motivo para rir. Meu pai, por outro lado... Bom, se você me acha tímido, devia conhecê-lo. Ele se dá melhor com livros do que com pessoas, e leva um bom tempo para fazer amizade com gente nova. Em todo caso, meus pais cresceram, mas como eram muito diferentes, não frequentavam o mesmo círculo. Os garotos faziam fila para minha mãe, enquanto meu pai passava os finais de semana na biblioteca. Quando ele ficou mais velho, comprou uma bicicleta. E um dia acordou de manhã e descobriu que ela estava sem os parafusos.

— Não!

— Sim. E minha mãe fez isso até ele ficar esperto e começar a caminhar com ela até a escola. E os dois andam juntos desde então.

— Isso é fantástico.

Erik fez que sim com a cabeça.

— Eles se casaram jovens, mas esperaram um tempo para ter filhos. Disseram para eu não me ofender, mas a verdade era que não queriam dividir o outro com

mais ninguém, nem mesmo comigo.

Balancei a cabeça.

— Eu realmente gostaria de conhecer esses dois.

— Eles iam gostar de você. Meu pai provavelmente passaria a maior parte da visita escondido no quarto, mas ia gostar de você mesmo assim.

Erik abriu o vinho e dividimos as frutas, o pão e o queijo. Permanecemos um longo tempo sem falar. O silêncio dava uma sensação de que tudo era maior, melhor. Não havia pressa em preencher o espaço, e depois de dias de tanto barulho, aquela tranquilidade com Erik era a coisa mais reconfortante do mundo. Era como estar só, mas sem estar só.

— Preciso fazer uma pergunta embaraçosa — confessei depois de um tempo.

— Ah, não. — Ele respirou fundo. — Tudo bem, estou pronto.

— Qual é o seu nome completo?

Ele quase cuspiu o vinho.

— Achei que ia ter que confessar um segredo sombrio e você me vem com isso?

— Me sinto mal por ter te beijado sem saber seu sobrenome.

Ele acenou com a cabeça e atendeu meu pedido:

— Meu nome é Eikko Petteri Koshinen.

— Eikko Pet... Petteri?

— Koshinen.

— Koshinen.

— Perfeito.

— Tudo bem se eu chamar você de Eikko? Gosto do seu nome.

Ele deu de ombros.

— Só mudei porque achava que era estranho demais.

— Não — insisti. — Não é estranho.

Ele baixou os olhos e começou a brincar com a ponta da toalha.

— E o seu? Qual o seu nome completo?

Suspirei.

— Houve discordância quanto aos nomes do meio, então me chamo Eadlyn Helena Margarete Schreave.

— Que empolado! — ele provocou.

— E pretensioso também. O significado literal do meu nome é “princesa pérola brilhante”.

Ele tentou esconder o sorriso.

— Seus pais te deram o nome de “princesa”?

— Deram. Então eu sou a rainha princesa Schreave, obrigada.

— Eu não deveria rir.

— Mas está rindo mesmo assim. — Limpei as migalhas de pão da roupa. —  
Dá a sensação de que estava predestinada a ser mimada.

Ele me agarrou pela mão e me forçou a olhar nos seus olhos.

— Você não é mimada.

— Na primeira vez que nos falamos, te dei uma bronca por causa dos seus modos.

Ele deu de ombros.

— Eu precisava da bronca.

Abri um sorriso triste.

— Não sei bem por quê, mas isso me dá vontade de chorar.

— Não, por favor. Aquele foi um dia bom para mim.

Questionei com os olhos e segurei a mão dele enquanto Erik explicava:

— Lembra quando você subiu no carro e conversou com Henri? Depois, olhou para baixo para que eu soubesse que estava tudo bem. Você não precisava ter feito aquilo. Estava ocupada, com pressa, e ainda assim prestou atenção em mim. Mesmo depois de descobrir que sou do tipo que rói as unhas quando fica ansioso.

Aquilo me deu ainda mais vontade de chorar.

— Foi aí que começou?

— Acho que sim. E me censuro todo dia desde então. Mas, claro, imaginava que ninguém jamais saberia, muito menos você.

— Eu fui mais devagar — comentei. — Para mim, acho que começou com a briga na cozinha. Você não estava preocupado com o que estava acontecendo nem com o que iam pensar quando nos vissem correndo pela cozinha lotada nem com qualquer outra coisa. Eu estava à deriva, e você me trouxe de volta para a

terra. Tantas pessoas têm a responsabilidade de me manter na linha, mas ninguém me faz sentir tão normal como você.

Ele engoliu em seco.

— Desculpe não poder fazer isso por muito mais tempo.

— Você não faz ideia do quanto queria que pudesse.

Depois de um instante tenso de silêncio, ele limpou a garganta.

— Você poderia fazer uma gentileza? Quando acabar a Seleção, por favor, não entre em contato comigo. Tenho certeza de que seria capaz de me encontrar se quisesse, mas não. Você tem sido uma amiga maravilhosa, assim como os meninos. Não quero me transformar no tipo de homem que trai os amigos.

— Nem eu quero me transformar no tipo de mulher que engana o marido. Quando acabar, acabou.

— Obrigado — ele sussurrou.

— Mas nada vai acabar esta noite — lembrei a ele.

Ele baixou os olhos e deu um sorrisinho.

— Eu sei. Estava tentando decidir se criava coragem suficiente para te pedir mais um beijo.

Cheguei mais perto dele.

— Você pode pedir mais um. Mais dois. Mais doze.

Ele riu antes de inclinar o corpo para a frente. Nossa avidez derrubou o copo de vinho dele e fez as chamas das velas dançarem.



CHEGUEI AO ESCRITÓRIO UM POUCO MAIS TARDE do que pretendia na manhã seguinte. Joguei o cabelo para trás e me vesti com pressa, mas por mais que tentasse, meu sorriso parecia impossível de apagar.

Era uma sensação deliciosa: amar. Eu tinha tantos luxos na vida, e achava que já tinha experimentado um pouco de amor antes, mas só então percebi que não passava de uma imitação de uma coisa que nem deveria ser imitada.

Lembrei que aquilo ia acabar e que eu já tinha aceitado o fim. Eu sabia que ia escolher Kile e já tinha contado a Eikko.

Kile ia me fazer feliz, e eu esperava fazer o mesmo por ele. Tinha consciência de que, em algum momento, depois que Kile soubesse que seria o escolhido, eu teria que revelar toda a história. E conhecia Kile bem o bastante para saber que ele me entenderia se eu confessasse a confusão com o processo e que o beijo em Eikko não tinha sido planejado — duas coisas que eram verdade. Eu não queria esse mal-estar pairando sobre nós. Sobre nenhum de nós.

E uma vida ao lado de Kile não seria exatamente uma prisão perpétua. Ele era inteligente, entusiasmado, divertido, charmoso e mais uma dezena de coisas que um marido deveria ser. Seria amado pelo povo — o nosso povo — e ficaria ao meu lado para lutar contra Marid. Na verdade, Kile era tão carismático que poderia anular Marid.

E, lá no fundo, eu tinha esperança de aprender a amá-lo, já que agora sabia qual era a sensação.



Por enquanto, eu dispunha de alguns dias preciosos com Eikko, e aproveitaria ao máximo.

Neena bateu na mesa para me trazer de volta ao presente.

— Você está bem? No que está pensando?

— Humm...

Para ser sincera, eu pensava no som de *Sua Majestade Real Eadlyn Helena Margarete Schreave de Koshinen* e em como de repente meu nome pomposo soava como poesia. Então notei que os olhos de Neena estavam vermelhos.

— Em você — respondi. — Como está?

— Estou bem — ela respondeu num tom de voz que estava mais para “não muito”. — É Mark. Ele trabalha bastante, e agora eu também trabalho mais, e está difícil manter contato. O mesmo de sempre. A distância não é um problema até que começa a ser.

Segurei as mãos dela.

— Neena, a última coisa que quero é afastá-la da pessoa que você ama. Você é uma garota brilhante, poderia trabalhar em qualquer lugar...

— Você está me demitindo? — ela sussurrou como se estivesse a ponto de chorar.

— Claro que não! Só de pensar em você indo embora já fico de coração partido. Se existem amigos que são almas gêmeas, você é a minha, e não quero que vá a lugar nenhum.

Com os olhos ainda inchados, ela deu um sorriso.

— Só não suporto te ver perder uma coisa tão importante — concluí.

— Sei como é. Você faz ideia de como é difícil cruzar os braços e assistir o que está acontecendo com a sua vida?

Soltei um suspiro.

— A minha vida é completamente diferente. E, como você disse, poderia ser bem pior.

— Eadlyn, por favor, pense mais sobre isso. Deve haver uma maneira melhor de deter Marid.

— Se existe, não tenho tempo para esperar. Se não assegurar minha posição agora, vou ter um reino cheio de pessoas tentando usurpar o trono e falhando ou

cheio de gente tentando e conseguindo. Os dois casos são inaceitáveis. É importante para mim. Não posso ceder.

Ela fez que sim.

— Bom, eu também não. Não seria capaz de deixar você assim.

Segurei a mão dela, agradecida como sempre por sua presença na minha vida.

— Me avise se mudar de ideia — insisti. — Se precisar ir embora, eu poderia...

Espantada, me calei diante da visão de Josie entrando no escritório, equilibrando uma bandeja nas mãos. Ela pôs uma xícara de café na frente de Neena e outra na minha frente.

— Todo mundo disse que você toma café com dois torrões de açúcar, mas se estiver errado posso voltar.

— Não, não — eu disse, ainda levemente confusa. — Está certo.

— Muito bem. E como passei pelo correio e isso estava lá, imaginei que podia trazer — ela continuou, deixando um punhado de cartas no escaninho de madeira sobre a minha mesa.

— Obrigada.

Ela acenou com a cabeça.

— Também vi sua mãe hoje de manhã. Ela está muito bem. Ainda não vi nenhum dos garotos.

— Boa sorte na busca — eu disse com um sorriso. — Obrigada, Josie.

— É o mínimo que eu poderia fazer — ela replicou, dando de ombros. — Não estou ocupada, caso você precise de mais ajuda.

— Neena?

Olhei para a minha assistente, que ainda digeriria toda aquela mudança.

— Como é a sua caligrafia? — Neena perguntou afinal.

— Excelente — Josie respondeu radiante.

— Ótimo.

E foi assim que ganhei um reforço inesperado para o escritório.

Fox permaneceu calado enquanto caminhávamos pelos corredores do palácio.

O encontro não era dos mais entusiasmantes, mas a nuvem contínua de preocupações pairando sobre a minha cabeça havia drenado toda a minha criatividade. Mesmo assim, o fotógrafo pareceu satisfeito ao conferir as imagens na parte de trás da câmera.

— É meio triste a gente não poder sair para um restaurante ou fazer algo divertido como... Você joga boliche? — Fox perguntou.

— Não — respondi entre risos. — Calçar um sapato que milhares de pessoas já usaram e enfiar os dedos em buracos com um número inimaginável de germes? Não é para mim — completei, com a língua para fora.

Ele sorriu.

— Mas é tão divertido! Como você consegue pensar nos germes?

— Osten uma vez pediu para irmos jogar boliche no aniversário dele. Alugamos uma pista inteira durante aquela tarde. Quando percebi que teria que usar aqueles sapatos, não conseguia parar de pensar nisso. Não importava quanto spray bactericida tivessem borrifado ali, não rolava. Todo mundo jogou, até a minha mãe, mas eu só assisti.

— Que triste. Você tem fobia de germes? — o tom de voz dele era quase de gozação.

Deixei a cutucada passar.

— Não. Acontece que eles não me atraem nem um pouco.

— Bom, então está decidido — ele afirmou.

— O quê?

— Se você casar comigo, a minha primeira medida vai ser montar a sua pista de boliche particular. — Comecei a rir. — Não é brincadeira. Talvez pudéssemos nos livrar do estúdio e fazer a pista no lugar dele.

— O fim do *Jornal Oficial*? — perguntei alegre. — Muito bem, você achou meu ponto fraco. Estou de acordo.

— Você poderia desenhar seu próprio sapato!

— HUUUUUM!

Já me imaginava pegando aqueles sapatos estranhos e transformando-os em algo digno da realeza. Seria divertido.

— Está aí uma coisa de que gosto muito em você, Fox. Você é bom para

aliviar o clima — comentei.

— Acho que já está bom, Majestade — o fotógrafo disse, já de saída. — Obrigado.

— Obrigada, Fox. E desculpe pelo fotógrafo. Com o fim se aproximando, as pessoas querem muito espiar os quatro últimos.

— Ah, não me importo — ele disse. — Já acho uma sorte ter chegado tão longe e estar com você.

Corri o polegar pela mão dele e agradeci de novo.

— Obrigada. Sei que andei muito ocupada.

— Por acaso pareço chateado? Fui seu primeiro encontro como rainha. Não é incrível?

Eu nem tinha pensado em como aquele encontro seria visto. Minha intenção tinha sido sugerir que ele partiria logo. Mas ao ouvir aquilo me senti meio sem saída.

— Que falta de educação a minha. Como você está? Como está sua família?

— Meu pai está bem. Ele está se vangloriando para qualquer um que encontra na rua. “Você viu que Fox é um dos quatro finalistas, não viu? Esse é o meu garoto.” — Fox balançou a cabeça. — Acho que fazia tempo que ele não tinha o que comemorar, por isso não consigo pedir para ele manear. Pelo menos não tenho que assistir ao vivo.

Ri baixo.

— Sei o que você quer dizer. Meu pai é fã de fotografia e gosta de registrar os mínimos detalhes. Por algum motivo me sinto bem mais constrangida em ser fotografada por ele do que por um jornalista, ainda que os dois façam exatamente a mesma coisa.

— É o seu pai. A coisa vai para o lado pessoal.

— É.

Ficamos em silêncio. O palácio parecia vazio. Por um instante, senti falta do caos de garotos que tinha invadido a minha vida menos de dois meses antes. Eu me perguntava se continuaria pensando neles depois que tudo aquilo acabasse.

— Em todo caso, ele vai bem, apesar dos pesares — Fox disse para preencher o silêncio. — Está muito orgulhoso, mas não para de me perguntar coisas que

não sei responder direito.

— Como assim?

Observei que a expressão no rosto dele mudou de determinada para constrangida.

— Ele me pergunta o tempo todo se eu amo você ou se você me ama — Fox explicou. — Já disse a ele que não posso simplesmente entrar na sua sala e exigir uma declaração de amor — ele continuou, com um sorriso largo, demonstrando ter consciência de que um pedido desses seria um disparate. — Eu jamais pediria para você me revelar o que sente. Não sei se é justo. Mas acho que você devia saber que eu... eu...

— Não diga.

— Por que não? Faz tempo que sinto isso e queria contar para você.

— Não estou preparada para ouvir — me esquivei, quase sentindo o coração nos ouvidos. Aquilo tinha sido rápido demais, inesperado demais. Eu mal conseguia falar com ele nos últimos tempos e do nada ele me vinha com essa?

— Eadlyn, quero que você pelo menos saiba o que sinto. Se logo você vai ter que escolher alguém, não seria bom ter essa informação?

Virei de frente para ele e endireitei os ombros. Se eu era capaz de encarar jornalistas e oficiais de governo, também era capaz de encarar um garoto.

— Pode falar, Fox.

Antes de começar, ele abriu um sorriso minúsculo, mas sincero.

— Acho que perdi o controle do que sentia por você na noite em que me deixou ficar. Você foi gentil comigo na pior noite da minha vida. Queria muito que você conhecesse minha família. Queria que você fosse à praia em Clermont, queria que jantasse uma noite com a gente. Acho que você se daria muito bem com os Wesley de várias maneiras.

Ele fez uma pausa, balançando a cabeça como se não conseguisse acreditar que tinha dito tudo aquilo.

— Quero te ajudar. Quero estar presente na sua vida de todas as maneiras que puder. E gostaria de poder pensar que você também estará presente na minha. Não sei quanto tempo me resta com o meu pai. Queria que ele soubesse o caminho que escolhi antes de morrer.

Fechei os olhos, sufocada pela culpa. Não fazia muito tempo que minha mãe tinha estado no que achei que seria seu leito de morte. Eu entendia o desejo de Fox.

— Mas isso não quer dizer que eu tenho como fazer esse desejo virar realidade — balbuciei.

— Como?

— Nada — respondi, balançando a cabeça para clarear as ideias. — Fox, o que você sente é lindo. E admiro a sua sinceridade, mas ainda não estou pronta para fazer qualquer promessa.

— Não estou pedindo isso — ele rebateu. Em seguida, chegou perto e tomou a minha mão. — Só queria que você soubesse o que sinto.

— Agora, como você disse, vou levar tudo em consideração na hora de escolher. O que vai acontecer logo.

Ele passou o dedo sobre a minha mão, o que foi menos reconfortante do que deveria.

— Estou falando sério, Eadlyn. Não duvide.

— Ah, não duvido — sussurrei. — Nem um pouco.



— NÃO ENTENDI — Neena comentou na manhã seguinte quando contei a história para ela. — A declaração dele não é uma coisa boa? Ele não poderia ser um dos dois finalistas, por exemplo?

Todos os residentes do palácio ainda tomavam café da manhã, então o escritório estava vazio. O sol irradiava pela janela, e nós duas estávamos no mesmo sofá, sentadas sobre as pernas, como na manhã seguinte a uma festa do pijama.

— Acho que não. Pareceu uma coisa meio forçada. Não que os sentimentos dele não sejam verdadeiros, mas foi como se ele tivesse orquestrado um momento para me obrigar a ouvir.

Apoiei a cabeça na mão enquanto repetia as palavras dele mentalmente.

— E depois me senti culpada. Ele falou do pai e disse que eu me daria muito bem com os Wesley e... foi tudo um pouco estranho.

Com a outra mão, comecei a cutucar a barra da saia, como se meus dedos pudessem me ajudar a desfazer os nós na minha cabeça.

— Acho que o estranho — comecei a pensar em voz alta — foi ele dizer que sente isso desde a noite da briga na cozinha. Mas não tivemos muito contato desde então, não em particular, pelo menos. E aí me aparece essa atração crescente, profunda, séria por mim... De onde vem isso?

Neena inclinou a cabeça.

— É como se ele tivesse se apaixonado pela pessoa que pensa que você é, não

por quem você é de verdade.

Respirei fundo, aliviada.

— É isso — concordei. — É exatamente essa a sensação.

— Então você vai mandar Fox para casa?

Neguei com a cabeça.

— Não. Prometi a Hale que ele seria o próximo. Ele está pronto, e não quero frustrá-lo, não depois de tudo que fez por mim.

— Bom dia, Majestade. Oi, Neena — a srta. Brice cumprimentou ao entrar com um muffin na mão. — Majestade, trouxe uns documentos do seu irmão para você avaliar. Parece que a França quer renegociar o acordo de comércio. Acho que vai ser um dos mais fáceis em anos.

— Oun, que mãozinha na roda esse Ahren! — exclamei, embora tivesse certeza de que aquilo era coisa de Camille, ainda que a presença dele tivesse ajudado.

— Ele com certeza é. Também trouxe três contratos com a Nova Ásia para serem analisados; estão em cima da sua mesa. E o produtor do *Jornal* gostaria de gravar uma entrevista com você à tarde, algo sobre a moda da estação, não sei.

— Ah, então mais um dia fácil e tranquilo? — brinquei.

— Como sempre!

— Srta. Brice, você ajudava meu pai tanto assim?

Ela riu.

— Só por um tempo. Depois que você cresceu, ele quis que você assumisse um papel maior. E assim que se sentir mais segura no cargo, saio de cena feliz, ou talvez me aposente.

Dei um pulo do sofá e a agarrei pelos ombros.

— Não. Nunca. Você vai viver e morrer neste escritório.

— Como quiser, minha rainha.

— Majestade! Majestade! — alguém berrou.

— Josie? — perguntei, observando quando ela entrou esbaforida. — O que foi?

— Eu estava vendo tv. Marid — ela começou a contar ofegante.

— O que tem ele?



Ela engoliu em seco antes de responder:

— Foi visto comprando anéis de noivado. Está em todos os noticiários.

Todos os conselheiros surgiram na sala de estar enquanto assistíamos ao desenrolar das coisas. Muito rápido, aquele monte de gente a quem eu não confiava meus segredos ficou a par das maquinações de Marid e de como ele estava perto da coroa.

— Ele tem a postura de um rei, não tem? — uma das âncoras disse.

— Claro que tem! É descendente de um! — respondeu o colega de bancada.

— Sério, não ia ser romântico?

— Seria. Ah, seria mesmo, mas ela está no meio da Seleção.

A âncora apenas fez um gesto de desprezo.

— Quem se importa? Ela pode dispensar todos. Nenhum deles tem o charme de Marid Illéa, nem de longe.

Mudei de canal.

— Segundo o joalheiro, o sr. Illéa procurava peças bem caras, que seriam adequadas somente para pedir a mão da rainha. Trata-se de mais um fato improvável numa série de acontecimentos inéditos em torno da família real. Primeiro, uma Seleção conduzida por uma princesa em vez de um príncipe. Depois, uma jovem sobe ao trono bem antes de estar completamente preparada ou de o pai ter falecido. E agora temos um pretendente externo tentando roubar o coração da rainha antes que um dos rapazes da Elite tenha chance. É absolutamente fascinante.

Mudei de canal de novo.

— A Kathy aqui foi quem atendeu o sr. Illéa. Você pode nos contar o que viu?

— Bom, no começo ele estava um pouco tímido, como se não quisesse admitir por que tinha vindo. Mas depois de uns quinze minutos de conversa, ficou bem óbvio o que ele procurava.

— E ele demonstrou interesse por alguma coisa em particular?

— Ele me fez pegar pelo menos uns dez anéis diferentes, e quando percebeu que nenhum deles era bem o que queria, falei que podíamos criar uma joia

exclusiva, e ele ficou radiante. Espero que volte em breve.

— Então você escolheria Marid no lugar de, por exemplo, Hale ou Kile?

— Ai, nossa! Não dá para dizer. Só sei que a rainha Eadlyn é uma mulher sortuda por ter tantos pretendentes a seu dispor.

Eu não conseguia mais aguentar. Desliguei a TV e caí no sofá, bufando.

— Eu devia ter imaginado — disse. — O silêncio parecia uma decisão inteligente, mas agora Marid amplificou o problema.

O sr. Rasmus grunhiu.

— Precisamos de um plano.

— Temos um plano — disparei. — Existe algo que possamos fazer de verdade a não ser apressar meu casamento?

O general Leger, de pé, escorado contra uma estante de livros, ainda olhava para a tela desligada.

— Podemos matá-lo.

Soltei um suspiro.

— Eu realmente não queria que minha solução padrão para os problemas fosse essa.

O sr. Andrews também estava zangado, mas pelos motivos errados.

— Você não devia ter provocado.

— Mas eu não fiz nada! — rebati.

— Você o ignorou de propósito.

— Não começa, Andrews. — A srta. Brice andava em círculos atrás do sofá, furiosa. — Ao olhar na direção dela, flagrei Josie de pé num dos cantos da sala. Devia ter perdido a chance de escapar e acabara presa, com medo da gritaria e de toda a raiva que a cercava. — Temos que calar a boca dele de uma vez por todas.

— A única maneira é Eadlyn escolher um noivo logo — afirmou o conselheiro Andrews.

— Sim, temos consciência disso — concordou a srta. Brice, com a voz cansada. — Mas não devemos apressar a rainha. Como ela vai ter a menor chance de ter um casamento feliz casando forçada?

— Ela tem o dever de ter um casamento feliz!

— Dever? Ela é uma pessoa — a srta. Brice argumentou. — Ela já concordou

com isso, não há motivo para...

— Ela nunca foi apenas uma pessoa! — Andrews recordou a ela. — Ela é, desde o instante em que nasceu, um patrimônio do país, e precisamos...

O general Leger deu dois passos na direção de Andrews.

— Repita. Não tenho medo de dar a *minha* solução padrão.

— Você está me ameaçando, seu soldadinho...?

— Parem — murmurei. E foi impressionante. Com a mais silenciosa das ordens, a sala inteira congelou.

Eu sabia que cedo ou tarde esse momento chegaria. Eu precisava aceitar os fatos. Marid tinha acabado de demonstrar sua influência, e eu precisava derrotá-lo. Não conseguia parar de me preocupar, pensando que talvez nem um casamento seria suficiente para trazer as pessoas para o meu lado, mas era a única alternativa que me restava.

— Conselheira Brice, você poderia, por favor, levar Fox ao escritório? É hora de nos despedirmos.

— Certeza, Majestade? Quando restarem só três...

— Não vão restar apenas três — interrompi, engolindo em seco. — Por favor, chame Hale logo depois. Vou fazer a escolha final hoje à noite, e amanhã faremos uma transmissão ao vivo em vez do *Jornal Oficial*. Sem dúvida, depois da semana que tivemos, todo mundo vai assistir.

— Certamente, Majestade.

— Aí está, sr. Andrews. Você teve a reação que queria. O palácio fará o anúncio oficial do meu noivado amanhã à tarde.

— Tem certeza que deveríamos esperar tudo isso? Se Marid...

— Se Marid vier com outro truque idiota, vai vê-lo se desfazer em menos de vinte e quatro horas. É suficiente para mim, senhor, então certamente será bom para você.

Me levantei. Estava decidido.

Eu tinha certeza de que alguma coisa me entregaria; estava convencida de que todos na sala me veriam sem ar em algum momento, sufocando na frente de todos. Fiquei imaginando Eikko fazendo as malas, pronto para desaparecer da minha vida para sempre. Era um novo tipo de dor naquele meu infeliz coração.



TODOS PARTIRAM APRESSADOS PARA O ALMOÇO, mas eu continuei na sala de estar, querendo ficar sozinha. Na verdade, eu queria Eikko, mas não havia como chamá-lo sem levantar suspeitas. Cerrando os dentes, liguei a tv de novo. Tirei o som e apenas observei as imagens de Marid passarem na tela.

Talvez o povo tivesse razão. Talvez eu devesse renunciar. Treinar Kaden para a coroa poderia salvar tudo. Seria humilhante abdicar depois de menos de uma semana, mas ao menos evitaria a desgraça do resto da família.

— Majestade? — Josie se aproximou devagar. — Quer alguma coisa? Comida? Café?

— Não, Josie. Perdi o apetite.

— Não te culpo por isso — ela disse com um sorriso desanimado.

— Queria te agradecer por ter vindo me avisar hoje. Sei que não parece muita coisa, mas aqueles cinco minutos a mais me ajudaram a me preparar. Teria sido mil vezes pior se Andrews tivesse descoberto primeiro.

Josie arregalou os olhos.

— Ele é péssimo. Eles berram assim o tempo todo?

Confirmei.

— A srta. Brice e o general Leger não, mas os outros agiam assim com meu pai também. Parece que a única maneira de demonstrarem convicção a respeito das próprias ideias é gritar.

Ficamos em silêncio por um minuto, observando o belo rosto de Marid na tela.

Ele com certeza tinha dado seu recado.

— Eu sinto muito, Eadlyn — Josie murmurou, o que me fez voltar a atenção para ela. — Por tudo, por como eu era, pelo que você está passando agora.

— Você não fazia ideia, fazia? — perguntei amigavelmente.

Envergonhada, ela fez que não com a cabeça.

— Pensei que todo mundo trabalhava para você e você só dizia sim ou não.

— Que tudo eram festas e dinheiro e poder?

— É — ela concordou, quase com uma risada. — Não acredito que passei a vida inteira querendo ser princesa só para concluir que não teria a menor condição.

Ela se ajeitou no sofá e, por fim, perguntei em voz alta o que eu tinha quase certeza desde o início:

— Foi por isso que você inscreveu Kile? Só para ser princesa?

Ela corou intensamente.

— Não achava que ele seria sorteado. E se fosse, achava que não havia chance de você escolhê-lo. Quando vi o beijo de vocês na primeira página dos jornais, fiquei muito empolgada. Comecei a desenhar tiaras nos meus cadernos.

— E agora?

— Ainda quero ter a minha própria tiara, mas sei que ainda não fiz por merecer. — Ela abriu um sorriso devagar. — E tenho consciência de que, mesmo que ele ganhe, eu não seria exatamente uma princesa, mas já seria muita coisa. Vejo a sua tia May, toda glamorosa, viajando pelo mundo e conhecendo tanta gente, como se fosse uma modelo de passarela.

— Eu entendo o seu fascínio — concordei. — Os irmãos da minha mãe de fato se deram melhor do que ela em certo sentido.

Enquanto pensava nos meus tios, uma ideia maravilhosa me ocorreu, e fiquei empolgada ao descobrir que pelo menos uma coisa boa poderia acontecer naquele dia.

— É, parece divertido — Josie concordou enquanto brincava com a barra do vestido. — Mas eu estava obcecada demais. Sinto muito por ter dado tanto trabalho.

— Também sinto. Foi difícil crescer ao lado de alguém que queria ser igual a

mim, só que sem a parte difícil.

— E para mim foi difícil crescer à sua sombra. — Ela parecia triste e insegura agora.

— Sabe, Josie, nunca é tarde demais para começar a gostar de outra coisa. Eu posso te apoiar, te ajudar a descobrir o caminho certo. Desde que esse caminho seja longe das minhas tiaras.

Ela deu risada.

— Não faço ideia de por onde começar.

— Bom, nos últimos dias você mostrou o quanto pode ser prestativa. E se incluíssemos você na folha de pagamento, como estagiária administrativa? Não importa o que você vai querer fazer mais para a frente: vai precisar do seu próprio dinheiro para conseguir.

— Sério? — ela perguntou, pasma.

— Sério.

Josie deu um salto e se atirou para me abraçar. Pela primeira vez, não liguei que ela estivesse tão perto.

— Obrigada.

— De nada. Tenho que fazer o melhor possível enquanto estiver aqui.

Ela deu um passo para trás.

— Juro que jamais vou te perdoar se você renunciar.

Não tinha sido minha intenção revelar tanto com aquela frase.

— Sei que isso pode não significar muito — ela continuou. — Mas não renuncie. Você não pode.

Fiz que não com a cabeça.

— Não vou. Prometo. Por mais tentador que seja, sou orgulhosa demais para isso.

Querido tio Gerad,

Fazia tempo que estava devendo esta carta. Como você está? Como está o trabalho? Como...

O.k., preciso de um favor. O namorado da minha dama de

companhia também é um cientista talentoso. Não sei direito se a área dele é próxima da sua, mas acho que você deve ter pelo menos um contato capaz de lhe arrumar um emprego em Angeles. Seria maravilhoso para ela ter o namorado por perto e seria maravilhoso para mim vê-la mais feliz. Você acha que consegue ajudar?

Apenas um lembrete: sou a sua rainha.

Muito obrigada! Te amo muito! Venha nos visitar logo!

Eadlyn



FOX COMPREENDEU O QUE O CHAMADO ao meu escritório significava. Por isso preferiu não aparecer e se despediu através de Neena, que providenciou um hotel para ele ficar até pegar o voo para Clermont na manhã seguinte.

Me senti muito baixa, sorrateira até, como se tivesse me livrado dessa fácil demais. Tinha me preparado para uma batalha. E foi uma retirada.

Mas Hale entrou pela porta cheio de sorrisos, vestido impecavelmente e pronto para partir como um cavaleiro. Atravessou o escritório de braços abertos, e me joguei neles com tanta força que o fiz perder o equilíbrio.

— Vou sentir tanta saudade sua — ele cochichou no meu ouvido.

— Eu também. Mas você sabe como falar comigo se precisar, certo?

Ele fez que sim.

— Neena passou a informação junto com os detalhes do meu voo.

— Que bom, porque provavelmente vou precisar falar com você logo.

— Ah é? — Ele deu um passo atrás para ajeitar o paletó.

— Claro. *Alguém* vai ter que fazer meu vestido de casamento.

Hale ficou imóvel. O sorriso desapareceu do seu rosto na hora, como se pensasse se tratar de alguma piada de mau gosto.

— Eadlyn... É sério?

Eu o segurei nos ombros.

— Você me protegeu quando as pessoas jogaram comida em mim. Ofereceu a sua amizade antes de eu estar disposta a aceitar. Mesmo agora, me protege bem



mais do que eu mereço. O mínimo que posso fazer é ser sua primeira cliente. Vou assistir sua carreira decolar com muito interesse, senhor.

Os olhos dele brilhavam, cheios de lágrimas, mas ele conseguiu manter a compostura.

— Estou com um pouco de medo de ir embora — confessou. — Tanta coisa vai mudar quando eu estiver do lado de fora destas paredes.

Fiz que sim com a cabeça.

— Mas isso não quer dizer que todas as mudanças serão ruins.

Ele riu.

— Desde quando você é otimista?

— Ah, isso vai e volta.

— Como quase tudo — Hale comentou, suspirando.

— Como quase tudo — concordei. Dei um último abraço nele. — Que você faça um bom voo e comece a desenhar meu vestido assim que chegar em casa.

— Você está de brincadeira? Vou começar no carro já!

Ele me deu um beijo na bochecha e piscou para mim.

— Tchau, Eadlyn.

— Tchau.

Com Hale fora, tudo ficou mais concentrado e intenso. Era o fim. Restavam dois pretendentes e uma alma gêmea de olhos azuis. Eu não sabia direito com quem falaria primeiro. Depois de pensar um pouco, cheguei à conclusão de que Eikko sabia o que estava por vir. Meu anúncio não o pegaria de surpresa. Mas pegaria Henri, e eu suspeitava que ele não aceitaria bem. Pensei em falar primeiro com Kile, o que me daria bastante tempo para conversar calmamente com Henri, por intermédio doloroso daquele seu intérprete maravilhoso.

Trêmula, bati à porta de Kile. Não tinha preparado um discurso ou coisa assim. E embora presumisse que ele diria “sim”, na verdade não fazia ideia. E se, de repente, ele decidisse que eu não valia todo o esforço?

O mordomo atendeu a porta e fez uma reverência.

— Majestade.

— Gostaria de falar com o sr. Kile, por favor.

— Sinto muito, Majestade, mas ele não está aqui. Comentou que ia buscar algo

em seu antigo quarto.

— Ah. Tudo bem, eu sei onde é. Obrigada.

Subi para o terceiro andar pelo mesmo caminho que havia tomado na noite em que ele concordou em me beijar no corredor. Que volta estranha nossas vidas tinham dado.

A porta estava entreaberta, e dava para ver Kile trabalhando num canto do cômodo. Tinha jogado o paletó e a gravata na cama para lixar um pedacinho de madeira, que aparentemente preparava para prender numa estrutura ao lado.

— Posso entrar?

Ele levantou a cabeça com tudo e umas mechas de cabelo caíram sobre o rosto. Já estavam ficando longas de novo, mas não eram tão feias quanto eu lembrava.

— Oi — ele disse, batendo as mãos para tirar o pó antes de me cumprimentar.

— Eu estava torcendo para te ver hoje.

— Ah é?

Ele passou o braço pela minha cintura e me levou para o fundo do quarto.

— Eu estava vendo TV hoje cedo — ele disse —, e não paravam de falar sobre Marid.

Fiz cara de tédio.

— Eu sei. Ele virou um belo problema agora.

Ele limpou o pó de cima de uma cadeira e sentei de frente para ele e para todas as suas pequenas criações. Croquis detalhados em tinta azul e preta, pilhas de livros com papéis no meio e maquetes de edifícios espalhados por toda a parte como se formassem uma cidadezinha. Ele tinha construído um mundo novo ali.

— Ele pode mesmo pedir a sua mão? — Kile perguntou nervoso, como se temesse que Marid quisesse ficar comigo e não com o país.

— Ele pode, acho, mas não vou aceitar. — Suspirei. — Acontece que Marid não é o aliado que eu pensava. Ele ameaçou virar a opinião pública contra mim, e no começo eu não acreditava muito que seria capaz. Mas o modo como virou notícia na casa de todo mundo hoje... foi brilhante, na verdade. Como disse a srta. Brice, foi uma invasão instantânea, sem batalha.

— Invasão? Como assim? De repente ele começou a cobiçar a coroa?

Corri os dedos pelos desenhos de Kile, pensativa.

— Não acho que foi de repente. Acho que ele e a família estão esperando há tempos para fazer isso. A rainha jovem e inepta foi a oportunidade perfeita. Agora ele quer ser meu marido e usar meu nome para fazer seus planos acontecerem. Minha única esperança é ficar noiva antes de ele me pedir em casamento, porque com certeza a imprensa vai me comer viva se eu recusar.

— Então vamos lá.

— Lá onde?

— Vamos nos casar. Eadlyn, eu me casaria com você hoje mesmo. Ele não tem como sobreviver à força de nós dois juntos, mais as nossas famílias. O povo torce por nós desde o começo. Case comigo, Eadlyn.

Olhei bem para o rosto meigo e preocupado de Kile Woodwork e por um minuto pensei que seria mesmo capaz de casar com ele. Tinha dito a mim mesma que tudo seria fácil, atravessar o corredor da igreja e encontrá-lo ao pé do altar. Ele sempre me fazia rir. E depois de dois meses ao seu lado, eu sabia, sem sombra de dúvida, que ele me apoiaria até o fim da vida.

— Preciso confessar que entrei aqui agora exatamente para fazer esse pedido. Mas... não consigo.

— Por quê? Porque eu não me ajoelhei? — ele perguntou e caiu de joelhos na mesma hora, tomando minhas mãos. — Espera, é porque é você que tem que pedir?

Me ajoelhei também.

— Não. Não é nada disso.

Sua expressão murchou.

— Você não me ama.

Fiz que não com a cabeça e ri.

— Não, também não é isso. Na verdade, talvez eu te ame um pouco demais. Talvez não seja um amor muito romântico, mas com certeza te amo.

— Então por quê?

— Por causa disso — eu disse, gesticulando para todo o trabalho ao meu redor. — Kile, eu jamais serei capaz de expressar o quanto significa para mim a sua disposição de passar o resto da vida comigo só para me salvar de uma pessoa horrível. Com toda a minha chatice, isso é um milagre.

Ele riu baixo, sem soltar as minhas mãos.

— Mas tudo o que você sempre quis foi escapar destas paredes. Tudo o que você quer é construir. E eu acho isso incrível. Tem tanta gente no mundo que só quer destruir. Não é maravilhoso você desejar o contrário?

— Mas eu abriria mão. Não me importo.

— Mas *eu* me importo. Me importo muito. E, mais para a frente, quando essa fase assustadora da minha vida acabasse, você também ia se importar. Morreria pouco a pouco por dentro. Começaria a me culpar — expliquei, com os olhos marejando. — Não posso viver num mundo em que você não gosta de mim.

— Eu vou ficar, Eady. Estou te dizendo: eu quero.

— Não posso aceitar.

— Pode. Você acabou de dizer que precisava ficar noiva. Quem melhor do que eu?

As lágrimas rolaram quentes pelo meu rosto.

— Por favor, não me faça transferir esse peso para você.

— Você não pode me obrigar a desistir, Eadlyn.

Arranquei as mãos das dele e levantei com um salto. Sequei o rosto, baixei o olhar para Kile, meu amigo doce e disposto a se sacrificar, e me endireitei.

— Kile Woodwork, a partir deste momento você está banido do palácio pelo período de um ano.

— O quê?

Ele levantou e cerrou os punhos.

— Em compensação pela perda do seu lar e pelos serviços prestados à família real, você terá direito a um apartamento em Bonita que será integralmente mantido pela Coroa.

— Bonita? Isso é do outro lado do país!

— Além disso, você receberá verbas e material para dar início a um projeto habitacional para os desabrigados da capital da província.

Kile suavizou a expressão.

— O quê?

— Caso julgue que a verba ou o material sejam insuficientes, pode escrever para o palácio para solicitar mais e vou atender seu pedido o mais rápido

possível.

— Eadlyn...

— Você sempre será da minha família, Kile, mas não como marido. Não posso fazer isso com você.

Ele então falou com a voz suave:

— Mas *alguém* vai ser seu marido. Você precisa de um agora.

— Henri. Fox partiu há algumas horas, e Hale acabou de entrar no carro.

Kile ficou boquiaberto.

— Então é mesmo o fim, não é?

— E eu estava totalmente pronta para ficar com você pelo resto da vida. Em certo sentido, acho que ainda seria capaz. Mas odiaria a mim mesma por prender você aqui. Seria cruel.

— E Henri? Você vai ser feliz com ele?

Engoli em seco.

— Bom, ele idolatra até o chão que eu piso.

Kile fez que sim com a cabeça, cedendo um pouco.

— Imagino que há coisas bem piores do que a devoção absoluta.

Abri um sorriso.

— Obrigada. Foi você que manteve a minha sanidade mental durante boa parte da Seleção, mas não posso te privar da sua paixão.

Ele acenou com a cabeça.

— Compreendo.

Fui até ele, que me envolveu num abraço apertado a ponto de doer.

Quando finalmente falou, sua voz estava tensa:

— Se houver qualquer coisa que eu possa fazer por você, é só falar.

Deixei minhas lágrimas molharem a camisa dele.

— Pode deixar. E farei qualquer coisa que você pedir.

— Menos se casar comigo.

Me afastei, feliz por vê-lo sorrir.

— Menos me casar com você.

Soltei-o e juntei as mãos antes de continuar:

— Vou fazer o anúncio oficial amanhã. Você precisa ficar até lá para que a

imprensa não perceba o que está acontecendo. Depois disso, não quero ver sua cara por um ano. Combinado, Woodwork?

— Vou poder vir para o casamento, certo?

— Sim, claro, para o casamento.

— E para o Natal?

— Óbvio.

Ele pensou um pouco.

— E o seu aniversário?

— Bom, Ahren disse que vai vir, então é provável que seja uma festa espetacular.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. Um ano exceto por esses três dias.

— Perfeito. No resto do tempo, só faça aquilo para que nasceu — eu disse, dando de ombros, como se toda a situação não fosse nada.

Ele balançou a cabeça.

— Vou construir. Vou construir de verdade.

— E mudar a vida das pessoas com as suas construções.

— Obrigado, Majestade.

— De nada.

Dei um beijo na bochecha dele e corri porta afora antes que mudasse de ideia.

— Vejo você no estúdio amanhã — avisei. — Mando os detalhes quando tiver.

No corredor, levei a mão à barriga e respirei fundo. A escolha estava feita. Então por que de repente me sentia fora do controle?

Me apressei de volta para o escritório, feliz em encontrar todos em ação, cuidando para que o evento do dia seguinte saísse com toda a suavidade possível. Todos menos eu, aparentemente.

— Srta. Brice, poderia, por favor, chamar Erik para mim? Preciso conversar com ele sobre os detalhes de amanhã.

— É para já.



EU ANDAVA EM CÍRCULOS PELA SALETA ANEXA ao meu escritório enquanto o esperava. O nó na minha garganta crescia a cada segundo e ameaçava bloquear tudo que eu tinha a dizer.

— Majestade? — ele disse baixinho, e embora estivéssemos rodeados de pessoas indo para lá e para cá, Eikko não hesitou em sorrir para mim como se eu fosse o sol e as estrelas para ele.

— Preciso conversar com você sobre amanhã. Pode fechar as portas, por favor? — tentei manter a voz firme, mas a expressão dele revelava que sabia que eu estava escondendo alguma coisa. E isso só dificultou a tentativa de diminuir a importância daquele encontro.

— Você está bem? — ele sussurrou, embora estivéssemos a sós.

Respirei fundo, tentando manter a calma.

— Não muito.

— De acordo com o noticiário, você tem um pretendente inesperado.

Confirmei com a cabeça.

— Há quanto tempo isso é um problema?

— Há mais tempo do que eu suspeitava.

— Imagino que seja mais uma fonte de estresse.

— É muito mais do que isso. — Engoli em seco. — Por causa desse problema sou obrigada a anunciar meu noivado amanhã.

— Ah — foi a reação dele; uma palavra minúscula que continha uma

infinidade de choque.

— E como Kile tem outros objetivos na vida que não sou capaz de ignorar, vou pedir Henri em casamento hoje.

Ao ouvir isso, Eikko não conseguiu dizer uma só palavra.

Busquei a mão dele, que a estendeu para mim. Ele nem parecia zangado, o que teria sido compreensível, já que eu tinha voltado atrás em praticamente todas as promessas que fizera. Ele estava pura e simplesmente triste. Um sentimento com o qual eu me identificava demais.

— Tenho certeza de que você compreende que vou ter que ir embora depois de amanhã — ele disse baixo.

— Vou pedir para Neena achar outro intérprete. Ninguém vai te obrigar a encontrar seu próprio substituto. — Perdi o fôlego e comecei a chorar. — Pretendo me encontrar com Henri daqui a uma hora. Será que você, por favor, poderia não estar presente?

Ele fez que sim.

— Se você me pedisse para estar junto, essa talvez seria a primeira vez que eu te diria não.

Permanecemos ali, em silêncio, de mãos dadas. Talvez se não nos movêssemos, nada mudaria.

— Eu tinha me preparado — ele disse. — Tinha consciência de que ia acontecer, mas ainda assim...

A dor de estar ali, de ver os lábios de Eikko tremerem, era demais.

Me joguei nos braços dele.

— Eikko, quero que você escute. Pelo menos uma vez, quero que saiba sem sombra de dúvida. Eu te amo. E se fosse livre, se fosse dona de mim mesma, fugiria agora com você. Mas Marid aproveitaria minha ausência para assumir o trono e o meu povo. — Balancei a cabeça só de pensar. — Não posso...

Ele tomou meu rosto nas mãos e me fez olhar bem fundo em seus olhos. Embora cheios de lágrimas, continuavam lindos e claros como sempre:

— É um privilégio vir logo depois do seu povo. E que rainha você se tornou, incapaz de ser separada dele.

Puxei-o para mim e o beijei como se nossas vidas dependessem daquilo.



Talvez não tenha sido o mais belo dos beijos — narizes escorrendo, rímel na minha bochecha —, mas era quase uma síntese de todos os que jamais poderíamos dar dali em diante.

Kile tinha razão. Eram os últimos beijos que importavam.

Recuei e sequei o rosto. Queria muito agir como uma dama naquele momento. Olhei para baixo, para o anel da tataravó dele, e o tirei do dedo.

— Não seja boba.

— É uma herança de família, Eikko.

Ele enlaçou a mão na minha.

— Quando te dei, não tinha a menor intenção de pedir de volta. Eu não conseguiria dar para mais ninguém.

Abri um sorriso triste e pus a joia de volta.

— Se é assim... — Tirei o anel de sinete.

— Eadlyn, esse é o anel da realeza.

— E você teria sido um príncipe excelente. E terá uma prova disso para o resto da vida.

Olhamos fixamente os anéis. Não estavam na mão esquerda, mas o mais próximo disso que seria possível. Uma parte do meu coração seria sempre dele.

— Preciso ir — ele disse afinal. — Ele deve estar no quarto.

Fiz que sim com a cabeça.

Ele me deu um beijo suave na bochecha e sussurrou no meu ouvido:

— Eu te amo. Desejo que você tenha uma vida linda.

Em seguida, como se não pudesse aguentar mais um segundo sequer, saiu pelo escritório e fechou a porta da saleta.

Me sentei, agarrando os braços do sofá. Estava enjoada. Como que prestes a desmaiar. Ou vomitar. Corri pela porta que dava direto para o corredor e disparei para o quarto o mais rápido que pude.

— Majestade? — Eloise perguntou quando passei reto por ela, entrei no banheiro e comecei a por para fora tudo que tinha comido naquele dia.

Entre uma e outra onda de enjoo, eu gemia, furiosa e arrasada e simplesmente exausta.

— Bote tudo para fora — Eloise murmurou, trazendo um pano úmido. — Eu

cuido disso.

Ela se ajoelhou atrás de mim e abraçou minha barriga. A pressão me acalmou de uma maneira surpreendente.

— Sou incapaz de imaginar o que é estar na sua pele. Todo mundo tem uma opinião, todo mundo pede alguma coisa. Mas quando estiver aqui, pode gritar e chorar o quanto quiser, o.k.? Vamos superar isso.

Soluçando, me ajeitei no peito dela, que não disse uma palavra sequer. Apenas me abraçou enquanto eu deixava tudo aquilo se esvaír de dentro de mim.

— Obrigada — eu disse quando minha respiração desacelerou.

— Não há de quê. A senhorita precisa voltar ao trabalho?

— Tenho que pedir Henri em casamento.

Se ela ficou surpresa, não demonstrou.

— Vamos começar pelo começo e lavar seu rosto.

Com isso, dei início ao lento processo de me preparar para o primeiro passo do resto da minha vida.



ELOISE ME AJUDOU A ME RECOMPOR, e eu não estava nada menos do que magnífica quando parti para o quarto de Henri. Assim como tinha feito quando pensei que ficaria com Kile, lembrei a mim mesma que aquela não era uma má escolha. Henri seria um marido dedicado e gentil e, embora nossa comunicação fosse incomum, isso seria temporário e não significaria que nossa vida juntos seria infeliz.

O mordomo abriu a porta do quarto e gentilmente me convidou a entrar. Henri estava à mesa, com livros abertos e um bule de chá ao lado. Ao me ver, levantou e fez uma reverência animada.

— Olá hoje!

Eu ri e me aproximei, com a caixa comprida de madeira nos braços.

— Olá, Henri.

Deixei a caixa sobre a mesa e dei um abraço nele, que ficou radiante com a minha demonstração de afeto.

— O que é isso tudo?

Passei a mão nos livros e examinei as páginas. Claro que, mesmo sem ajuda, ele estava estudando inglês. Ele levantou um caderno e apontou para um texto.

— Escrever para você. Vou ler, sim?

— Ah, sim, por favor.

— O.k., o.k. — Ele respirou fundo e abriu um sorriso enquanto segurava o caderno. — “Querida Eadlyn. Eu sei que não consigo dizendo, mas estou

pensando em você cada dias. Meus palavras ainda não são bons, mas meu coração” — nesse momento ele tocou o próprio peito — “sente o que não consigo dizer. Mesmo em finlandês, eu ia dizer ruim.”

Ele riu de si mesmo e deu de ombros, o que me fez sorrir.

— “Você ter beleza, talento, inteligente e é legal. Espero mostrar como penso bem em você. Também mais beijos.”

Não consegui segurar o riso, e ele ficou tão feliz de me ver de bom humor que parecia a ponto de explodir.

— Ainda trabalhando — ele disse, devolvendo o caderno à mesa. — Hum, chamar Erik?

— Não — eu disse. — Só você.

Ele pareceu nervoso com a perspectiva de ter que se comunicar comigo por conta própria. Mas, na verdade, nunca tínhamos nos entendido tão bem. Ele acenou com a cabeça e esfregou as mãos para extravasar um pouco o nervosismo.

— Henri, você gosta de mim, não é?

Ele fez que sim.

— É. Gosto você.

— Também gosto de você.

Ele sorriu.

— Bom!

De novo, me peguei rindo. *Viu, Eadlyn, isso vai dar certo.*

— Henri... Henri, você quer se casar comigo?

Ele apertou os olhos por um instante, confuso, e depois os arregalou, surpreso.

— Eu casar com você?

— Sim, só se você quiser.

Ele deu um passo para trás, sorridente como sempre, mas havia algo na sua expressão que eu não conseguia identificar. Descrença? Dúvida? Depois de uma fração de segundo, o que quer que fosse desapareceu.

— Espera, espera — ele pediu antes de cair de joelhos e tomar minhas mãos.

— Você quer casar comigo?

— Sim.

Ele riu e começou a beijar minhas mãos repetidas vezes, até que parou e as observou fixamente, como se não conseguisse acreditar que ia poder segurá-las até o fim da vida.

— Venha cá — chamei, fazendo Henri levantar.

Ele me abraçou forte. E por mais adorável que fosse a situação, precisei me segurar para não chorar de novo.

— Você precisa me dar um anel. — Eu abri a caixa que estava sobre a mesa e Henri suspirou alto.

Sobre um forro de veludo azul estavam vinte e cinco alianças diferentes, de cores e tamanhos variados, mas todas dignas de uma rainha.

Henri os contemplou por um segundo antes de se voltar para mim.

— Eu escolhe para você?

— Sim.

Ele fez uma careta, um pouco transtornado pela quantidade de opções. Henri correu os dedos sobre combinações oníricas de granada e ametista e se deteve sobre diamantes tão amplos e lisos que daria para patinar sobre eles. Foi quando encontrou uma pérola grande engastada num anel de ouro rosado e envolta por uma fileira de diamantes. Ele pegou, olhou bem de perto e acenou com a cabeça.

— Para você.

Estendi a mão e ele deslizou o anel gigante e maravilhoso pelo meu dedo.

— Bom, bom? — ele perguntou.

Eu teria que me contentar com aquilo. Nada perfeito. Nada feliz. Mas bom. E, considerando todos os erros que tinha cometido pelo caminho, deveria mesmo ser o bastante.

Abri um sorriso.

— Bom, bom.

— Deixaram um pacote para a senhorita — Eloise avisou.

Olhei para o embrulho, sem saber ao certo o que era, já que não estava esperando nada. Pus a caixa de anéis ao lado dele e mostrei minha mão para ela.

— O que acha? — perguntei.

Eloise arregalou os olhos.

— Nunca vi nada parecido.

— Bom, fizeram vinte e cinco anéis de noivado diferentes. Um pouco exagerado, mas fiquei feliz por este estar na caixa. Um dos meus favoritos, sem dúvida.

— Ficou lindo na senhorita, Majestade — Eloise elogiou com um sorriso. — Precisa de mais alguma coisa ou prefere ficar sozinha?

— Acho que prefiro ficar sozinha por enquanto.

— Perfeito. Chame quando quiser jantar e venho na hora.

Concordei, e ela desapareceu porta afora, o vestido esbarrando no batente.

Eu jamais deveria ter duvidado de Neena.

Segurei forte o encosto da cadeira, na tentativa de processar uma coisa de cada vez. Eu tinha quase perdido muita coisa, mas precisava me lembrar do quanto ganhara. Eu era a rainha e estava noiva. Finalmente tinha aprendido a enxergar de verdade outras pessoas e o que significava deixar que outras pessoas me enxergassem da mesma maneira. Ainda tinha muito para conquistar, muitas coisas que queria fazer pela minha família e pelo meu povo. Tinha a esperança de finalmente estar numa posição em que poderia fazer tudo isso.

Com um suspiro, abri a caixa diante de mim. Tirei a tampa e meu queixo caiu.

Ali dentro vi a minha família numa linda foto do dia da coroação. Osten fazia uma cara de quem planejava alguma travessura, como sempre, e Ahren estava muito bonito. Kaden só precisava de uma espada na mão para ser a imagem perfeita de um príncipe galante. Passei para a fotografia seguinte, e lá estávamos nós de novo, numa pose um pouco diferente. Revirei a caixa, contemplando cada foto, radiante de felicidade. A srta. Brice me apertando num abraço, Kile rindo e me segurando nos braços, e os Leger com uma mão em cada um dos meus ombros, como se eu realmente fosse filha deles.

Aqueles momentos pareciam tão distantes. Era quase como se eu visse outra garota naquelas fotos. Um pouco de tempo e esperança bastavam para mudar uma pessoa.

Quando chegaram as fotos com Eikko, percebi o contraste gritante entre elas e todas as outras. Eu tinha tirado o manto, ele estava de colete, e notei que,

inconscientemente, tínhamos posado como dois apaixonados. Eu estava com a mão sobre seu peito, e ele me segurava pela cintura. Além disso, minha cabeça pendia de leve na direção dele, como se seu coração fosse um ímã.

Fiquei observando minha foto favorita por um tempo longuíssimo, achando maravilhoso que o fotógrafo tivesse conseguido capturar a luz dos olhos de Eikko. Poucas horas depois de posarmos juntos, eu olharia fundo naqueles olhos, seria segurada por aqueles braços. Não era incrível o simples fato de eu ter aquela foto? Se não fosse pelos outros, ele talvez nem tivesse chegado perto de mim e sussurrado finlandês no meu ouvido. Tentei me convencer de que eu já tinha muita sorte só de tê-lo conhecido. Se tivesse recusado a ideia dos meus pais, se Henri não tivesse tido a coragem de se inscrever, se eu tivesse mexido a mão dois centímetros para o lado no exato momento em que puxei o envelope...

Peguei a foto e fui até a gaveta em que escondia meus tesouros. Sorri ao ver minha pequena coleção e me lembrar dos últimos dois meses com gratidão.

A camisa que Henri transformou em avental. A gravata horrenda de Kile que impedia a paz mundial. O alfinete de Hale cravado num pedaço de tecido como lembrete para que eu segurasse as pontas. Os vergonhosos homens-palito desenhados por Fox. O poema de Gunner que eu nem precisava ter em papel, já que não conseguiria esquecer mesmo que tentasse. Eu tinha guardado tudo aquilo.

Permaneci imóvel por um instante. A foto pairava sobre a gaveta. Por mais que fosse um tesouro, não podia jogá-la ali. Eu não tinha como deixar Eikko numa caixa.



ANTES QUE AQUELE QUE SERIA O DIA mais importante da minha vida sequer tivesse começado, fui chamada ao Salão das Mulheres. Minha mãe podia presidir suas audiências onde quisesse, e eu ainda não compreendia o que tornava aquele espaço enorme seu local favorito para isso. Mas como ela me chamou, eu fui.

Madame Lucy estava lá, assim como a tia May. Eu não sabia quem tinha vazado a notícia para ela, mas fiquei tão entusiasmada que quase voei pelo salão para abraçá-la. Foi quando percebi que minha tia querida não era o motivo do chamado. Madame Marlee chorava no ombro da minha mãe.

Ela levantou os olhos e olhou fixo para mim.

— Tudo bem não querer casar com ele, mas por que, POR QUE banir meu filho? Como vou viver sem ele?

— Josie vai continuar aqui — recordei com a voz gentil.

Ela ergueu o dedo para mim.

— Não banque a espertinha. Você pode ser a rainha, mas ainda é só uma criança.

Os olhos da minha mãe saltavam de uma para outra, sem saber ao certo o que fazer: defender uma filha com idade suficiente para se defender, mas ainda assim sua filha, ou consolar a amiga cujo filho partia sem aviso prévio, uma dor que ela conhecia por experiência própria.

— Madame Marlee, você vai ter que me deixar explicar.

Atravessei o salão, e ela soltou o corpo numa cadeira.



— Eu amo Kile. Ele se tornou mais importante para mim do que eu poderia esperar. E a verdade é que ele teria ficado aqui por mim. Poderia ter ficado por você. Mas você quer mesmo isso?

— Sim! — ela respondeu, me encarando com os olhos vermelhos.

— A partida de Ahren quase acabou com o coração da minha mãe, literalmente. E arrasou o meu. Isso quer dizer que ele deveria ter ficado aqui para sempre?

Ela não respondeu. Minha mãe baixou os olhos, apertou os lábios; talvez ela mesma só tivesse compreendido tudo naquele momento.

— Sei que é difícil falar de assuntos desconfortáveis. Por exemplo, as cicatrizes nas suas mãos — continuei, com os olhos fixos na madame Marlee. — Mas precisamos falar disso. Foi impressionante o que você fez por amor. Fico com inveja e ao mesmo tempo maravilhada.

Ela se recompôs, mas logo as lágrimas voltaram a cair, e fiz força para não me abalar. Tinha muita gente contando comigo naquele dia.

— Todas sabemos o que você fez — retomei. — E como você foi salva, e compreendo que você sinta que tem uma espécie de dívida eterna em relação à nossa família. Mas você não nos deve nada. Madame Marlee, o que mais você acha que poderíamos querer de você?

Ela continuou calada.

— Pergunte à minha mãe. Ela não quer você trancafiada aqui. Vocês podem ir com seu filho, se quiserem. Podem viajar o mundo como dignitários, se quiserem. A ideia de que a sua vida não é sua só porque foi poupada é falsa. E passar esse fardo para seus filhos? Forçar um jovem inteligente, talentoso e apaixonado a passar seus melhores anos atrás destes muros? Isso é crueldade.

Madame Marlee enterrou a cabeça entre as mãos.

— Você podia ter ido embora do palácio, se quisesse — minha mãe cochichou em seu ouvido. — Pensei que soubesse.

— Não era essa a vontade, pelo menos não a minha. Carter e eu teríamos morrido anos atrás se não fosse por você e Maxon. Eu não era capaz de me imaginar fazendo outra coisa além de agradecer vocês.

— Você me ofereceu sua amizade quando mal nos conhecíamos. Você me

convenceu a não desistir da Seleção. Você segurava meu cabelo para trás quando eu tinha enjoos matinais. Lembra? Eles só vinham à tarde.

As duas riram.

— Quando eu tive medo de assumir o cargo, você me disse que eu era capaz. Você ajudou a dar pontos num ferimento de bala!

Quase perguntei do que aquilo se tratava, mas deixei para lá.

Madame Lucy se aproximou, ficou de joelhos ao lado de madame Marlee e tomou a mão dela.

— O nosso passado é bem complicado, não é? — perguntou, e minha mãe e madame Marlee sorriram. — Cometemos erros, guardamos segredos e fizemos um monte de idiotices, assim como coisas boas. Mas olhem para nós agora. Somos mulheres maduras. E olhem para Eadlyn.

As três fizeram exatamente isso.

— Açam que daqui a vinte anos ela precisa estar presa a cada um dos seus errinhos? Acorrentada a eles?

Engoli em seco.

— E nós? Devemos nos prender também? — madame Lucy concluiu.

Madame Marlee soltou os ombros e puxou minha mãe e madame Lucy para um abraço.

Observei a cena com um nó na garganta.

Chegaria um dia em que minha mãe não estaria mais aqui, em que minha tia não poderia mais me visitar, em que aquelas mulheres deixariam o palácio. Mas Josie e Neena e eu estaríamos lá, com filhas e primos e amigos. Viveríamos juntas e compartilharíamos nossas vidas e cultivaríamos uma irmandade sagrada que poucas mulheres teriam experimentado na vida.

Fiquei feliz por minha mãe ter decidido atravessar o país e vir para o palácio. Ter vindo para a casa de um estranho e confiado numa garota no avião e ter feito amizade com a garota que preparava seu banho. E não importava se ou quando as três se separariam, porque elas nunca estariam separadas. Não de verdade.



O ESTÚDIO TINHA PASSADO POR UMA RENOVAÇÃO. Meu ideal de intimidade não correspondia exatamente a um anúncio de noivado transmitido ao vivo para o país inteiro, diante de uma plateia de amigos, familiares e da equipe de produção. Mas às vezes uma garota precisa se contentar com o que tem.

Corri os olhos pelo salão à procura dos meus pais. Precisava ver os dois, ver o sorriso deles com a minha escolha. Se estivessem felizes e calmos, eu também estaria. Mas eles ainda não tinham chegado. Kaden, por outro lado, já estava lá.

Observei-o da porta. Seu olhar estava perdido, como o de alguém meio enfeitiçado. Ele se assustou um pouco quando me aproximei.

— Você está bem?

Ele limpou a garganta e olhou para o chão, corado.

— Estou. Tudo ótimo. Só estou esmaecendo.

Segui os olhos dele para tentar descobrir alguma coisa. Logo tudo ficou claríssimo. Josie tinha parado de usar aqueles penteados sofisticados e as joias exageradas. Tinha deixado de lado a maquiagem pesada e os vestidos espalhafatosos. Sua aparência — cabelo levemente cacheado, um leve batom nos lábios e um vestido azul apropriado à idade dela — dava a entender que ela finalmente tinha começado a ser ela mesma, em vez de me imitar.

— Josie está muito bonita esta noite — comentei.

— Ah é? Não tinha reparado. Mas agora que você comentou, é verdade, ela está bonita.

Madame Marlee, aparentemente leve e serena, disse algo ao sr. Carter, e Josie riu, num tom ainda um pouco alto demais para o meu gosto, mas agradável mesmo assim.

— Já que você não vai aparecer no programa, talvez pudesse sentar ao lado dela. Parece que tem um lugar vazio. — Olhei de relance para Kaden. Deu para ver os lábios dele formarem um sorriso que ele logo disfarçou.

— Acho que sim. Eu não tinha planejado sentar em algum lugar específico.

Ele foi até Josie, ajustando o terno a cada passo, e me peguei morta de curiosidade para saber como aquilo acabaria.

— Eadlyn.

Virei na direção da minha mãe, feliz por vê-la se aproximar de braços abertos.

— Como você se sente?

— Totalmente ótima e nem um pouco amedrontada — brinquei.

— Não se preocupe. Henri é uma boa escolha. Improvável, mas muito boa mesmo assim.

Espiei o fundo do estúdio, onde Eikko endireitava a gravata de Henri, e os dois não paravam de falar; seus lábios assumiam vários formatos estranhos que eu não conseguia ler.

— O curioso, porém, é que não há nada para invejar.

Olhei para a minha mãe, confusa.

— Invejar?

— Hoje de manhã você disse para madame Marlee que sentia inveja do que ela tinha feito por amor.

— Eu disse isso? — Engoli em seco.

— Disse. E me pergunto por que você teria inveja de alguém que sofreu para ficar com a pessoa amada quando tem um garoto muito fofo prestes a cair nos seus braços.

Gelei. Como ia inverter o jogo?

— Talvez “admiro” fosse uma palavra melhor. O que ela fez foi muito corajoso.

Minha mãe fez uma cara de enfado.

— Você pode mentir para mim, tudo bem, mas te aconselho a parar de mentir

para si mesma antes de se meter numa situação sem volta.

Depois de dizer aquilo, ela seguiu em frente e foi sentar perto de madame Lucy e do general Leger. O estúdio costumava ser frio, mas eu tinha certeza de que o calafrio que percorreu meu corpo não tinha nada a ver com a temperatura.

— E você vai esperar bem aqui — a produtora explicou a Henri enquanto o arrastava para o meu lado. — Ainda temos tempo, mas não saia correndo. Alguém viu Gavril? — ela gritou para ninguém especificamente.

Henri apontou para a gravata que Eikko tinha acabado de acertar.

— Está bom?

— Está — respondi, acariciando os ombros e as mangas de seu paletó.

Dei uma olhada atrás dele, na direção de Eikko, que mantinha perfeitamente a compostura. Eu tinha a esperança de parecer tão calma por fora quanto ele. Por dentro, me sentia como uma blusa de lã com um fio solto que ia sendo puxado e puxado, até não sobrar mais nada além de um emaranhado de lã no chão.

Dei uma volta ao redor de Henri com a desculpa de conferir o terno dele por todos os ângulos. Baixei os braços ao passar por Eikko e nossos dedos se tocaram antes de eu voltar ao meu lugar, diante do meu noivo.

Sentia o nervosismo na pele como eletricidade, então enlacei as mãos diante de mim, concentrada no peso do anel no meu dedo. Pelo canto do olho, notei que Eikko tinha desaparecido na multidão, provavelmente para que também pudesse manter um pouco de sanidade naquele momento.

— E então? — perguntei de frente para Henri. — Você está pronto?

Ele olhou para mim, e seu rosto geralmente radiante estava meio desanimado.

— Você está?

Queria dizer que sim, e conseguia ouvir a palavra na minha cabeça, mas era incapaz de pronunciá-la. Então apenas sorri e acenei com a cabeça.

Ele percebeu na hora o que se passava comigo.

Henri tomou minha mão e me levou até o fundo do estúdio, na direção de Eikko.

— *En voi* — Henri disse, no tom de voz mais solene que eu já tinha ouvido na vida.

Os olhos de Eikko caíram imediatamente sobre nós dois.

— *Miksi ei?*

— Sou lento aqui — Henri disse, apontando para a boca. — Não aqui — e apontou para os olhos.

Minha respiração acelerou. Eu sabia que a minha vida estava a ponto de desmoronar e fiquei aterrorizada com o que poderia vir depois.

— Vocês amam vocês — ele disse, gesticulando para nós dois.

Quando Eikko começou a balançar a cabeça, Henri deu um suspiro e levantou a mão do amigo, apontando para o anel de sinete. E depois levantou a minha, que ainda estava com o anel de Eikko.

— Eikko, por favor, explique para ele. Preciso continuar a Seleção. Diga para ele nunca duvidar de mim.

Ele começou a traduzir minha súplica, mas a expressão de Henri permaneceu inabalável.

— Por favor — implorei agarrada ao braço dele.

Com um olhar extremamente doce, Henri simplesmente falou:

— Eu dizer não.

Em seguida, tomou a minha mão e retirou com delicadeza a aliança.

O estúdio começou a ficar turvo. Eu estava a poucos minutos de um anúncio ao vivo, e tinha acabado de levar um fora.

Henri segurou meu rosto e olhou fundo nos meus olhos.

— Amo você — declarou. — Amo você.

Depois, se voltou para Eikko e agarrou-o pelo braço.

— E amo você. Meu bom amigo. Muito bom amigo.

Eikko engoliu em seco, pronto para chorar diante das palavras de Henri. Pelos últimos dois meses, só tinham um ao outro. Deixando de lado o que o momento significava para mim, pensei no que significava para eles.

Henri nos aproximou e disse:

— Vocês juntos. Faço o bolo!

Apesar das minhas preocupações, eu ri. Olhei nos olhos de Eikko. Meu coração implorava para que eu me entregasse àquele que eu queria de verdade. Mas eu não conseguia superar o medo.

Corri os olhos pelo estúdio, à procura da única pessoa de quem eu precisava

naquele momento. Quando o encontrei, disse aos rapazes:

— Esperem aqui. Por favor.

Atravessei o estúdio correndo.

— Pai! Pai, preciso da sua ajuda.

— Querida, o que houve?

Respirei fundo.

— Não quero me casar com Henri. Quero me casar com Eikko.

— Quem?

— Erik, o intérprete dele. Estou apaixonada e quero casar com ele. E, apesar de ele odiar tirar fotos, quero tirar mil para pendurar na parede do quarto e acordar todos os dias e ver a nossa imagem rindo, como você faz com a mamãe. E quero que ele faça pasteizinhos para mim, que nem a mãe dele faz com o pai. E quero descobrir qual vai ser a nossa coisa ou talvez descobrir que todas as coisas são nossas, porque sinto que, com ele, até as besteiras seriam importantes.

Meu pai permaneceu imóvel, meio boquiaberto.

— Mas basta você dizer uma palavra e nunca mais vou mencionar isso de novo. Quero fazer o que é certo e sei que você jamais me deixaria fazer uma idiotice. Me diga o que fazer, e aceito sem questionar, pai.

Ele conferiu o relógio com os olhos ainda arregalados pelo choque.

— Eadlyn, você só tem sete minutos.

Segui o olhar dele. Meu pai tinha razão. Faltavam sete minutos.

— Então me ajude. Me diga o que fazer!

Depois de um segundo atônito, meu pai me levou para fora do estúdio.

— Todos sabemos que você queria agir rápido por causa de Marid, e acho que há um pouco de lógica na sua linha de raciocínio. Mas você não pode deixar um mau-caráter decidir o resto da sua vida. Confie em mim. Você não precisa anunciar nada hoje.

— Não é essa a questão. Quero tanto ficar com Eikko que chega a doer, mas já fiz tantas coisas idiotas e egoístas no passado que temo que as pessoas não vão me perdoar caso eu quebre a menor das regras. Não suportaria decepcionar você, pai. Não suportaria.

— Eu? Decepcionado por causa de uma regra besta? — ele perguntou,

balançando a cabeça. — Eadlyn, você vem de uma longa linhagem de traidores. Eu nunca me decepcionaria com você.

— O quê?

Ele sorriu.

— A fuga do seu irmão para a França tecnicamente era motivo suficiente para começar uma guerra. Acho que ele sabia. Isso o deteve?

Fiz que não.

— A sua mãe — ele riu —, ela conspirou com o governo italiano para financiar os rebeldes do norte, o que a teria mandado para o túmulo se meu pai tivesse descoberto.

Permaneci imóvel, embasbacada.

— E eu? Deixei viver alguém que deveria ter morrido há vinte anos.

— Os Woodwork? — chutei.

— Ah! Não, tinha me esquecido deles, embora tenham sido oficialmente perdoados. Na verdade, é uma pessoa bem mais perigosa para a monarquia.

— Não entendi, pai.

Ele soltou um suspiro e deu uma olhada no corredor para conferir se ninguém nos espiava. Então desabotoou rápido a camisa, virou de costas e baixou-a rapidamente junto com o paletó.

Suspirei horrorizada ao ver as costas do meu pai. Estavam cobertas de cicatrizes: algumas largas, como se tivessem sarado sem qualquer tratamento; outras estreitas e enrugadas. Não parecia haver qualquer unidade entre elas, exceto que todas deviam ter sido causadas pela mesma vara ou chicote.

— Pai... Pai, o que aconteceu com você?

— Meu pai aconteceu — ele respondeu enquanto arrumava a camisa e a fechava o mais rápido possível. — Desculpe nunca ter te levado à praia, querida. Eu simplesmente não conseguia.

Desabei na hora. Ele ainda se desculpava...

— Não entendo. Por que ele fazia isso com você?

— Para me manter na linha, calado, e me tornar um líder melhor... Ele tinha uma miríade de motivos. Mas você só precisa saber de duas dessas surras. A primeira foi a que aconteceu depois que a sua mãe propôs o fim das castas.



Ele balançou a cabeça, quase rindo com a lembrança.

— Ela resolveu dizer isso no *Jornal Oficial* quando ainda era uma Selecionada. Claro que o meu pai, que já a odiava, viu aquilo como uma ameaça ao seu controle. E era mesmo. Era traição sugerir uma coisa dessas. Como eu disse, é de família. Eu fiquei com medo de que ele pudesse puni-la, então deixei que descontasse em mim.

— Minha nossa!

— É. Foi a última surra que levei na vida e juro que não me arrependo. Passaria por tudo de novo cem vezes por ela.

Eu nunca tinha ouvido falar nada daquilo. Só sabia que eles tinham começado a eliminar as castas juntos. Tantos detalhes horríveis da história deles haviam passado despercebidos. O maravilhoso vinha sempre acompanhado pelo péssimo.

— Odeio perguntar, mas qual é a outra surra que preciso saber?

Ele fechou o último botão e suspirou.

— A primeira.

Engoli em seco. Não tinha muita certeza se queria ouvir.

— Veja, meu pai era um homem muito presunçoso. Pensava que o mundo lhe devia tudo porque ele era rei. E, de fato, ele não tinha motivos para ser infeliz. Tinha poder, uma casa maravilhosa, uma esposa que o adorava e o próprio filho para continuar sua linhagem. Mas nunca era o bastante.

Meu pai olhava para o nada, e eu apenas observava, ainda sem entender.

— Eu sempre sabia quando a amante dele vinha — continuou. — Logo cedo ele dava um presente para a minha mãe, como se quisesse pagar os pecados antes de cometê-los. Depois, no jantar, enchia a taça de vinho dela sem parar até que ela estivesse prestes a adormecer. E, claro, o quarto dela ficava em outra ala. Imagino que tenha sido ideia dele, não dela. Não consigo imaginar minha mãe separada do meu pai de propósito. Ela tinha uma verdadeira adoração por ele.

Ele prosseguiu:

— Em todo caso, eu devia ter uns onze anos quando, circulando pelo palácio, flagrei a mulher indo embora uma noite. O cabelo bagunçado e uma capa nos ombros, como se pudesse esconder o que tinha feito. E eu sabia. Sabia por que

ela estava aqui, e a odiava por isso. Mais do que odiava meu pai, o que era injusto. Assim que ela saiu, fui falar com ele. Ele estava de roupão, bêbado e suado. E eu lhe disse: “Nunca vou esquecer isso. Você não pode mais deixar essa vagabunda entrar aqui de novo”. Como se eu pudesse dizer a um rei o que fazer. Meu pai me agarrou pelo braço com tanta força que deslocou meu ombro. Me jogou no chão e bateu nas minhas costas com uma vara não sei quantas vezes. Fiquei tão tonto com a dor que desmaiei. Acordei no meu quarto, com uma tipoia no braço. Quando recobrei a consciência, meu mordomo disse que eu não devia fazer brincadeiras de mão com os guardas, que eu era novo demais para achar que podia brincar com eles.

Meu pai balançou a cabeça.

— Não sei quem foi demitido ou coisa pior para dar credibilidade à história, mas sabia que devia ficar calado. E eu era tão pequeno que não ousei contar para ninguém. Quando fiquei mais velho, passei a esconder o acontecido por vergonha. E depois, de algum jeito, aquilo virou motivo de orgulho para mim. Suportei o sofrimento sozinho, sem apoio, o que era admirável. Claro que não era. Era burrice, mas inventamos desculpas para nós mesmos quando somos jovens.

Ele me abriu um sorriso fraco.

— Sinto muito, pai.

— Tudo bem. Isso me tornou uma pessoa mais forte e, espero, um pai melhor. Espero ter acertado com você.

Meus olhos marejaram.

— Acertou.

— Ótimo. Bom, respondendo à sua pergunta, uns anos mais tarde comecei a achar que meu pai tinha finalmente se livrado da amante. Já contei que eu sempre percebia quando ele planejava trazê-la ao palácio. Eu ficava de olho para ver se ele voltava à velha rotina e cheguei a me esgueirar pela casa várias noites só para garantir. Ela sumiu por meses e meses e então, um dia, lá estava ela, caminhando pelo corredor como se fosse dona do palácio. Aquilo me encheu de ódio. Fiquei furioso por aquela mulher ter a cara de pau de aparecer enquanto minha mãe dormia no fim do corredor. Por isso, fui até lá e a confrontei. Ela

inclinou a cabeça para o lado e abriu um sorriso sarcástico, como se eu fosse um inseto, um nada. Então, falou baixo no meu ouvido: “Vou dizer à sua irmãzinha que você mandou um oi”. E foi embora, me deixando completamente pasmo. Devo ter ficado ali por uns bons dez minutos, atônito demais para me mexer. Será que ela tinha dito aquilo para me cutucar? Será que eu tinha mesmo uma meia-irmã que não conhecia? Eu não ia implorar para que ela me respondesse, e era óbvio que não podia perguntar ao meu pai. Só depois que ele morreu é que pude começar a procurá-la.

Ele engoliu em seco.

— Mas há um porém. Filhos bastardos da realeza não têm o direito de viver.

— O quê? Por quê?

— Acho que porque podem representar uma ameaça à linhagem real. Guerras civis e instabilidade política não fazem bem para ninguém. Ainda hoje, veja só o problema que Marid causou. Por isso, no passado, eliminávamos as ameaças logo que eram descobertas — meu pai explicou inexpressivo, quase indiferente.

— Então você a matou?

Ele sorriu para si mesmo.

— Não. Fiquei encantado assim que pus os olhos nela. Ela era só uma criança e não fazia ideia de quem era seu pai. Não tinha culpa por ter nascido metade realeza. Então, tirei-a da mãe e a mantive próxima de mim, e é assim até hoje.

Ele finalmente arriscou um olhar para mim.

— A srta. Brice?

— A srta. Brice.

Eu não sabia o que dizer. Eu tinha outra tia. E nos últimos tempos ela tinha feito tanto por mim quanto qualquer outro membro da família. Mais do que alguns, na verdade. Eu devia muito a ela.

— Eu me sinto mal por deixá-la nas sombras — meu pai confessou.

— Eu sei. Se ela tem sangue real, acho que merece mais.

— Não é possível. E ela compreende. Agradece simplesmente por estar aqui — meu pai argumentou. E, embora nós dois soubéssemos que aquilo era verdade, não concordávamos a respeito de ser ou não suficiente. — Então, veja só, faz vinte anos que cometo um ato de traição todos os dias. E sua mãe

cometeu, seu irmão cometeu. Ouso dizer que Kaden é o único que consegue viver sem quebrar regra nenhuma.

Sorri, pensando em como aquilo era verdade, e já lamentava todas as regras que Osten ainda ia quebrar.

— Quebre essa regra idiota, Eadlyn. Case com o homem que ama. Se ele é bom o suficiente para merecer sua aprovação, então merece a minha também. E se o povo não gostar, problema dele. Porque, afinal, quem é você?

— Sou Eadlyn Schreave, e nenhuma pessoa no mundo é mais poderosa do que eu — respondi sem pensar.

Meu pai fez que sim.

— É isso aí.

A produtora escancarou a porta.

— Ainda bem! A senhorita tem dez segundos. Corra!



CORRI PARA DENTRO DO ESTÚDIO À PROCURA DE EIKKO. Não conseguia enxergá-lo no meio da multidão que circulava à minha caça.

Subi no palco com um tropeço quando a luz da câmera ficou vermelha. Tirei o cabelo do rosto e comecei a falar sem fazer ideia de onde minhas palavras me levariam.

— Boa noite, Illéa — comecei, quebrando todas as regras que tinha aprendido sobre falar em público. Com uma postura horrenda, um tom desafinado e sem me dar ao trabalho de olhar para a câmera por estar ocupada demais procurando Eikko. — Temos algumas surpresas para vocês esta noite. Nesta edição especial do *Jornal Oficial*, vou fazer um anúncio importante.

Enfim o achei, meio escondido atrás de Henri.

— Por favor, me ajudem a dar as boas-vindas ao sr. Eikko Koshinen.

A plateia aplaudiu, e fiquei ali na esperança de que ele enfrentasse as câmeras por mim. Eikko engoliu em seco, ajeitou a gravata, e Henri lhe deu um tapinha nas costas para apressá-lo.

Tomei a mão dele e o convidei a ficar de pé ao meu lado. Eu estava meio zozna, e temi que ele também estivesse.

— Alguns de vocês devem lembrar da participação deste cavalheiro no *Jornal* algumas semanas atrás. Ele é o intérprete do sr. Henri e, desde a sua chegada ao palácio, provou ser inteligente, bondoso, honrado, divertido e dezenas de outras coisas que eu não sabia que queria até encontrá-las combinadas nele.

Olhei para o lado, e algo em seu rosto, um ar esperançoso em seus olhos, me acalmou. Esqueci as câmeras e continuei:

— Por isso, fiquei perdidamente apaixonada por ele.

— E eu por você — ele completou, tão baixo que talvez ninguém tenha notado.

— Eikko Petteri Koshinen, você me daria a honra extraordinária de se tornar meu marido?

Ele deu uma gargalhada linda e incrédula, e o mundo parou. Não havia nada de ficar de joelhos ou procurar alianças. Éramos só nós dois.

E milhões de telespectadores.

Eikko se virou para o lado, e segui seu olhar, consciente de que ele procurava por Henri. Seu amigo se levantou, abanando as mãos e dizendo um “sim” exagerado com um olhar frenético.

— Sim — Eikko respondeu afinal, entre gargalhadas.

Pulei em cima dele, enrosquei meus braços no seu pescoço e o puxei em um beijo. Tinha uma vaga percepção dos aplausos e assovios, mas as batidas alegres do meu coração abafavam quase tudo.

Uma parte do meu cérebro me dizia que eu devia me preocupar com a reação do país, com o que aconteceria depois daquela noite. Mas a outra parte sufocou a preocupação e eu soube, com uma certeza pura e perfeita, que tinha encontrado minha alma gêmea.

Recuei para vê-lo com uma felicidade indescritível.

Depois de um segundo, vi sua expressão ser tomada pela dúvida.

— E agora? O que eu faço? — ele perguntou.

Abri um sorriso.

— Fique ali do lado por um instante. Tenho outro assunto para resolver. E depois quero conversar com você sobre um montão de coisas.

— Digo o mesmo.

O aplauso cessou, e encarei a câmera, contente demais para ter medo, e disse ao povo a maior verdade que conhecia:

— Tenho consciência de que faz apenas alguns dias que sou sua rainha, mas vivi, nesse curto período e por muito tempo antes disso, preocupada com meu

lugar no coração de vocês. Não sei ao certo se um dia vou conseguir entender o motivo de tanta rejeição a mim, mas só agora começo a perceber que não devo me importar com isso. Minha vida deve ser só minha, não de vocês.

Fiz uma pausa.

— E, da mesma maneira, a vida de vocês deve ser de vocês, não minha.

Naquele momento, senti o clima no estúdio mudar, e talvez eu estivesse louca, mas a sensação era de que a mudança ia além dos limites do estúdio.

— Os últimos dois meses foram um turbilhão para mim. Quase perdi minha mãe, vi meu irmão gêmeo querido partir para outro país, fui coroada rainha e terminei uma Seleção que ninguém imaginava que teríamos.

Sorri, pensando em como tudo tinha acontecido tão rápido e em como isso podia ter me destruído, o que não aconteceu.

— Durante esse período, alguns de vocês demonstraram compreensão, enquanto outros se sentiram ignorados. Alguns me apoiaram; outros me agrediram. Até recentemente, eu dizia que esses sentimentos não tinham fundamento, mas agora tenho certeza de que isso é falso.

Mais uma pausa.

— Antes da Seleção, vivia cercada por alguns poucos conhecidos. Admito: a maior preocupação do mundo para mim era o meu conforto e, para preservá-lo, estava disposta a sacrificar uma vasta gama de coisas, até o bem-estar daqueles ao meu redor. Não me orgulho de confessar isso.

Fixei a vista no carpete por um instante na tentativa de me manter firme.

— Mas os jovens que conheci na Seleção — retomei — me mostraram um mundo além das muralhas em que eu tinha me fechado. Só nas últimas semanas me dei conta do pouco que conheço do meu próprio país. Orçamentos e projetos podem me fornecer um mapa das suas necessidades, mas só soube realmente tudo o que passam ao ver vocês cara a cara.

Respirei fundo.

— Por isso, venho diante de vocês agora para anunciar que Illéa se tornará uma monarquia constitucional.

Sussurros e interjeições ecoaram pelo estúdio, e dei um tempo para a plateia digerir a informação, imaginando que quem assistia de casa também precisava

refletir.

— Por favor, não pensem que quero me esquivar dos meus deveres. Na verdade, sei agora que amo vocês demais para tentar cumprir meu papel sozinha. Mesmo com um parceiro — disse, olhando Eikko pelo canto do olho e sorrindo —, seria uma tarefa grande demais para qualquer pessoa, como demonstram as mortes prematuras e os problemas de saúde dos meus predecessores. Vou fazer a minha parte para que vocês possam fazer a sua. Por muito tempo até agora nós do palácio buscamos meios de melhorar a vida de vocês, de torná-los mais felizes, para então constatar que não há como fazer isso. A vida de vocês deve estar em suas mãos. Só assim vocês verão as mudanças por que esperam há gerações.

Esperei mais um instante antes de detalhar o que ia acontecer.

— Vou encontrar um primeiro-ministro provisório adequado, e planejamos realizar eleições dentro de dois anos. Não sou capaz nem de começar a expressar como estou ansiosa para ver o que vocês reservam para o nosso país. Tenho certeza de que haverá muitas questões e obstáculos durante o processo de reestruturação do país, mas, por favor, estejam convictos de que a família real estará ao seu lado. Não posso governar o coração de vocês, assim como vocês não podem governar o meu. Acho que já é tempo de todos nós buscarmos um futuro melhor e mais brilhante.

Abri um sorriso, sem sentir medo ou ansiedade, mas paz. Se qualquer um de nós tivesse parado de se preocupar com a *aparência* do que fazíamos e se concentrado no que de fato fazíamos, teríamos chegado àquela conclusão muito tempo antes.

— Obrigada a todos pelo apoio. A mim, à minha família e ao meu noivo. Amo você, Illéa. Boa noite.

As luzes das câmeras se apagaram, e saí do cenário para encontrar uma gritaria. Os conselheiros estavam irados, obviamente, e cercaram meu pai para exigir respostas.

— Por que vocês estão gritando comigo, seus idiotas? — ele rebateu. — Agora Eadlyn é a rainha. Falem com ela.

Me virei para Eikko.



— Você está bem?

Ele riu.

— Nunca estive mais feliz nem mais apavorado.

— É um bom resumo.

— Ei! — Kile gritou, com Henri vindo logo atrás para abraçar Eikko. Enquanto eles comemoravam, eu me afastei. Tinha muitas coisas para resolver.

Abri caminho às cotoveladas por entre os conselheiros irados e confusos e fui até o telefone no fundo do estúdio para discar um número bem familiar.

Marid atendeu de imediato.

— O que você fez?! — ele gritou.

— Eliminei qualquer possibilidade de você participar do meu reinado.

— Você percebe a burrice que fez?

— O que eu percebo é que algo perfeitamente normal te deixou aterrorizado algumas semanas atrás. Agora faz sentido. Por que você ia querer o poder nas mãos de qualquer outra pessoa que não fosse você?

— Se você acha que é a última vez que vai ouvir falar de mim...

— Acho mesmo — interrompi. — Porque agora que meu ouvido está mais perto do povo, não preciso mais de você. Passar bem.

Sorri alegre e convicta, certa de uma coisa importantíssima: meu país já não podia mais ser arrancado de mim; eu o entregara de bom grado. Meu povo queria a felicidade tanto quanto eu, e eu tinha certeza de que nenhum de nós aguentava mais que outros tentassem viver nossas vidas.

— Eadlyn! — A srta. Brice veio correndo até mim. — Sua garota brilhante, brilhante!

— Você aceita, não é?

— Aceito o quê?

— Ser primeira-ministra. Até realizarmos as eleições, mas ainda assim.

Ela riu.

— Não sei se sou a pessoa certa para o cargo. Além disso, há...

— Vamos lá, tia Brice.

Por uma fração de segundo, ela pareceu horrorizada. Então, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Nunca pensei que fosse ouvir essas palavras.

Cheguei mais perto e abracei aquela mulher que tinha se tornado uma das minhas maiores confidentes. Era estranho porque, embora eu nunca a tivesse perdido, aquele abraço me deu a sensação de recuperar alguma coisa. Como quando Ahren voltou para a coroação.

— Ai, minha nossa, tenho que ligar para o meu irmão! — exclamei.

— Vamos acrescentar isso à lista de afazeres. Noivado, feito. Mudar o país, feito. O que vem depois?

Olhei para o outro lado do estúdio e vi meu pai apertar a mão de Eikko enquanto minha mãe se esticava para dar um beijo na bochecha dele.

— Mudar a minha vida.



## EPÍLOGO

É ESTRANHO SER PRODUTO DE UM ROMANCE de conto de fadas. Outra coisa é pensar que você pode encontrar seu próprio final feliz. Você pode ler histórias e assistir a filmes, e pode achar que sabe como tudo deve acontecer.

Mas a verdade é que o amor é tanto destino como planejamento, tanto beleza como tragédia.

Encontrar um príncipe talvez suponha beijar muitos sapos. Ou enxotar muitos sapos da sua casa. Apaixonar-se talvez suponha mergulhar de cabeça naquilo com que você sempre sonhou. Ou molhar o dedo do pé em algo que passou a vida inteira temendo. O seu “felizes para sempre” pode estar à sua espera em um campo com quilômetros de extensão. Ou em um curto intervalo de sete minutos.

## AGRADECIMENTOS

O.k., pessoal. Acho que a essa altura eu poderia fazer um teste com vocês sobre as pessoas que sempre aparecem nos meus agradecimentos e vocês tirariam dez. Vocês seguem minha agente no Twitter, marcam minha assessora no Tumblr e acham que minha editora é minha irmã, mesmo que não seja. Vocês me perguntam sobre meu marido e meus filhos nas sessões de autógrafos, porque eles começaram a importar pra vocês também. Então vamos simplificar.

Obrigada.

Ao exército de pessoas que tornam os livros bonitos, aos amigos e familiares que me ajudam a seguir em frente, e a você. Essa série foi uma aventura para toda a vida, então mesmo que a gente não viva mais nada parecido, ainda estarei feliz.

E obrigada a America e Eadlyn, por decidirem morar na minha cabeça. Mudaram a minha vida.

Amo vocês para sempre.

K



Dustin Cohen

KIERA CASS nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e atualmente mora em Christiansburg. Além da série *A Seleção*, também é autora de *A sereia*. Beijou aproximadamente catorze garotos em sua vida, mas nenhum deles era um príncipe.

Mais informações:

[www.kieracass.com](http://www.kieracass.com)

@kieracass

[www.facebook.com/kieracass](https://www.facebook.com/kieracass)

[www.facebook.com/theselection](https://www.facebook.com/theselection)

[www.youtube.com/user/kieracass](https://www.youtube.com/user/kieracass)

[www.pinterest.com/kieracass](https://www.pinterest.com/kieracass)

Copyright © 2016 by Kiera Cass

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Crown

CAPA Erin Fitzsimmons

© 2016 by Gustavo Marx/ Merge Left Reps, Inc.

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0582-5

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](https://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# Sumário

Capa

Rosto

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19



20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

UM CONTO DE A SELEÇÃO



# O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

# O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)



# Maré congelada

Rhodes, Morgan

9788543805405

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

No quarto volume da série A Queda dos Reinos, rebeldes e realza lutam pelo trono de Mítica.

As disputas pela Tétrade, quatro cristais mágicos capazes de conferir poderes inimagináveis a quem os encontrar, continua. Amara roubou o cristal da água, Jonas conseguiu o da terra, Felix enganou os rebeldes para ficar com o cristal do ar, e Lucia está com o do fogo. Mas nem todos sabem como ativar a magia da Tétrade, e apenas a princesa feiticeira conquistou poder até agora, aliando-se ao deus do fogo que libertou de seu cristal.

Gaius, o Rei Sanguinário, também não desistiu de encontrar os cristais. Ele está mais sedento por poder do que nunca, especialmente agora que não conta mais com a ajuda da imortal Melenia nem com o apoio de Magnus, o herdeiro que o traiu para poupar a vida da princesa Cleo. Para conquistar todo o mundo conhecido, Gaius resolve atravessar o mar gelado até Kraeshia, e tentar um acordo com o imperador perverso de lá. No caminho, o rei vai encontrar muitas dificuldades e inimigos, como Amara, princesa de Kraeshia, que tem seus próprios planos para conquistar o poder.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO  
KIERA CASS

# A SEREIA

SEGUINTE



# A sereia

Cass, Kiera

9788543804842

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil! Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

[Compre agora e leia](#)

LOOK RIGHT

John Boyne

# Tormento

DO AUTOR DE O MENINO DO PIJAMA LISTRADO

SEGUIRTE



# Tormento

Boyne, John

9788580869163

88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Apesar de sentir falta do irmão mais velho, que estava fazendo faculdade em outro país, Danny aproveitava o tempo livre das férias para andar de bicicleta e jogar bola com seu melhor amigo, Luke Kennedy. Até que um dia volta para casa e, estranhamente, não vê sinal de sua mãe. Quando a sra. Delaney finalmente chega, vem acompanhada de dois policiais. Ela havia se envolvido em um acidente - atropelara um garotinho que agora estava em coma, com poucas chances de sobreviver. A sra. Delaney se afoga em culpa e se isola de todo mundo, inclusive do marido e de Danny. O garoto, por sua vez, não entende o que está acontecendo. Por que sua mãe se sente tão culpada quando a própria polícia disse que ela não era responsável pelo que tinha acontecido? E para complicar ainda mais a situação, uma garota estranha fica parada em frente à casa de Danny, claramente observando seus passos...

[Compre agora e leia](#)



# NÃO ME ESQUEÇA



garota <3 garoto

ALI CRONIN



SEGUIRTE

# Não me esqueça

Cronin, Ali

9788543802343

16 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto gratuito que precede o 2º volume de Garota <3 Garoto. Durante os preparativos para a viagem de férias com seus pais para a Espanha, Sarah descobre uma caixa repleta de recordações. Conforme ela relembra histórias de seus amigos, será que ela descobrirá que seus sentimentos por um deles são mais fortes do que imaginava?

[Compre agora e leia](#)